



CEARÁ 2050
JUNTOS PENSANDO O FUTURO.

CEARÁ 2050

Diagnóstico Qualitativo

Tomo III: Diagnóstico da Inserção Internacional

Fortaleza - CE, maio de 2018

CEARÁ 2050

Diagnóstico Qualitativo

Tomo III: Diagnóstico da Inserção Internacional

Autores:

Jair do Amaral Filho (coordenador)

Maria Cristina Pereira de Melo

Francisco Laercio Pereira Braga

AGRADECIMENTOS

A Coordenação Técnica e a Equipe elaboradora do Diagnóstico Quantitativo e Qualitativo agradecem a Júlio Cavalcante Neto (SEPLAG); Raimundo Avilton Meneses Júnior (SEPLAG); Célio Fernando Bezerra Melo (SEPLAG); Adriano Sarquis Bezerra de Menezes (IPECE); Cláudio André Gondim Nogueira (IPECE); Antônio Cláudio Ferreira Lima (GABGOV); José de Paula Barros Neto (Fundação ASTEF); Exedito José de Sá Parente Júnior (Fundação ASTEF); Antônio Nunes Miranda (Fundação ASTEF); Francisco José Lima Matos (Fundação ASTEF); Airton I. Montenegro Jr. (Fundação ASTEF); Almir Távora (Projeto Ceará 2050); Alexandre Lira Cavalcante (IPECE); Cleyber Medeiros (IPECE); Raquel da Silva Sales (IPECE); Pedro Fernandes (UERN); Paulo Pontes (IPECE); Cristiane Lorenzetti (SEPLAG); Luiz Carlos Holanda Antero (SEPLAG); Rogério Barbosa Soares (IPECE); José Freire Júnior (IPECE); pelos comentários e sugestões realizados sobre a versão preliminar deste documento, e agradece também ao apoio técnico dado por Luiza Manoela Souza da Silva (Fundação ASTEF).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Brasil, Nordeste, Ceará: grau de abertura (GA) (anos selecionados).....	20
Gráfico 2: Brasil, Nordeste, Ceará: coeficiente de importação (m) (anos selecionados).....	21
Gráfico 3: Ceará – taxa de cobertura das exportações e <i>Market-Share</i> relativos à Região.....	22
Gráfico 4: Ceará – participação das exportações e importações no Brasil e na Região (%) (1989-2016)	22
Gráfico 5: Estados do Nordeste – exportação (participação relativa à Região) (1989, 1997, 2007,2016) (%).....	24
Gráfico 6: Estados do Nordeste – <i>Market-Share</i> (1989, 1997, 2007, 2016) (%).....	25
Gráfico 7: Ceará – exportação, importação, saldo e corrente de comércio (1989-2016) (US\$ milhão)	30
Gráfico 8: Ceará – exportação segundo classe de produtos (%) (1992-2016).....	32
Gráfico 9: Ceará – importação segundo classe de produtos (%) (1992-2016).....	32
Gráfico 10: Ceará – exportação segundo categorias de uso (%) (2002-2016).....	34
Gráfico 11: Ceará – importação segundo categoria de uso (%) (2002-2016).....	35
Gráfico 12: Ceará – índice de <i>quantum</i> e índice de preço das exportações (1985-2013).....	37
Gráfico 13: Ceará – índice de <i>quantum</i> e índice de preço das importações (1996-2013).....	37
Gráfico 14: Ceará – taxa simples de cobertura das importações (1989-2016).....	39
Gráfico 15: Ceará – índice de concentração dos países de destino das exportações (ICD) e dos países de origem das importações (ICO) (1989-2016).....	40
Gráfico 16: Ceará - exportações por modal (%) (1997-2016).....	47
Gráfico 17 : Ceará - exportações cearenses segundo porto de expedição (%) (1997-2016)...	48
Gráfico 18: Ceará – indicador de comércio intrasetorial (1989-2016).....	54
Gráfico 19: Ceará – índice de concentração setorial das exportações (ICX) e Índice de concentração setorial das importações (ICM) (1989-2016).....	54
Gráfico 20: Ceará – exportação e importação segundo número de itens (anos selecionados)	62
Gráfico 21: Ceará – grupo dos dez principais produtos exportados de 1989.....	71
Gráfico 22: Ceará – grupo dos principais produtos exportados de 1997.....	71
Gráfico 23: Ceará – exportação segundo intensidade tecnológica (US\$ mil) (1999-2016)....	75
Gráfico 24: Ceará – importação segundo intensidade tecnológica (US\$ mil) (1999-2016)...	76
Gráfico 25: Ceará – saldo da Balança Comercial segundo intensidade tecnológica (1999-2016) (mil US\$).....	77

Gráfico 26: Ceará - empresas exportadoras e importadoras segundo faixa de valor (anos selecionados) (quantidade)	79
Gráfico 27: Nordeste – participação do valor do Investimento Externo Direto (IED) segundo Estados da Região (acumulado 2003-2014) (%).....	113
Gráfico 28: Nordeste – participação do emprego direto gerado pelo Investimento Externo Direto (IED) segundo Estados da Região (acumulado 2003-2014) (%).....	113
Gráfico 29: Ceará – estoque de investimento externo direto (valor) (US\$ 1.000).....	115
Gráfico 30: Ceará – valor do estoque de Investimento Externo Direto segundo setores industriais (%) (2015)	115
Gráfico 31: Ceará – empresas ativas no Estado com capital estrangeiro (número) (1991-2013).....	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ceará - principais países de destino de 1996 (participação) (1989-1996).....	41
Tabela 2: Ceará - principais países de destino das exportações de 2016 (participação)(1997-2016).....	42
Tabela 3: Ceará - principais países de origem de 1996 (participação) (1989-1996).....	44
Tabela 4: Ceará – principais países de origem de 2016 (participação) (1997-2016).....	45
Tabela 5: Ceará - principais setores exportadores de 1996 (CS)(1989-1996).....	55
Tabela 6: Ceará - principais setores exportadores de 2016 (CS) (1997-2016).....	58
Tabela 7: Ceará – principais setores importadores de 1996 (CS) (1989-1996).....	59
Tabela 8: Ceará - principais setores importadores de 2016 (CS) (1997-2016).....	60
Tabela 9: Ceará: principais produtos exportados de 1996 (CS) (1989-1996).....	63
Tabela 10: Ceará - principais produtos exportados de 2016 (CS) (1997-2016).....	66
Tabela 11: Ceará - principais produtos importados de 1996 (CS) (1989-1996).....	68
Tabela 12: Ceará - principais produtos importados de 2016 (CS) (1997-2016).....	70
Tabela 13: Ceará – principais produtos de 2016, participação no Brasil, principal concorrente nacional e principais destinos (anos selecionados).....	73
Tabela 14: Ceará – exportações dos principais municípios exportadores de 2016 (valor acumulado e valor médio anual) (US\$) (2005-2010) (2011-2016).....	89
Tabela 15: Ceará – principais municípios exportadores de 2016 (2005-2016).....	91
Tabela 16: Ceará – principais municípios importadores de 2016 (2005-2016).....	91
Tabela 17: Ceará – saldo da balança comercial dos principais municípios exportadores e importadores (2005-2016) (milhão US\$).....	92

Tabela 18: Ceará – principais setores exportadores segundo principais municípios exportadores de 2016 (1997/2007).....	97
Tabela 19: Ceará – principais setores importadores segundo principais municípios importadores de 2016 (1997/2007/2016).....	104
Tabela 20: Ceará – principais setores dos principais municípios exportadores em 2016.....	111
Tabela 21: Nordeste – investimento externo direto segundo principais setores (2003-2014) (%).....	114
Tabela 22: Cidades das Américas com maior Custo Benefício para IED.....	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ceará – empresas instaladas na ZPE do Pecém	28
Quadro 2: Ceará – empresas exportadoras* (2002; 2004; 2012; 2014; 2016).....	81
Quadro 3: Ceará - Empresas incentivadas exportadoras (2004 e 2014).....	82
Quadro 4: Ceará – potencialidades e limites identificados.....	121

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Ceará – principais países de destino das exportações (1996 e 2016)	43
Mapa 2: Ceará – municípios exportadores (2005 e 2016).....	86
Mapa 3: Ceará – municípios exportadores por faixa de valor (2005 e 2016).....	88
Mapa 4: Ceará – distribuição setorial segundo municípios (2016).....	109

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO.....	7
1.INTRODUÇÃO.....	13
2.ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	14
3.CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL E REGIONAL DO COMÉRCIO EXTERNO ESTADUAL.....	20
3.1 Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI).....	25
3.2 Zona de Processamento de Exportação do Ceará (ZPE).....	27
4. COMPORTAMENTO DAS TRANSAÇÕES COMERCIAIS EXTERNAS DO CEARÁ: ANÁLISE AGREGADA.....	28
4.1 Balança Comercial	28
4.2 Exportação por fator agregado	31
4.3 Exportação por categoria de uso	33
4.4 Índice de Preço e Quantum	34
4.5 Taxa de Cobertura e Índice de concentração	38
4.6 Destino das exportações e Origem das importações.....	43
4.7 Aspectos modais das exportações.....	46
4.7.1 Porto do Pecém.....	49
4.7.2 Hub Aéreo.....	50
5. ANÁLISE SETORIAL DO COMÉRCIO EXTERIOR CEARENSE.....	52
5.1 Análise setorial das exportações e importações cearenses: abordagem dos subperíodos (1989 – 1996) e (1997 – 2016).....	52
5.2 Rebatimento dos incentivos fiscais nos setores exportadores	61
5.3 Qualificação da pauta de exportação e importação	62
5.3.1 Principais produtos exportados face aos principais concorrentes nacionais.. ..	71
5.4 Intensidade tecnológica das transações comerciais (1999 – 2016).....	74
5.5 Principais empresas exportadoras e importadoras segundo faixa de valor.....	78
5.5.1 Empresas incentivadas.....	82
5.5.1.1 Empresas incentivadas e a recomposição da pauta exportadora.....	84
6. POSIÇÃO MUNICIPAL NO COMÉRCIO EXTERNO DO CEARÁ.....	86
6.1 Exportações municipais segundo distribuição setorial das exportações	109
7. INVESTIMENTO EXTERNO DIRETO.....	112
7.1 INVESTIMENTOS EXTERNOS NO CEARÁ: PERSPECTIVAS	117
8. OPORTUNIDADES E LIMITES PARA O CRESCIMENTO DO COMÉRCIO EXTERIOR CEARENSE.....	119
REFERÊNCIAS.....	122

- SUMÁRIO EXECUTIVO -

O grau de abertura do Ceará dobrou na década de 1990 e chegou ao nível mais elevado em 2016 (valor estimado em R\$ 102.970.339.558,56), o que demonstra que a corrente de comércio estadual alcançou montante nunca antes observado. Nesse último ano, a participação do comércio exterior no PIB ultrapassou o indicador para a Região Nordeste e chega a 84% do grau de abertura comercial do país. O salto ocorrido no grau de abertura do Ceará, em 2015, está relacionado ao aumento das importações estaduais quando da implantação da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) na Zona de Processamento de Exportação do Pecém (ZPE) e ao incremento das exportações estaduais no ano subsequente, também derivado desse mesmo empreendimento.

A participação do comércio mundial cearense no comércio mundial nordestino teve incremento ao longo da década de 1990. Recua na primeira metade dos anos 2000 para permanecer, estável até 2013. Em 2016, ocorre inflexão dessa tendência puxada pelo aumento das importações advindas da Coreia do Sul e incremento das exportações, ambas efetuadas pela CSP.

Entretanto, nota-se que ainda é baixa a representatividade estadual nas vendas externas nacionais. Do lado das compras, observa-se que a parcela das importações cearenses no total das brasileiras gravita em torno de 1%, ligeiramente superior àquela registrada pelas participações nas vendas nacionais.

O desempenho do setor exportador do Ceará, a partir da segunda metade dos anos 1990, esteve, sem dúvida, relacionado à política de incentivos do governo do estado através do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI) com seus Programas: Programa de Atração de Investimentos de Empresas Industriais (PROVIN) e o Programa de Incentivos às Atividades Portuárias e Industriais do Ceará (PROAPI), cujo benefício, neste último, estava atrelado diretamente ao comércio exterior. Associa-se, ainda, esse comportamento externo, em certa medida, ao ajuste fiscal das contas públicas, ao crescimento dos investimentos públicos e privados e ao razoável crescimento econômico nas áreas urbanas e nos setores industrial e de serviços processados no estado. Mais recentemente, a instalação da CSP propiciou a instalação de projetos que começaram a modificar, gradativamente, a estrutura da pauta exportadora e importadora do estado.

Ao longo de todo período analisado (1989-2016), percebeu-se, claramente, perda de participação dos produtos básicos na composição das exportações cearenses. O desempenho nas vendas de produtos industrializados bem superior àquela dos produtos básicos fez com que esse grupo de produtos respondesse por mais de 2/3 do total exportado em 2016. Houve recomposição da pauta exportadora estadual em direção a produtos com maior nível de agregação de valor no decorrer desse

período. As vendas externas de produtos industrializados, notadamente os manufaturados, foram impulsionadas pelas políticas de atração de empresas postas em prática pelo governo estadual. O setor de calçados foi, em grande medida, responsável pelas vendas externas do segmento de industrializados e, no último ano, o produto semimanufaturado de ferro, comercializado pela CSP, tomou espaço na estrutura de exportação dos produtos industrializados cearenses.

As exportações estaduais estão concentradas nos bens de consumo; esse segmento domina o valor das vendas externas cearenses ao longo de toda a série temporal analisada, com destaque para os bens de consumo não duráveis e nestes a indústria de calçados é fortemente representativa. Em 2016, a exportação expressiva dos semimanufaturados de ferro modifica a parcela relativa dos bens intermediários na pauta estadual de vendas externas.

As importações cearenses, por sua vez, estiveram concentradas no segmento de bens intermediários. Quanto ao setor de bens de capital, a participação oscila de forma significativa no decorrer desses anos, refletindo crescimento da capacidade produtiva em anos específicos. A forte participação das compras de bens intermediários do exterior denota a fraca integração da cadeia produtiva local e mesmo com a cadeia produtiva nacional.

Os parceiros comerciais do Ceará foram se diversificando ao longo das décadas. Do lado dos parceiros compradores, evidencia-se desconcentração dos destinos das exportações. Isso fica mais evidente quando se compara o número total de países de destino, o qual dobrou entre as duas pontas do período.

No período analisado, ocorreram, também, mudanças significativas nas posições relativas dos parceiros importadores dos produtos estaduais como também nas posições dos países de origem das compras estaduais. Os Estados Unidos continuou sendo o principal comprador do Ceará, mas perdeu participação. A Argentina foi ganhando espaço ano após ano, e manteve a segunda posição no final do período. Destaque para a Alemanha e Holanda que, em 2016, ocuparam a terceira e quarta colocações no ranking, respectivamente. A China começa a aparecer como país comprador no final da década 1990 e figura entre os principais a partir de 2004. As exportações dos produtos semimanufaturados de ferro, iniciadas em 2016, pela CSP corroborou para essa desconcentração, na medida em que essa empresa vendeu, nesse ano, o produto para 20 diferentes destinos, incluindo alguns que antes não eram importantes na pauta exportadora estadual, como, por exemplo, Turquia e Tailândia.

Os produtos exportados pelo estado do Ceará conquistaram novos mercados no intervalo de tempo analisado. A tímida diversificação ocorrida, nos últimos vinte anos, revela uma janela de oportunidade importante que pode ser ampliada nos próximos anos, pois mostra ganhos obtidos pelos produtos locais no mercado internacional, principalmente em direção a países europeus e asiáticos.

Do lado das origens, evidencia-se que a concentração do conjunto de países de origem esteve mais fraca que aquela observada nos países de destino. A Coréia do Sul saiu de uma posição sem significado ao longo de toda a série e chega, em 2016, em primeiro lugar. Resultado esse justificado pela instalação da Companhia Siderúrgica do Pecém instalada na Zona de Processamento de Exportação cearense. Com relação ao comércio bilateral Ceará-China, verifica-se que o ritmo de crescimento das exportações tem sido inferior ao das importações e esse país aparece como primeiro país vendedor para o estado já em 2007, desbancando os EUA e Argentina que se revezavam na primeira colocação. Esse país asiático foi deslocado dessa posição pelo seu vizinho, a Coréia do Sul, país de origem do Investimento Externo Direto realizado na ZPE do Pecém nos últimos anos. O comércio estadual com a China, nesses anos, evoluiu para uma pauta exportadora especializada e um maior nível de diversificação das compras.

No que diz respeito aos aspectos modais, a via marítima sempre foi, e continua sendo, a mais importante via de expedição ao exterior. Esta via detém parcela média anual acima de 90% e a construção do Porto do Pecém só veio corroborar com esse peso. A importância no porto do Pecém foi ratificada com a criação da ZPE em 2007 e a consequente instalação da CSP.

Contudo, alguns produtos mais perecíveis necessitam recorrer à via aérea como forma de expedição, como é o caso de flores, peixes e/ou crustáceos vivos ou frutas. A decisão de implantar um hub aéreo em Fortaleza pode desembocar em duas consequências identificadas de imediato: a) alcançar novos mercados; e b) exportar mercadorias com maior valor agregado.

O comércio externo cearense com o mundo evidencia transações comerciais efetivadas, fundamentalmente, entre setores que exploram fontes tradicionais de vantagens comparativas, portanto entre setores diferentes.

As vendas externas setoriais demonstram, a partir da década de 2000, certa diversificação na produção e exportação do estado com o mundo. No caso do índice de concentração das importações, este tende à desconcentração a partir do mesmo período. No entanto, a partir de 2011, o índice vem apresentando tendência de concentração, resultado devido ao grande volume de compras de maquinaria efetuada para a instalação da CSP.

A análise setorial da primeira metade da década de 1990 mostra que nove setores foram responsáveis por mais de 90% das exportações cearenses, com destaque para os quatro principais: frutas, algodão, gorduras, óleos e ceras e peixes e crustáceos. A partir de 1997 até 2016, a pauta dos principais setores exportadores apresentou mudanças, o que corrobora com as alterações ocorridas devido aos programas de incentivos fiscais. Apesar de a concentração das exportações cearenses ter ocorrido em apenas dez setores no ano de 2016, observou-se diversificação em relação a 1989, ainda que de forma tímida, e redistribuição nas posições relativas dos principais setores.

No geral, nota-se que alguns setores assumiram posição de destaque nas vendas externas cearenses, enquanto outros perderam espaço no mercado externo. Dois novos setores ganharam destaque no ordenamento dos principais, peles e couros e calçados e, mais recentemente, o setor de ferro fundido. Outros, tradicionais em importância na pauta, perderam participação, como, por exemplo, peixes e gorduras.

O setor de calçados apareceu como principal setor exportador do Ceará já em 2001. O setor de ferro fundido aumentou em mais de 5 vezes entre 1989 e 2016, enquanto o setor de peles e couros registrou aumento de 55% nas vendas no mercado internacional entre os extremos da série. Esse último setor teve comportamento significativo para a pauta estadual no período pós implantação do Programa (PROAPI), com a entrada da empresa Bermas Indústria e Comércio na produção e exportação de couros. O setor de ferro expressa crescimento no último ano como consequência da entrada em operação da CSP.

Deve-se ressaltar que alguns setores exportadores do estado do Ceará aproveitaram a janela de oportunidade aberta pela dinâmica da demanda mundial, são eles: calçados, frutas, gás e máquinas elétricas. O setor de embarcações registrou crescimento anual da demanda mundial considerado dinâmico, contudo este setor cearense não pontua significativamente na pauta exportadora estadual, revelando-se, portanto, uma janela de oportunidade aberta nos anos vindouros.

Em 2016, doze setores foram responsáveis por mais de 90% das compras externas cearenses, e se nota que setores ligados à formação bruta de capital fixo ganharam significativa representatividade na pauta estadual no final do período, com destaque para o setor de reatores nucleares. Vale enfatizar que o referido setor possui um comportamento volátil, ao longo dos anos, devido à sua característica específica. Em alguns anos as importações são, realmente, maiores que em outros, expressando movimentos de ciclos de investimentos na economia. Outros dois setores importantes na pauta importadora cearense são: máquinas e aparelhos elétricos e combustíveis.

Os setores industriais que despontaram, nas últimas décadas, como exportadores de relevância foram aqueles estimulados pela política industrial do estado que, de alguma forma, buscou potencializar algumas vantagens comparativas do Ceará, como é o caso do setor de calçados, que requer baixo conteúdo tecnológico para processamento.

Entre 1989 e 2016, ocorreu, também, crescimento da variedade de produtos comercializados tanto vendidos como comprados. O produto calçados de borracha já aparece, desde 1997, em posição de destaque e, no último ano, o produto semimanufaturado de ferro assumiu a liderança. O setor de frutas, tradicional tanto em produção quanto nas vendas externas, conseguiu colocar no mercado internacional outros produtos além da castanha de caju, fresca ou seca, sem casca. Neste setor, houve ganho de mercado de melões frescos, melancias frescas, bananas frescas ou secas.

Os quatro principais produtos importados pelo Ceará, em 2016, possuem característica especial, pois apareceram na pauta do estado a partir do final da segunda metade da década de 2000, são eles: gás natural liquefeito; outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura; hulha betuminosa, não aglomerada; outros fornos para ustulação, etc, de minérios/metais, não elétricos.

Quantidade significativa de produtos importados é composta de bens de capital e de alto valor agregado, diferentemente das exportações que se concentram em bens de baixo valor agregado. A pauta exportadora estadual ainda mantém forte peso nas exportações de mercadorias produzidas sob condições de baixa intensidade tecnológica e o saldo da balança segundo intensidade tecnológica só se mostra superavitário para esse grupo de produtos.

A quantidade de empresas exportadoras no estado do Ceará variou muito ao longo dos últimos quinze anos. Esse comportamento oscilante não é visível para as empresas importadoras no Ceará no mesmo período. Três empresas exportaram acima de US\$ 100 milhões a partir de 2012. A Companhia Siderúrgica do Pecém apareceu na pauta das empresas exportadoras, nessa faixa de valor, no ano de 2016.

As maiores empresas exportadoras cearenses, em 2007, foram, em ordem de importância: Bermas Indústria e Comércio Ltda., Vicunha Têxtil S/A, e Grendene S/A. Elas fazem parte do grupo daquelas beneficiadas por programas de incentivos do governo estadual. Outras três participaram do grupo das maiores exportadoras nesse ano e foram beneficiadas com incentivos fiscais. Das dez maiores empresas exportadoras estaduais de 2016, quatro delas estão na lista daquelas que obtiveram concessão de incentivos fiscais, são elas: Grendene S/A, Vincunha, Paqueta Calçados e CSP – Companhia Siderúrgica do Pecém.

A maioria dos municípios exportadores cearenses concentra-se na região litorânea do estado com algumas ilhas isoladas no território cearense. Em 2016, oito municípios conseguiram atingir patamar de exportação acima de US\$ 79 milhões: São Gonçalo do Amarante, Fortaleza, Sobral, Cascavel, Maracanaú, Icapuí, Uruburetama e Caucaia. Por outro lado, os principais municípios cearenses importadores, em 2016, foram: São Gonçalo do Amarante, Fortaleza, Maracanaú e Caucaia.

Os dois principais setores exportadores no município de São Gonçalo do Amarante, em 2016, foram ferro fundido e combustíveis minerais. Fortaleza possui a pauta de exportação mais diversificada que os demais, cujos setores principais são: frutas, cascas de frutos cítricos e melões; peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos; gorduras e óleos animais ou vegetais; sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento. No município de Icapuí, notam-se dois setores: frutas e peixes e crustáceos.

O município de Maracanaú, por sua vez, mostrou-se com pauta de exportação diversificada, destaque para o setor de peles, exceto as peles com pelo, e couros; algodão; obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes; obras de ferro fundido, ferro ou aço; bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres; produtos diversos das indústrias químicas; e veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios.

Em termos espaciais, as exportações estaduais estiveram concentradas em 2016. Dos dezessete municípios responsáveis por 95% das vendas externas estaduais, nove deles estavam localizados na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Esses municípios detêm, ainda, os principais setores exportadores estaduais.

O Ceará foi o terceiro estado acolhedor no Nordeste de Investimento Estrangeiro Direto no Nordeste no período (2003-2014) e o segundo na geração de empregos. O estoque de investimento externo direto, em 2015, segundo setores industriais, evidencia que o setor de bebidas foi o que registrou maior volume de recursos, seguido por produtos químicos, metalurgia e produtos alimentícios. Entre 1991 e 2013, a quantidade de empresas com Investimento Estrangeiro Direto no Ceará aumentou significativamente. Até 2013, 60% das empresas beneficiadas com recursos externos diretos estavam concentradas na capital cearense. Pode-se mencionar, ainda, que três cidades cearenses despontaram dentre as principais cidades das Américas com melhor custo/benefício para atração de investimentos estrangeiros, são elas: Fortaleza, Sobral e Maracanaú.

1. INTRODUÇÃO

O comércio exterior do estado, com países estrangeiros, é uma referência importante para se conhecer o nível de complexidade da economia local, mas, principalmente, para revelar as posições de competitividade dos setores e das empresas que compõem a estrutura produtiva localizada no estado e, por vezes, de estados vizinhos. O grau de competitividade dos setores exportadores guarda relação estreita com o desenvolvimento estadual. Do lado das importações pode-se perceber o perfil de consumo das famílias e das empresas locais, ao mesmo tempo em que identifica oportunidades de negócios e investimentos.

A evolução do grau de abertura da economia brasileira não se rebate uniformemente para todas as regiões do país. De fato, o processo de abertura da economia brasileira, iniciado nos anos de 1990, provocou resultados que estão fortemente associados à forma de inserção do país e de cada região/estado no mercado internacional. A intensidade e a natureza desse processo se reproduzem de maneira diferenciada nos diversos espaços econômicos e estão diretamente relacionadas com os aparelhos produtivos locais os quais traduzem a especialização regional captada pelos estados.

Neste contexto, o presente diagnóstico busca avaliar o desempenho do comércio exterior do estado do Ceará no que se refere às suas características e tendências em uma perspectiva de longo prazo (1989-2016), assim como identificar e qualificar as mudanças ocorridas na inserção internacional estadual.

Além desta Introdução, o presente diagnóstico está subdividido em seis seções. A segunda seção apresenta os aspectos metodológicos, com os respectivos indicadores, as variáveis e as fontes dos dados da pesquisa. A terceira seção aborda as transações externas cearenses relativamente ao movimento do comércio externo do Brasil e da região Nordeste através de indicadores específicos como grau de abertura, coeficiente de importação, taxa de cobertura das importações, Market-Share e participação estadual nas exportações nordestinas e brasileiras. A quarta seção analisa de forma global o desempenho do setor externo estadual e trata de aspectos como balança comercial, índice de preço e de *quantum* das vendas e das compras do exterior, destino e origem das transações comerciais e modais utilizados como via de exportação. A quinta desagrega o nível de análise para o âmbito do comércio externo estadual setorial, de produtos e empresarial. Na sexta, o comportamento dos municípios cearenses é avaliado em uma perspectiva relativa ao estado como um todo e em nível setorial. A sétima seção dedica-se à performance do investimento externo realizado no estado do Ceará tomando por base o estoque acumulado, empresas envolvidas e setores industriais contemplados.

2.ASPECTOS METODOLÓGICOS

O caminho traçado para análise segue abordando, inicialmente, o nível de abertura da economia cearense no período 1989-2016, a importância relativa do comércio exterior estadual no comércio exterior regional e brasileiro, a evolução da balança comercial estadual e a composição/qualificação da pauta exportadora cearense ao longo do período em questão.

Os indicadores de comércio exterior utilizados permitem identificar o grau de exposição da economia cearense ao comércio internacional, a capacidade das vendas externas do estado em cobrir suas compras externas e a importância relativa do comércio externo estadual no comércio da região Nordeste. Dessa forma, foram selecionados os indicadores que se seguem: grau de abertura comercial, coeficiente de importação, taxa simples de cobertura das importações, taxa de cobertura das importações, *Market-Share* e coeficiente de especialização, apresentados abaixo¹.

Dois indicadores são importantes para analisar o grau de abertura de uma economia: o grau de abertura (GA) e o coeficiente de importação (m). O primeiro reflete a participação da corrente de comércio exterior no Produto Interno Bruto e o segundo a participação das importações na oferta global.

Esses indicadores servirão de base para a análise comparativa do grau de abertura da economia cearense relativamente à economia regional e brasileira e podem servir de apoio para possíveis definições de políticas de comércio exterior. Eles expressam possíveis adaptações da economia às condições de abertura de mercado.

O grau de abertura da economia *i* expressa a participação do fluxo de comércio no produto interno bruto (PIB) da economia *i*, representado por GA como se segue:

$$GA_i = \frac{X_i + M_i}{PIB_i} \quad (\text{Eq. 1})$$

O coeficiente de importação *m* indica a participação das importações da economia *i* na sua oferta global, representado por *m* da forma a seguir:

$$m_i = \frac{M_i}{PIB_i + M_i} \quad (\text{Eq. 2})$$

A taxa simples de cobertura das importações (TC) mede a capacidade das exportações da economia *i* de cobrirem suas importações, expressa por:

$$TC_i = \frac{X_i}{M_i} \quad (\text{Eq. 3})$$

¹ Indicadores de competitividade revelada ver BALASSA, 1977.

A taxa de cobertura das importações (TCM) é uma medição de vantagens comparativas reveladas que contempla também o comportamento das importações. É uma medida relativa do estado i à região j e serve para avaliar a cobertura das vendas externas estaduais no contexto do comércio regional. Quando este indicador for maior que a unidade para o estado i identifica-se vantagem comparativa em termos de cobertura das importações mediante à região j . As exportações desse estado i teriam dimensão maior diante de suas importações ao se compararem com a mesma relação para a região j , onde:

$$TCM_{ij} = \frac{X_i/M_i}{X_j/M_j} \quad (\text{Eq. 4})$$

O indicador de *Market-Share* (MS) avalia a participação da corrente de comércio mundial do estado i no volume de comércio mundial da região j , expresso como:

$$MS_{ij} = \frac{X_i + M_i}{X_j + M_j} \quad (\text{Eq. 5})$$

O coeficiente de especialização relativa das exportações (CSX) expressa a participação das exportações do setor s no total da pauta das exportações da economia i e orienta a classificação dos setores.

$$CSX = \frac{X_{si}}{X_i} \quad (\text{Eq. 6})$$

Utilizado também para a análise das importações que expressa a participação das importações do setor s no total da pauta das importações da economia i e orienta a classificação dos setores, representado como se segue:

$$CSM = \frac{M_{si}}{M_i} \quad (\text{Eq. 7})$$

O nível de concentração das exportações de uma economia é um importante norteador na análise da vulnerabilidade de seu comércio externo, tendo em vista que quanto mais concentradas estiverem as exportações em poucos setores e em poucos países de destino mais a economia estará sujeita às flutuações de demanda, o que pode implicar em mudanças bruscas nas suas receitas de exportação. Maior concentração na pauta exportadora de uma economia reduz as potencialidades de expansão do comércio e compromete o setor externo, uma vez que o desempenho fica associado a poucos setores e/ou poucos destinos. O grau de concentração está diretamente relacionado à especialização da produção e aos ganhos de escala.

O coeficiente de Gini-Hirschman (IC) é o indicador mais utilizado para a análise de concentração setorial das exportações. Este índice é dado pela raiz quadrada da soma dos quadrados

da participação de cada setor s nas exportações/importações totais do estado. Quanto maior o grau de diversificação das exportações/importações mais próximo de zero estará o índice (MICHAELY, 1997).

Usa-se o coeficiente de Gini-Hirschman, expresso da seguinte maneira:

$$ICX = 100 \sqrt{\sum \left(\frac{X_{si}}{X_i} \right)^2} \quad (\text{Eq. 7})$$

Onde X_i representa o total das exportações do estado i e X_{si} o total das exportações do setor s do estado i . O valor do coeficiente de ICX pode assumir grandezas de 0 a 100. O ICX próximo de zero indica maior diversificação da pauta exportadora da economia observada, ou seja, maior número de setores e mais uniforme distribuição das vendas entre eles.

O limite inferior do indicador de concentração de uma dada economia está diretamente relacionado com o número de setores que efetivamente exportam. O ICX próximo de 100 corresponde a forte grau de concentração, ou seja, o comércio está concentrado em poucos setores. Isto expressa alta especialização da economia a qual tem seu desempenho externo vinculado a poucos setores, o que a torna muito vulnerável às oscilações da demanda. Existe correlação negativa entre o indicador de concentração e o nível de desenvolvimento da economia.

O mesmo indicador emprega-se para as importações (ICM); o ICM tendendo a 100 evidencia economia pouco dinâmica com baixo nível de consumo e produção pouco diversificada e tendendo a zero demonstra o inverso. Aqui também se estabelece correlação negativa entre o indicador e o nível de desenvolvimento.

Expressão similar apresenta-se para calcular o indicador de concentração dos destinos (ICD) das exportações e origens das importações (ICO). Valor próximo de 100 indicaria alta concentração em torno dos destinos, o que poderia acarretar vulnerabilidade para a economia exportadora tendo em vista possíveis barreiras impostas pelo número reduzido de parceiros. Para o ICD tem-se a seguinte fórmula:

$$ICD = 100 \sqrt{\sum \left(\frac{X_{jp}}{X_j} \right)} \quad (\text{Eq. 8})$$

Onde: X_{jp} representa as exportações do estado j para o país p ; e X_j as exportações totais do estado j .

Para o cálculo do ICO tem-se a seguinte fórmula:

$$ICO = 100 \sqrt{\sum \left(\frac{M_{jp}}{M_j} \right)} \quad (\text{Eq. 9})$$

Onde: X_{jp} representa as importações do estado j do país p ; e X_j as importações totais do estado j .

O comércio intrasetorial estabelecido entre duas economias é definido a partir das transações de exportações e importações efetuadas simultaneamente com produtos pertencentes ao mesmo setor.

Por extensão, o comércio intersetorial expressa o intercâmbio estabelecido de produtos oriundos de setores diferentes no mesmo período entre duas economias. O comércio intersetorial reflete as vantagens comparativas da economia analisada. Na estrutura de trocas, a economia que é abundante em capital é, por excelência, exportadora de artigos manufaturados intensivos em capital e importadora de bens intensivos em trabalho. De seu lado, o comércio intrasetorial não reflete as vantagens comparativas e sim as economias de escala presentes em cada economia (KRUGMAN, OBSTFELD, 2005).

O desenvolvimento e a convergência progressiva dos níveis de renda e da complexidade tecnológica conduzem às trocas intrasetoriais mais acentuadas comparativamente às trocas intersetoriais. Economias com níveis de desenvolvimento semelhantes tendem a efetuar trocas intrasetoriais mais intensas.

O indicador de comércio intrasetorial (*IS*) utilizado para estimar a intensidade das trocas de produtos do mesmo setor é o coeficiente Grubel-Lloyd (1975) e é apresentado como se segue:

$$IS = \{1 - [\sum |X_i - M_i| / \sum (X_i + M_i)]\} 100 \quad (\text{Eq. 10})$$

Onde X_i representa as exportações do setor i e M_i as importações do setor i .

O IS fornece a medida do comércio intrasetorial para o conjunto do setor industrial e não do produto. Esse indicador varia de grandeza de 0 a 100. Um valor próximo de 100 expressa comércio intrasetorial muito elevado, o que significa que quase todo o comércio é intrasetorial e, neste caso, as vantagens comparativas não explicam as trocas. Estas estão associadas às economias de escala e ao grau de diferenciação dos produtos. Por outro lado, quando o indicador aproxima-se de zero, fica evidente que as trocas relacionam-se às fontes tradicionais de vantagens comparativas, isto é, à dotação de fatores.

Vale ressaltar que esse indicador expressa o total das trocas ocorridas dentro do mesmo setor, seja comércio de bens intermediários contra bens finais sejam trocas de produtos com variedade ou qualidade diferente. A qualificação das trocas verificadas no setor pode ser efetuada através da análise desagregada dos produtos que compõem cada um especificamente.

Para a qualificação da intensidade tecnológica dos setores que compõem a pauta estadual de vendas/compras ao exterior seguiu-se a classificação desenvolvida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2004), que considera os gastos em P&D como proporção da produção e do valor adicionado de cada grupo setorial. Assim, os produtos são classificados como de baixa, média baixa, média alta e alta intensidade tecnológica.

Duas fontes de dados de comércio exterior compõem o quadro de análise. A primeira refere-se ao sistema AliceWeb do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, cuja base de informações classifica os setores de 01 a 99 e segue a Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM) usada pela Secretaria de Comércio Exterior do referido Ministério (SECEX). O conjunto de dados oferece para o país, região e estado, em particular, as pautas de exportação e importação em nível de capítulo com dois dígitos (aqui denominados de setores) e, em nível de produto com dez dígitos até 1996 e com oito dígitos a partir de 1997². Dessa forma, as análises desagregadas são efetuadas em 2 subperíodos (1989-1996) e (1997-2016). O período de análise começa em 1989, pois somente, nesse ano, inicia-se a base de dados do sistema AliceWeb do MDIC. Deve-se ressaltar que as informações referentes ao comércio municipal estão disponíveis a partir de 2005. Quando setores/produtos são ordenados como principais o corte ocorre em 90% da pauta ou até 1% de participação. O mesmo para o ranking de países de destino e de origem. Esse é um procedimento aceito para análise de comércio exterior.

A segunda fonte utilizada na análise foi a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX) obtendo-se os índices de *quantum* e preços das exportações e das importações externas estaduais construídos e calculados pela citada Instituição. Segundo a metodologia da FUNCEX (MARKWALD *et al.*, 1998), estes índices se destinam a desagregar os valores exportados e importados por país/região/estado em dois componentes: preços e quantidades.

Calcula-se um índice de preços para os produtos exportados pelo país, da mesma forma como se calculam índices de preços domésticos. A diferença é que os índices de preços de exportação levam em conta os preços médios em dólares dos produtos. De posse dos índices de preços, os índices de *quantum* são obtidos implicitamente, por meio do deflacionamento dos valores exportados pelas variações de preços. Os cálculos são feitos a partir dos dados básicos da Secretaria de Comércio Exterior – Secex, do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. O cálculo do índice de preço é baseado em metodologia que propõem a utilização de um índice de Fisher, na qual os preços

² Em 1997, o MDIC processou mudança de metodologia na classificação dos setores/produtos exportadores e importadores com o objetivo de harmonizar com o sistema de classificação do MERCOSUL, classificação essa que passou a ser chamada de Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) e não mais Nomenclatura Brasileira de Mercadoria (NBM).

de um bem em determinado período são comparados com os preços do mesmo bem em um período-base. A Funcex usa o ano de 2006 como ano-base. A partir de 2014, a Instituição descontinuou o cálculo da série para as regiões e estados da federação.

Para variáveis agregadas do Estado, Região e Brasil, notadamente o Produto Interno Bruto (PIB), foram utilizadas informações das seguintes Instituições: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

Para os dados de investimento externo direto do estado do Ceará a fonte primordial foi Banco Central do Brasil (BACEN). Portanto, as informações referem-se aos censos de capitais estrangeiros de 1995, 2000, 2005, 2010, 2015.

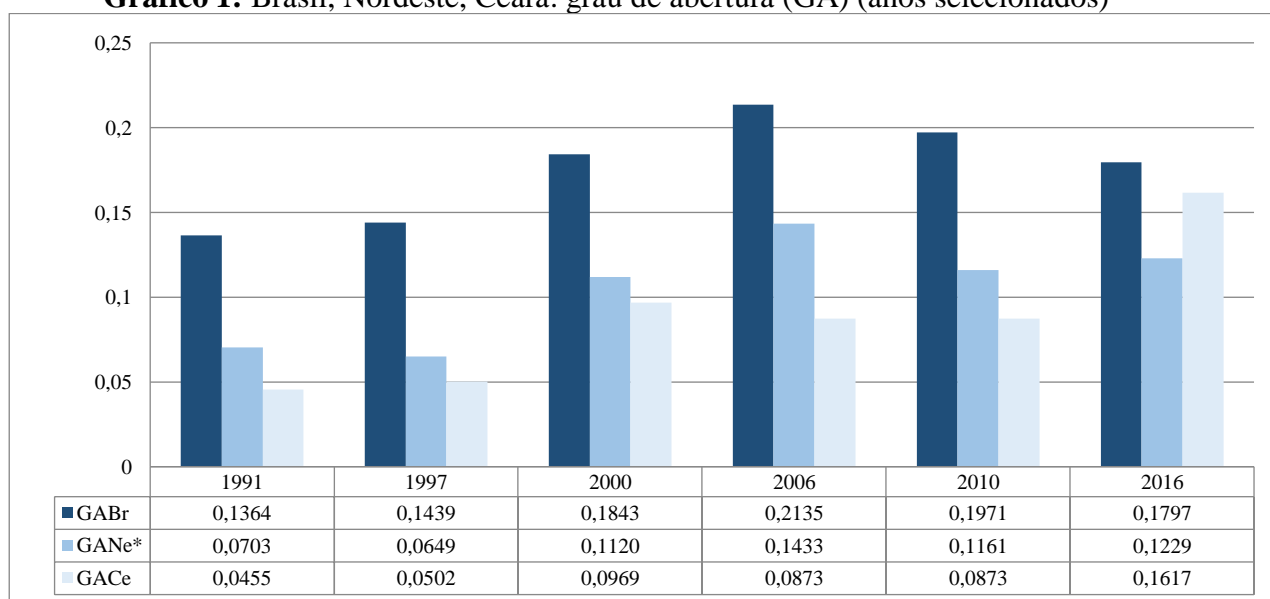
3. CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL E REGIONAL DO COMÉRCIO EXTERNO ESTADUAL

A Região Nordeste reafirma-se, como tradicionalmente, no período observado, bem menos aberta ao comércio exterior que o país. O grau de abertura do Ceará (Eq. 1) dobrou na década de 1990, retraiu em 2010 e chegou ao nível mais elevado em 2016, o que demonstra que a corrente de comércio estadual alcançou montante nunca antes observado (Gráfico 1).

A participação do comércio exterior nordestino no PIB regional, ou seja, o indicador do grau de abertura, situava-se em torno de 50% do mesmo indicador para o Brasil no início da década de 1990 e, num processo de relativa convergência, chegou, em 2010, a 60% do brasileiro. No caso do Ceará, em 2016, esse mesmo indicador ultrapassa o regional e chega a 84% daquele registrado para o país, tendência que já vinha se delineando no ano anterior.

O salto ocorrido no grau de abertura do Ceará, já em 2015, está relacionado ao aumento das importações estaduais quando da implantação da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) na Zona de Processamento de Exportação do Pecém (ZPE) e ao incremento das exportações estaduais no ano subsequente também derivado desse mesmo empreendimento.

Gráfico 1: Brasil, Nordeste, Ceará: grau de abertura (GA) (anos selecionados)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, IBGE, IPECE, 2017.

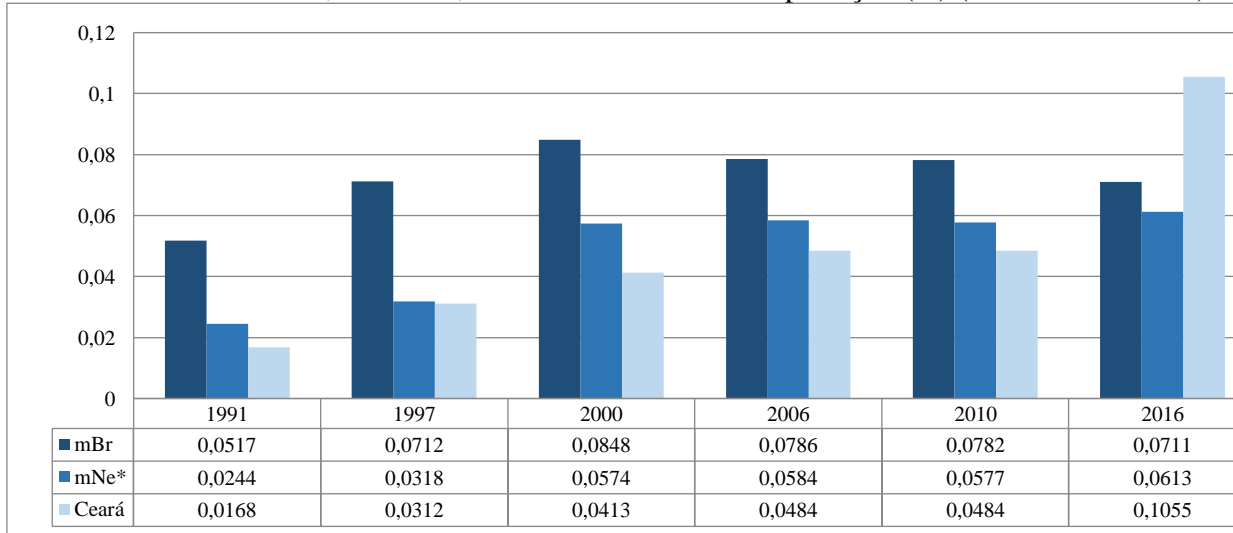
Nota *: O grau de abertura do Nordeste (Eq. 1) que aparece em 2016 está calculado com base nos dados de 2015.

O Produto Interno Bruto do Nordeste e do Ceará em dólar foram calculados com base na taxa de câmbio média do respectivo ano.

No que se refere ao coeficiente de importação (m), ou seja, a participação das importações na oferta global constata-se que, para o país, o indicador, praticamente, não se alterou entre a segunda metade da década de 1990 e 2016. No entanto, para a Região e o estado do Ceará ocorreram mudanças significativas. A região Nordeste mais que duplicou o valor desse

indicador no período considerado, e o Ceará, no último ano, representou valor seis vezes maior que o de 1991. Vale ressaltar que esse resultado está associado ao crescimento das importações nos últimos anos devido à atração de empresas incentivadas fruto do programa do governo estadual e da instalação da Companhia Siderúrgica do Pecém na Zona de Processamento de Exportação do Ceará (Gráfico 2).

Gráfico 2: Brasil, Nordeste, Ceará: coeficiente de importação (m) (anos selecionados)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, IBGE, IPECE, 2017.

Nota *: O coeficiente de importação do Nordeste que aparece em 2016 está calculado com base nos dados de 2015.

O Produto Interno Bruto do Nordeste e do Ceará em dólar foram calculados pela taxa de câmbio média do respectivo ano.

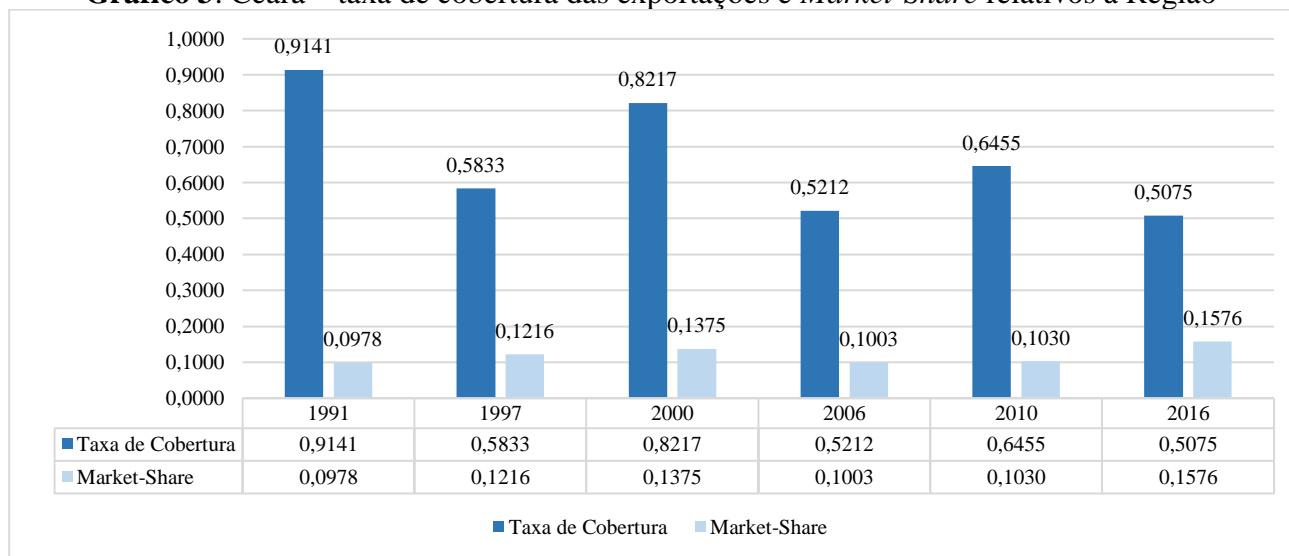
A taxa de cobertura é uma medida relativa e expressa a cobertura que as importações do estado representam diante da cobertura das importações da Região Nordeste.

A taxa de cobertura das importações do Ceará relativa ao Nordeste mostrou que o estado refletiu a tendência regional. O indicador para o Ceará tem resultado sempre menor que a unidade em todos os anos observados, o que significa que as exportações cearenses sempre representaram, proporcionalmente, menos do que a representação para a Região como um todo em termos de capacidade de cobrir suas importações.

Como consequência do comportamento dos indicadores de abertura comercial, a participação do comércio exterior cearense no comércio exterior nordestino (MS) teve incremento de quatro pontos percentuais ao longo da década de 1990. Recua na primeira metade dos anos 2000 para permanecer, em certa medida, estável até 2013, com taxa em torno de 10%. Essa trajetória declinante, nesse período, revelou o que as participações das vendas e das compras externas estaduais nas transações comerciais regionais estavam sinalizando ao longo da década, ou seja, perda de importância relativa do comércio externo cearense nas transações regionais. No entanto, em 2016, ocorre inflexão dessa tendência puxada, sobretudo, pelo aumento das importações advindas da Coreia

do Sul e incremento das exportações, ambas efetuadas pela Companhia Siderúrgica do Pecém e, portanto, o indicador, para esse ano é, maior do que o registrado no ano anterior.

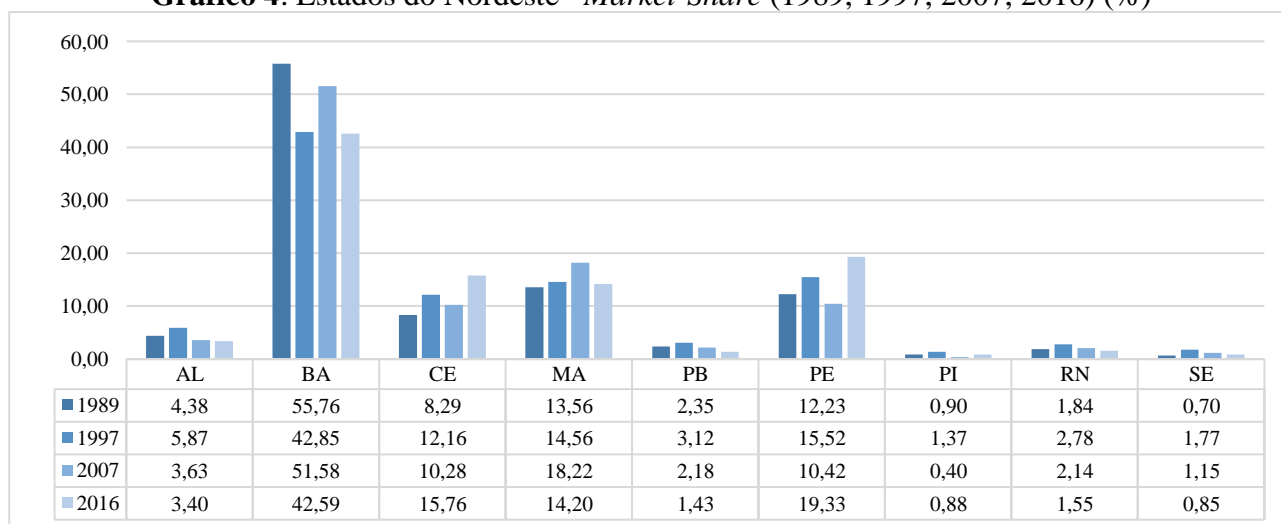
Gráfico 3: Ceará – taxa de cobertura das exportações e *Market-Share* relativos à Região



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017.

Em uma perspectiva comparativa, constata-se que, em relação à participação do comércio exterior dos estados nordestinos no comércio mundial nordestino, o estado da Bahia deteve a maior parte do comércio mundial da Região, seguido pelo Maranhão, o qual é puxado pelo valor das exportações, Pernambuco e Ceará, sendo este último o que registrou maior incremento da participação no comércio exterior do Nordeste entre as duas pontas da análise (Gráfico 4).

Gráfico 4: Estados do Nordeste –*Market-Share* (1989, 1997, 2007, 2016) (%)



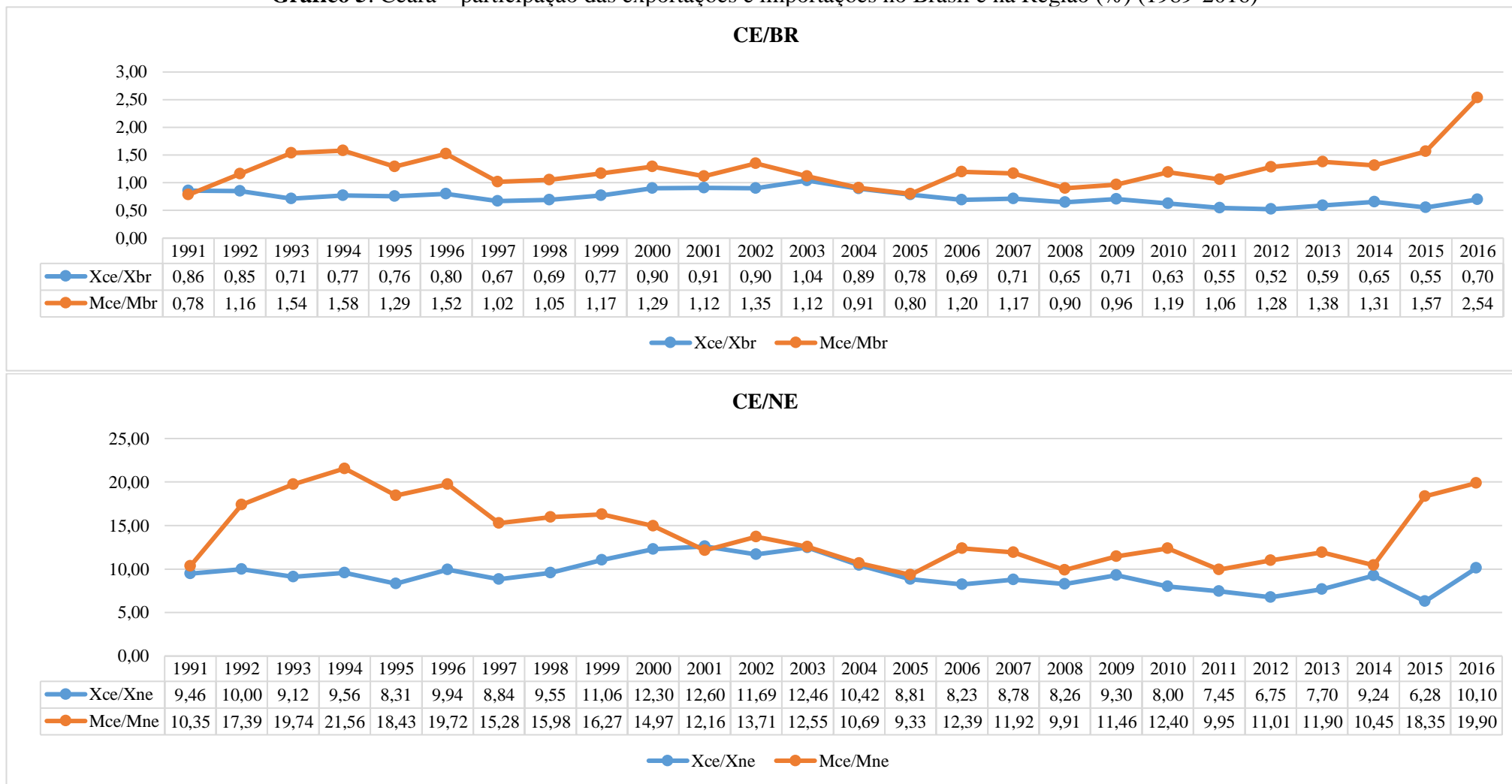
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017.

Com a finalidade de enriquecer o quadro de referência para análise, utilizam-se as participações do Ceará nas exportações e importações nordestinas e brasileiras no período 1989-2016.

O valor das vendas externas cearenses relativamente ao Brasil registrou patamar abaixo de 1% ao longo de toda a série analisada, à exceção do ano de 2003 quando chegou a 1%. Portanto, é baixa a representatividade estadual nas vendas externas nacionais. Do lado das compras, observa-se que a parcela das importações cearenses no total das brasileiras gravita em torno de 1%, ligeiramente superior àquela registrada pelas participações nas vendas nacionais. Deve-se ressaltar que, a partir de 2014, a participação das importações estaduais registrou um aumento na participação das importações regionais (Gráfico 5).

A parcela das vendas externas estaduais nas exportações regionais apresenta, ao longo da série, percentuais sempre abaixo daquele registrado para as compras; enquanto a primeira oscila de 6 a 12%, a segunda vai de 9 a 21%. Aqui, também, os desempenhos dos dois últimos anos expressam os resultados do comércio estabelecido através da CSP.

Gráfico 5: Ceará – participação das exportações e importações no Brasil e na Região (%) (1989-2016)



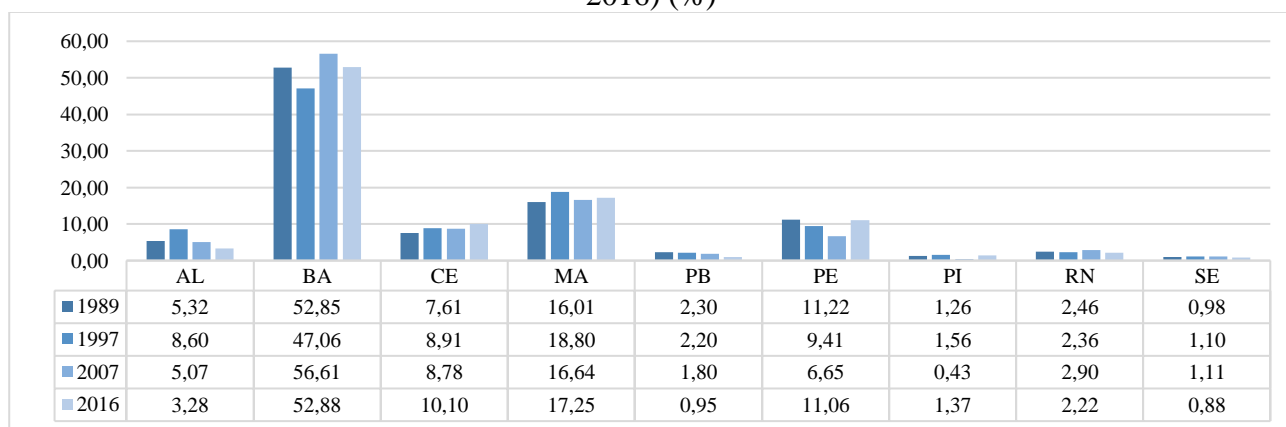
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017.

Nota: **Exportação:** corresponde à venda de bens para o mercado internacional em um determinado período de tempo.

Importação: corresponde compra de bens do mercado internacional em um determinado período de tempo.

Ao longo do intervalo de tempo analisado, quatro estados do Nordeste merecem destaque na participação das exportações regionais: Bahia, Maranhão, Pernambuco e Ceará. Os estados da Bahia e Pernambuco mantiveram suas participações nas vendas externas da Região quando observadas as duas pontas analisadas, apresentando, contudo, oscilações nos anos intermediários. O Maranhão, por sua vez, aumentou um ponto percentual sua participação, enquanto o Ceará foi o que registrou maior incremento na participação relativa à Região, saindo de 7,6%, em 1989, para 10% em 2016. Esse fato comprova o ganho de espaço obtido pelo estado do Ceará nas vendas internacionais nordestinas, pois as exportações cearenses elevaram-se cerca de 2 pontos percentuais entre 1989 e 2016 (Gráfico 6).

Gráfico 6: Estados do Nordeste – exportação (participação relativa à Região) (1989, 1997, 2007, 2016) (%)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017.

3.1 Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI)

O estado do Ceará começou a se interessar em atrair empresas de outros estados, no final da década de 1970, através do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI). Este fundo foi criado, em 1979, através da Lei nº 10.367, o qual dotou o estado de instrumento legal para a concessão de incentivos às empresas industriais que investissem no estado.

As principais formas de incentivo previstas pela referida legislação eram a concessão de empréstimos de médio e longo prazo, aquisição de ações, debêntures ou títulos outros emitidos por empresas industriais e subsídio de encargos financeiros para empresas com sede no Ceará. Foram acoplados vários programas a esse Fundo, com destaque para o Programa de Atração de Investimentos de Empresas Industriais (PROVIN), criado no início da década de 1980. Esse programa passou por várias reformulações ao longo dos anos. Em 1989, o PROVIN foi reformulado e passou a conceder, como principal forma de incentivo, empréstimo sobre o ICMS arrecadado pelas empresas incentivadas. Em 1995, outra reformulação adotou a lógica dos raios econômicos, ou seja, quanto mais distante da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) fosse instalada a empresa industrial,

maiores seriam os incentivos. Esta reformulação foi a mais duradoura e a que expressou maior poder de atração. Em 2002 e 2003, estes incentivos foram alterados mais uma vez (IPECE, 2006a). Outras modificações ocorreram ao longo da década seguinte, sendo a última efetuada em 2015 que visou dar prioridade aos setores de energia, metalmeccânico e segmentos de base tecnológica, além de direcionar incentivos às cadeias produtivas que, naquele momento, passavam por dificuldades, como a têxtil.

O deslocamento das empresas para o Ceará tomou fôlego a partir da segunda metade da década de 1990. De fato, entre 1995 e 2005, quatrocentas e trinta e duas empresas foram beneficiadas como resultado da implementação do citado Programa. Dessa forma, empresas dos mais variados setores de atividade foram contempladas pelos referidos incentivos, sendo os mais representativos: têxtil, alimentos, metalmeccânico, calçados, vestuário e químico (IPECE, 2006b). No período 2007-2013, a política de atração de empresas do Ceará proporcionou investimentos acima de R\$ 7 bilhões no estado, o qual representou 188 novas indústrias instaladas ou ampliadas (IPECE, 2014). Em 2014, esse conjunto totalizou 223 empresas. (ADECE, 2016)

A estratégia de deslocamento das empresas contava não só com os incentivos atrelados ao programa de atração citado acima, como também com outras vantagens locais, tais como: mão de obra com custo relativo mais baixo que do estado de origem (30% em relação ao sul/sudeste), infraestrutura portuária (importante para exportação) e proximidade ao mercado consumidor final (tempo de transporte marítimo corresponde três dias de redução no Ceará comparado com o Sul do país para Estados Unidos e Europa). Adicionalmente, o estado oferecia terreno para a instalação da planta e treinamento de mão de obra no período de três meses.

Para uma empresa intensiva em mão de obra e inserida em um mercado globalizado, as vantagens comparativas citadas seriam traduzidas em poder competitivo. Fica evidente que setores intensivos em mão de obra foram, sobremaneira, beneficiados com o PROVIN e são, por conseguinte, importantes para a geração de emprego. Dentre estes, o mais importante gerador de postos de trabalho é o calçadista, seguido pelo setor de alimentos, vestuário e têxtil.

Outro Programa associado ao FDI beneficiou empresas exportadoras, exclusivamente dos setores de couros e calçados. Somente empresas desses setores receberam incentivos no âmbito do Programa de Incentivos às Atividades Portuárias e Industriais do Ceará (PROAPI), cujo benefício estava atrelado diretamente ao comércio externo.

Em termos de distribuição espacial das empresas incentivadas, a política industrial cearense adotou o critério de “Descentralização Radial” em torno da RMF, cujo objetivo é desconcentrar as atividades industriais e harmonizar a distribuição espacial da riqueza no estado. Contudo, apenas duas regiões cearenses concentraram os empreendimentos incentivados entre 2007 e 2013, são elas: RMF e o litoral cearense (Litoral Oeste e Leste), as quais responderam por cerca de 60% e 28%, respectivamente (IPECE, 2014).

3.2 Zona de Processamento de Exportação do Ceará

A ZPE do Pecém foi criada, em 2010, por Decreto Presidencial e Lei Estadual Nº 14.794/2010, o qual autorizou o Poder Executivo a constituir a Empresa Administradora da ZPE de Pecém S.A (EMAZP). Essa empresa passaria, então, a funcionar no prédio do Conselho Estadual de Desenvolvimento Econômico (CEDE), localizada no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP) com uma área total reservada 4.271 hectares (ANDRADE, 2016).

Na área da ZPE, encontram-se leis específicas que buscam minimizar riscos de oscilações políticas. Uma vez concedidas isenções fiscais por um período de vinte anos a uma determinada empresa que deseja se instalar na área, esta não poderá se deparar com situações não garantidas caso haja mudanças na lei das ZPEs. Quaisquer mudanças incidiriam somente sobre as novas empresas. (AMARAL FILHO *et al.*, 2011).

O Brasil possui 23 Zonas de Processamento de Exportação (ZPEs), contudo, apenas a do Ceará está em operação, com empresas funcionando efetivamente. O estado do Ceará veio no movimento contrário às demais ZPEs do Brasil por ter conseguido uma grande empresa e uma estrutura que permite a entrada de novos negócios. Outro fato favorecedor para o cenário estadual é a abertura ao capital estrangeiro existente no Ceará, cujos investimentos externos diretos já abrangem grandes setores produtivos cearenses (O POVO, 2017c). Segundo o Governo do Estado do Ceará, encontram-se instaladas na ZPE do Ceará quatro grandes empresas, são elas: Companhia Siderúrgica do Pecém, Vale Pecém, White Martins e Phoenix do Brasil. (Quadro 1).

Os projetos instalados na ZPE começam a modificar, gradativamente, a estrutura da pauta exportadora e importadora do estado, pois alguns setores e produtos despontam com participações relevantes no total vendido e importado no comércio internacional. Com o avanço da instalação de empresas e produção na Zona de Processamento de Exportação estadual espera-se que ocorra

crescimento de alguns setores ligados diretamente e indiretamente aos projetos que compõem o perfil industrial proposto, além da elevação da renda interna. Para tal, atividades estratégicas devem ser escolhidas pelo seu potencial produtivo, levando-se em conta os objetivos e estratégias nacionais e das potencialidades e peculiaridades da economia local.

Quadro 1: Ceará – empresas instaladas na ZPE do Pecém

Empresas	Descrição
Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP)	Primeira empresa brasileira a operar em regime de ZPE, a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) está orçada em US\$ 8,1 bilhões, sendo US\$ 5,1 bilhões destinados à implantação da primeira fase. Com uma área total de 989 hectares, a CSP tem como acionistas a Vale (50%), Dongkuk (30%) e Posco (20%)
Vale Pecém	Segunda empresa a ser aprovada pelo Conselho Nacional de ZPEs (CZPE) e autorizada a se instalar na ZPE do Pecém. A Vale Pecém é empresa da Vale S/A voltada para o fornecimento de minério de Ferro à CSP. É autorizada a operar o pátio de minério de Ferro e pelotas, fornecendo à CSP, e ao beneficiamento de matéria-prima.
White Martins	Com a aprovação pelo Conselho Nacional de ZPEs, a White Martins é a terceira empresa autorizada a se instalar dentro da ZPE Ceará. Com investimento total de R\$ 356,8 milhões, será a maior planta de fabricação de gases industriais da América Latina. O projeto da White Martins prevê uma planta criogênica de separação de gases industriais para emprego na unidade industrial da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), também localizada na ZPE Ceará.
Phoenix do Brasil	A Phoenix presta serviços siderúrgicos variados, dentre eles o manuseio de escória e a recuperação e dimensionamento de sucata de metal. A Phoenix produzirá subprodutos, tais como carepa, refratário e residual metálicos para a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP)

Fonte: Governo do Estado do Ceará. ZPE Ceará, 2017.

4. COMPORTAMENTO DAS TRANSAÇÕES COMERCIAIS EXTERNAS DO CEARÁ: ANÁLISE AGREGADA

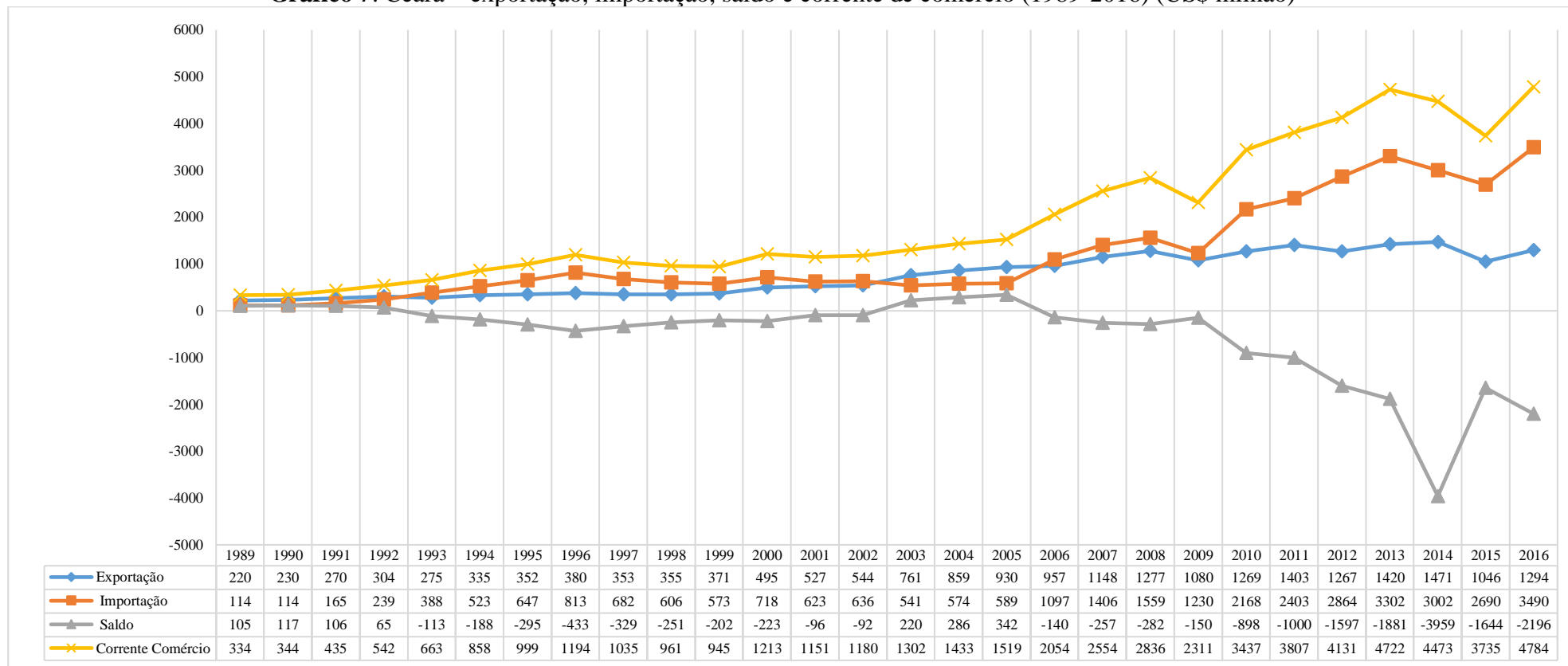
4.1 Balança Comercial

O estado do Ceará perpassa toda década de 1990 com saldo negativo no comércio exterior. O crescimento das vendas mais que proporcional ao das compras, entre 2000 e 2005, fez inverter a trajetória anterior de resultados negativos, no entanto, nos dois anos subsequentes, o ritmo de incremento das compras sustentou a volta do *déficit* no saldo da balança comercial estadual, o qual se aprofundou ano após ano até 2014 (Gráfico 7). As exportações cearenses exibem uma trajetória

crecente no período de 2002 a 2008, reflexo da desvalorização cambial, com um ponto de inversão a partir de 2009 em função da crise financeira internacional. Além da política econômica restritiva através da apreciação da taxa de câmbio e elevação da taxa de juros outros fatores influenciaram o desempenho exportador do estado tais como preços de produtos internacionais, quotas e tarifas.

O desempenho do setor exportador do Ceará, a partir da segunda metade dos anos 1990, esteve, sem dúvida, relacionado à política de incentivos do governo do estado através do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI) com seus diversos Programas, tais como: Programa de Incentivo ao Funcionamento de Empresas (PROVIN) e Programa de Incentivos às Atividades Portuárias e Industriais do Ceará (PROAPI). Associa-se, ainda, esse comportamento externo, em certa medida, ao ajuste fiscal das contas públicas, ao crescimento dos investimentos públicos e privados e ao razoável crescimento econômico nas áreas urbanas e nos setores industrial e de serviços processados no estado (MELO, 2011).

Gráfico 7: Ceará – exportação, importação, saldo e corrente de comércio (1989-2016) (US\$ milhão)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017.

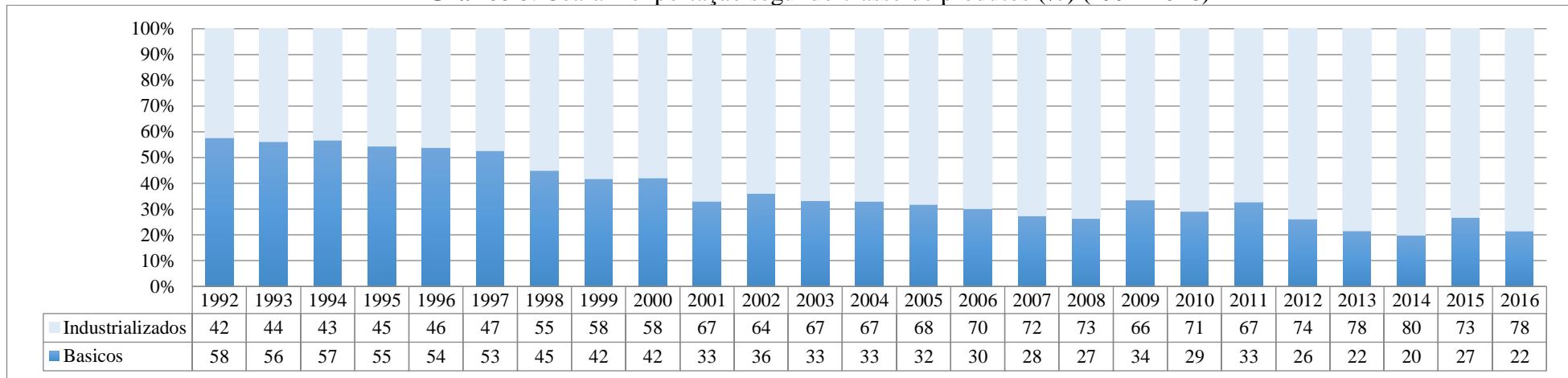
4.2 Exportação por Fator Agregado

Para uma análise mais detalhada das transações comerciais estaduais, utilizou-se duas classificações: classe de produtos e categorias de uso. Segundo o MDIC, o conceito de exportações por classe de produtos envolve o agrupamento dos produtos em duas grandes classes, levando-se em conta a maior ou menor quantidade de transformação (agregação de valor) que a mercadoria sofreu durante o seu processo produtivo, até a venda final: a) Produtos básicos: produtos de baixo valor, normalmente intensivo em mão de obra, cuja cadeia produtiva é simples e que sofrem poucas transformações, a exemplo de minério de ferro, grãos, agricultura, etc.; e b) Produtos industrializados: dividem-se em semimanufaturados e manufaturados, considerando o grau de transformação; b.1) semimanufaturados – produto que passou por alguma transformação. Ex: suco de laranja congelado; couro; e b.2) manufaturados – produto normalmente de maior tecnologia, com alto valor agregado, Ex: televisor, chip de computador, automóvel, CD com programa de computador, etc.

Percebeu-se, assim, nítida perda de participação dos produtos básicos na composição das exportações cearenses. Na década de 1990, os produtos básicos chegaram a participar com quase 60% do valor total da pauta exportadora estadual (FONTENELE; MELO, 2003). Em 2016, essa categoria correspondeu a 22% das vendas externas estaduais. O incremento no valor das vendas externas de produtos básicos foi da ordem de 41% entre 2000 e 2016, enquanto os produtos industrializados saltaram 250% no mesmo intervalo de tempo (Gráfico 8).

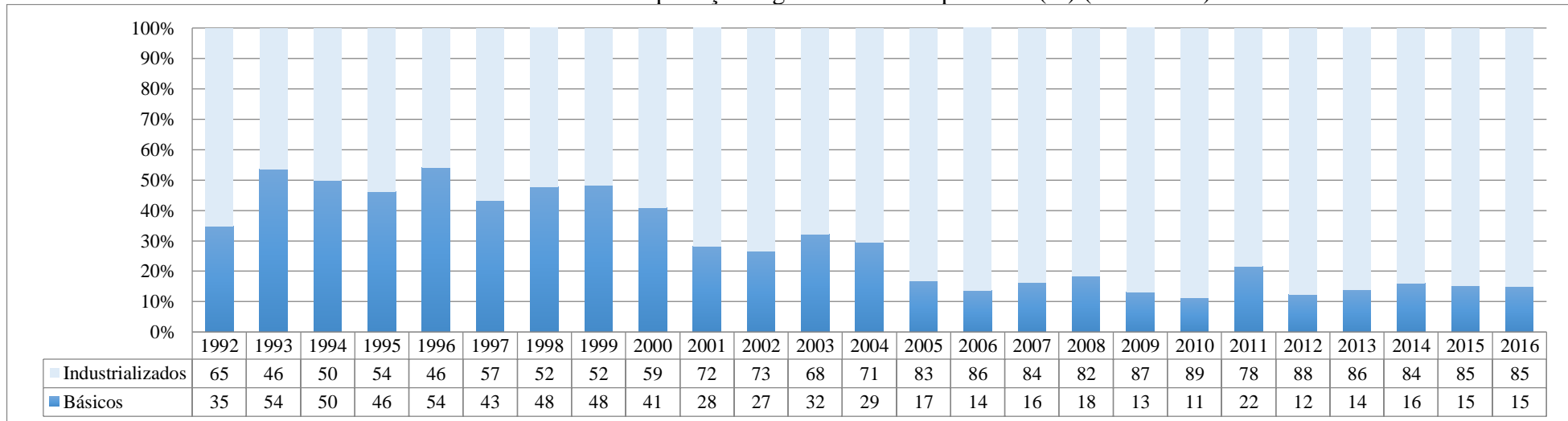
Esse desempenho nas vendas de produtos industrializados, por sua vez, bem superior àquelas dos produtos básicos, fez com que esse grupo de produtos respondesse por 77% do total exportado em 2016, contra 58% em 2000. Sem dúvida alguma, houve recomposição da pauta exportadora cearense em direção a produtos com maior nível de agregação de valor no decorrer desse período. As vendas externas de produtos industrializados, notadamente os manufaturados, foram impulsionadas pelas políticas de atração de empresas postas em prática pelo governo estadual nas últimas décadas. No último ano, o produto semimanufaturado de ferro, comercializado pela Companhia Siderúrgica do Pecém, tomou espaço na estrutura de exportação dos produtos industrializados do estado. A participação das importações dos produtos básicos também se reduziu ao longo do período, chegando, em 2016, a representar cerca de 1/3 da parcela registrada em 2000 (Gráficos 8 e 9).

Gráfico 8: Ceará – exportação segundo classe de produtos (%) (1992-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017

Gráfico 9: Ceará – importação segundo classe de produtos (%) (1992-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017

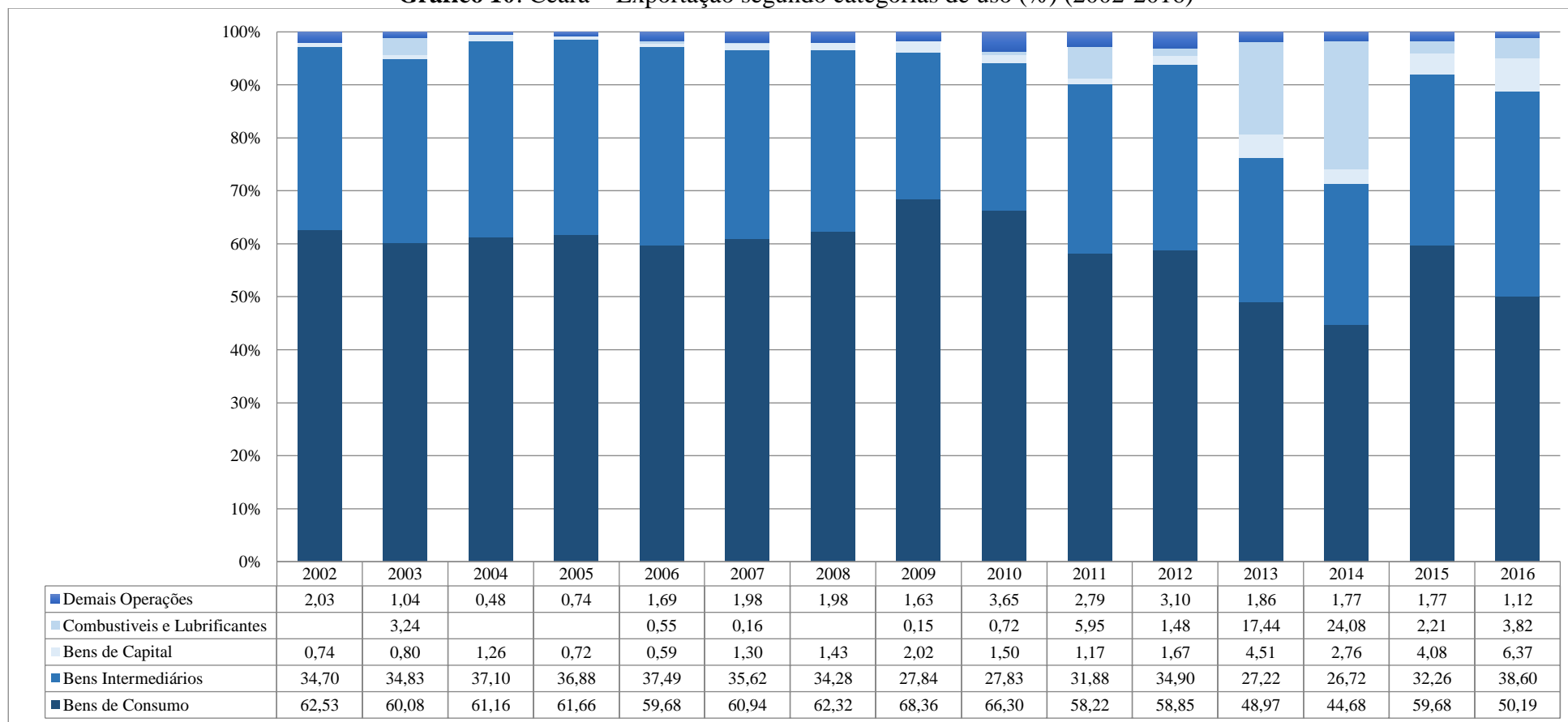
4.3 Exportação por categoria de uso

A atividade produtiva de um país, ao longo de determinado período de tempo, pode ser classificada segundo a categoria de uso de seus produtos. Dessa forma, os setores produtivos são classificados em quatro grande segmentos: a) bens de capital - bens que não são consumidos e fazem parte da produção, como máquinas e equipamentos; b) bens intermediários - bens que vão ser transformados no decorrer do processo produtivo, são insumos industriais; c) bens de consumo – aqueles que vão ser consumidos pelos indivíduos e famílias, podendo ser bens de consumo não duráveis quando utilizados imediatamente, como alimentos, vestuário; e bens de consumo duráveis quando são consumidos várias vezes por longos períodos; e d) combustíveis e lubrificantes.

As exportações cearenses, quando analisadas pela ótica das mercadorias segundo a categoria de uso, estão concentradas nos bens de consumo; esse segmento domina o valor das vendas externas estaduais ao longo de toda a série analisada (2002-2016), com destaque para os bens de consumo não duráveis. É importante ressaltar que essa categoria de bens possui baixo valor agregado. O setor de bens intermediários também aparece com relativa importância nessa pauta, representando mais de 1/3 em 2016, sendo este setor, essencialmente, composto de insumos industriais. Em 2016, a exportação expressiva dos semimanufaturados de ferro mudou a parcela relativa dos bens intermediários na pauta estadual de vendas externas (Gráfico 10).

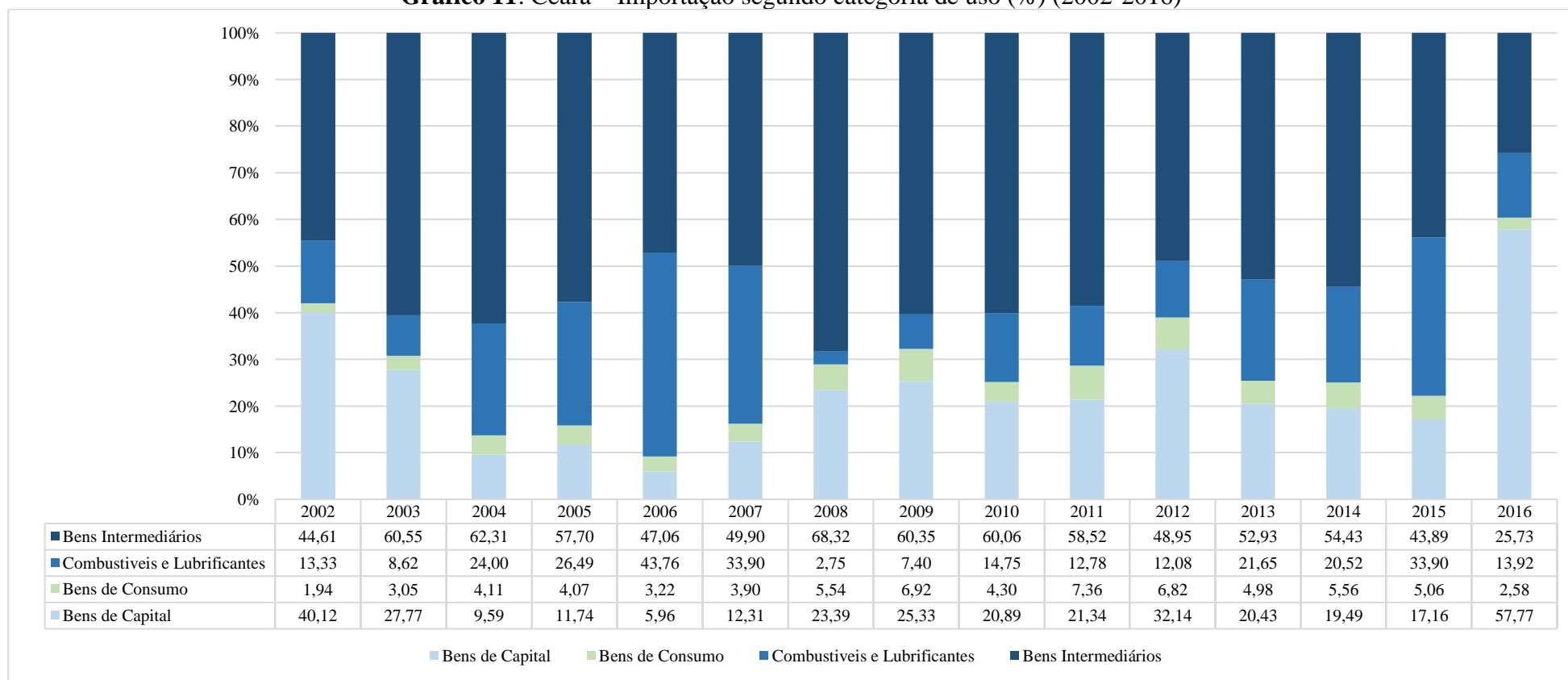
No que se refere às importações cearenses, estas estiveram concentradas no segmento de bens intermediários até 2015, o qual sustentou percentual de 60% (Gráfico 11). Quanto ao setor de bens de capital, a participação oscila de forma significativa no decorrer desses anos, refletindo crescimento da capacidade produtiva em anos específicos e, em 2016, ultrapassaram os bens intermediários, chegando a 57,7%. O estado importou pequena parcela de bens de consumo que, em 2016, representou 2,6% da pauta importadora. A forte participação das compras de bens intermediários do exterior denota a fraca integração da cadeia produtiva local e mesmo com a cadeia produtiva nacional.

Gráfico 10: Ceará – Exportação segundo categorias de uso (%) (2002-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

Gráfico 11: Ceará – Importação segundo categoria de uso (%) (2002-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

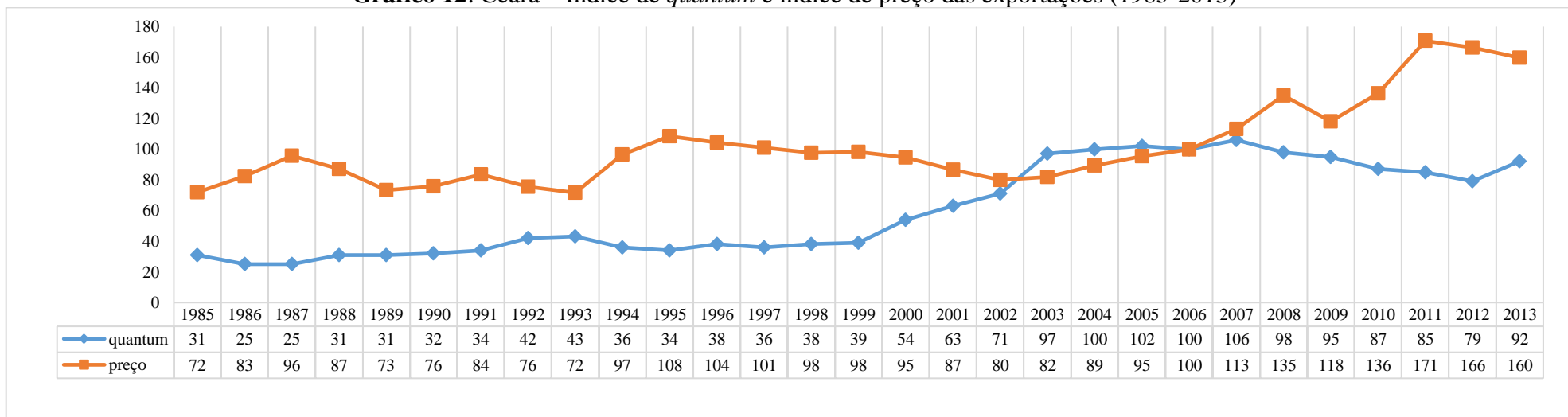
4.4 Índice de Preço e Quantum

No período 1985-2013, tanto o índice de preço como o índice de *quantum*³ das exportações oscilaram de maneira visível. Entre 2000 e 2003, as trajetórias dos dois índices invertem-se, o primeiro cai e o segundo sobe. O valor total das vendas, nesse período, cresceu puxado pelo aumento dos preços a partir de 2007. A partir de 2003 até 2006, os preços das mercadorias cearenses recuperaram-se devido ao aumento da demanda mundial e as quantidades mantiveram-se no mesmo patamar, o que se refletiu em incremento no valor total das vendas externas no mercado mundial. Nos anos seguintes, ocorreu nova inflexão nas trajetórias dos dois índices e a valorização das mercadorias vendidas pelo estado potencializou o bom desempenho das exportações estaduais, apesar da redução do *quantum*, o qual só volta a subir no último ano (Gráfico 12).

Os indicadores calculados pela FUNCEX quanto ao índice de *quantum* e de preço das importações estão compilados em uma série mais curta que os referentes às exportações. Portanto, pode-se analisar o período 1996-2013 e identificar que preço e quantidade caminham tendencialmente de forma semelhante sem apresentarem forte inflexões. A partir de 2005, o *quantum* importado sustentou trajetória ascendente, com exceção de 2009, como reflexo da crise mundial (Gráfico 13).

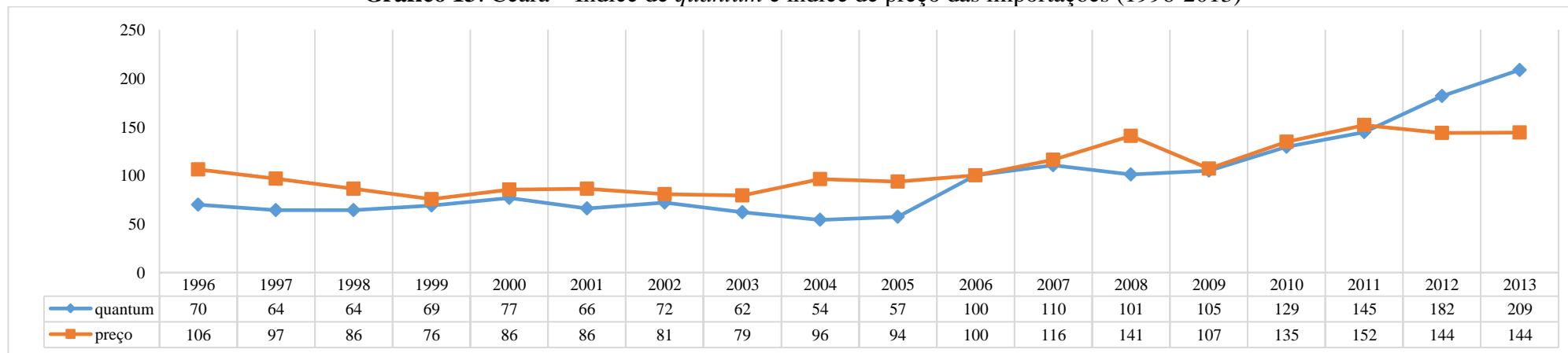
³ A FUNCEX descontinuou o cálculo da série para regiões e estados da federação a partir de 2014.

Gráfico 12: Ceará – Índice de *quantum* e índice de preço das exportações (1985-2013)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de indicador calculado pela Funcex. 2006=100

Gráfico 13: Ceará – Índice de *quantum* e índice de preço das importações (1996-2013)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de indicador calculado pela Funcex. 2006=100

4.5 Taxa de Cobertura e Índice de Concentração

No que se refere aos termos de troca⁴ da economia cearense, caso o estado fosse um país independente, este não apresentou degradação ao longo do período, isto é, o preço das exportações equivale, em certa medida, o preço das importações. Isso também pode representar economia pouco dinâmica, com baixos níveis de consumo e de investimento. Quando se observa a capacidade de importar, nesse caso, toma-se em consideração o *quantum* exportado, constata-se que este índice vem perdendo força ao longo da série estudada neste relatório, revelando que a receita de exportação cobre, cada vez menos, as necessidades de importação; ou ainda, transações efetuadas com mercadorias de diferentes níveis de agregação de valor.

A taxa simples de cobertura das importações cearenses registrou trajetória descendente na primeira metade da década de 1990. Em 1996, a taxa de cobertura já representava 25% daquela evidenciada em 1989. O aumento dos investimentos estaduais públicos e privados, nessa década, refletiu em crescimento das importações mais que proporcionalmente às vendas externas. A retomada dessa taxa na segunda metade da década de 1990 está mais associada à desaceleração das importações do que à retomada das exportações. A partir de 2006, novo ciclo descendente desse indicador explicita, mais uma vez, que o aumento das importações vai além do observado para as exportações, fruto do impulso das compras externas observado a partir de 2006, exceção para o ano atípico de 2009. No final do período, a taxa simples de cobertura das importações estaduais apresentou redução de 80%, entre o início e fim do intervalo de tempo, revelando que houve retração significativa na capacidade das vendas externas cobrirem as compras (Gráfico 14).

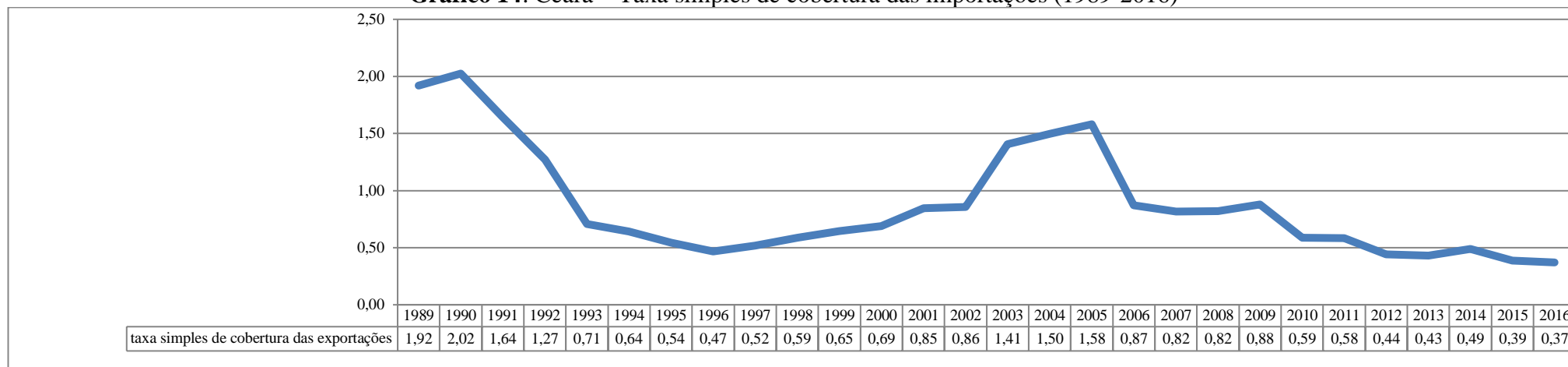
Os parceiros comerciais do Ceará foram se diversificando ao longo das décadas. Do lado dos parceiros compradores, evidencia-se tendência decrescente do índice de concentração dos destinos das exportações, o qual se reduz à metade em 2016 tomando como referência 1989 (Gráfico 15). Isso fica mais evidente quando se compara o número total de países de destino nas duas pontas do período. Em 1989, esse número totalizava 72 e, em 2016, dobrou e contabilizou 152, sendo que 17 países respondiam por 90% das vendas externas estaduais no primeiro ano, enquanto 22 correspondiam a esse mesmo percentual no último ano (Tabelas 1 e 2).

⁴ Termos de troca é a relação entre o índice de preços das exportações e o índice de preços das importações. Esse indicador foi calculado com base nos índices disponibilizados pela Funcex para o período 1996-2013. A capacidade de importar é a relação entre o termo de troca e o índice de *quantum* das exportações este também calculado com base nos indicadores disponibilizados pela Funcex.

Termo de troca= índice de preço das exportações/índice de preço das importações

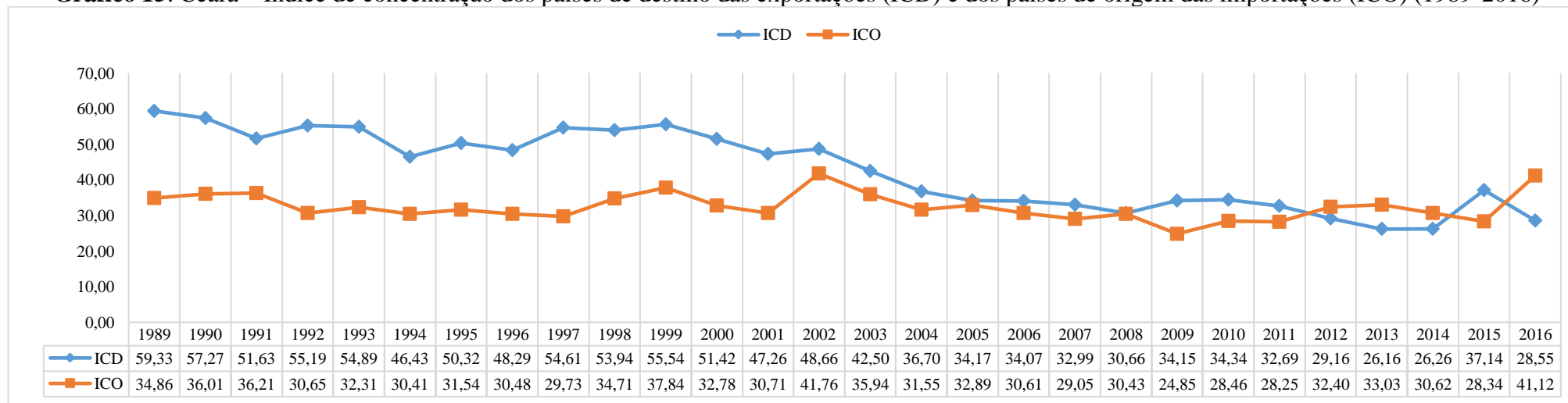
Capacidade de importar= termo de troca/índice de *quantum* das exportações

Gráfico 14: Ceará – Taxa simples de cobertura das importações (1989-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017.

Gráfico 15: Ceará – Índice de concentração dos países de destino das exportações (ICD) e dos países de origem das importações (ICO) (1989-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017.

No período 1989-2016, constatou-se mudanças significativas nas posições relativas dos parceiros importadores dos produtos estaduais como também nas posições dos países de origem das compras estaduais. Devido à mudança de metodologia da SECEX/MDIC a partir de 1997, duas tabelas são apresentadas para destinos e origens, respectivamente. A primeira corresponde ao subperíodo 1989-1996, e a segunda ao subperíodo 1997-2016, ambas ordenadas pelo último ano de cada série.

Os EUA continuaram sendo o principal comprador do Ceará, mas, apresentou perda de 34 pontos percentuais de 1989 para 2016. A Argentina foi ganhando espaço ano após ano e, a partir da segunda metade da década de 1990, manteve a segunda colocação no ranking, com parcela em torno de 10% no final do período. Destaque para a Alemanha e Holanda que saíram de parcelas em torno de 2% e hoje ocupam a terceira e quarta colocação no ranking dos principais países de destino, respectivamente. Deve-se apontar que a China começa a aparecer como país comprador no final da década 1990 e somente alcançou 1% de parcela em 2004. Esse país, em 2012, adquiriu 5% do valor total exportado pelo estado.

As exportações dos produtos semimanufaturados de ferro, iniciadas em 2016, pela Companhia Siderúrgica do Pecém também corroborou para essa desconcentração, na medida em que essa empresa vende o produto para cerca de 20 países distintos, incluindo alguns que antes não eram importantes na pauta exportadora, como, por exemplo, Turquia e Tailândia (Tabela 1 e 2).

A empresa coreana Dongkuk Steel, uma das sócias da CSP, possui uma rede mundial de empresas produtoras localizada em países que, provavelmente, passaram a adquirir insumos semimanufaturados da CSP, tais como México, China, Tailândia, Estados Unidos, China, Japão e a própria Coréia do Sul. De seu lado, a outra sócia coreana, Pochang Iron and Steel Company (POSCO) é a terceira maior produtora mundial de aço e, além de duas plantas na Coréia do Sul, possui unidade produtiva nos Estados Unidos. Esse fato fez com que alguns destinos, antes sem importância na pauta, passassem a pontuar no topo do ranking, além de reforçar a participação de outros.

Tabela 1: Ceará - Principais países de destino de 1996 (participação) (1989-1996)

País	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Estados Unidos	0,5772	0,5492	0,4904	0,5344	0,5365	0,4316	0,4865	0,4618
Argentina	0,0054	0,0058	0,0213	0,0299	0,0638	0,0470	0,0678	0,0902
Japão	0,0226	0,0338	0,0486	0,0344	0,0413	0,0460	0,0560	0,0613
Canadá	0,0587	0,0371	0,0483	0,0428	0,0414	0,0344	0,0383	0,0447
Paraguai	0,0087	0,0129	0,0124	0,0069	0,0315	0,0403	0,0507	0,0384
Venezuela	0,0037	0,0024	0,0049	0,0038	0,0065	0,0023	0,0084	0,0279
Itália	0,0272	0,0313	0,0242	0,0259	0,0246	0,0174	0,0288	0,0238
Holanda	0,0157	0,0198	0,0125	0,0132	0,0136	0,0128	0,0187	0,0223
Chile	0,0117	0,0015	0,0208	0,0277	0,0313	0,0331	0,0259	0,0194
Bolívia	0,0047	0,0048	0,0046	0,0040	0,0086	0,0080	0,0180	0,0182
Alemanha	0,0267	0,0260	0,0449	0,0261	0,0204	0,0163	0,0198	0,0179
Reino Unido	0,0196	0,0188	0,0153	0,0164	0,0117	0,0086	0,0086	0,0167
Portugal	0,1081	0,1420	0,1245	0,1067	0,0341	0,0288	0,0339	0,0155
França	0,0190	0,0186	0,0362	0,0218	0,0118	0,0064	0,0118	0,0153
Colômbia	0,0010	0,0025	0,0018	0,0080	0,0154	0,0165	0,0159	0,0133
México	0,0043	0,0070	0,0086	0,0098	0,0169	0,0143	0,0084	0,0099
Peru	0,0021	0,0011	0,0018	0,0024	0,0010	0,0055	0,0071	0,0098
Subtotal	0,9165	0,9146	0,9211	0,9143	0,9104	0,7691	0,9046	0,9063

Fonte: Elaborado pelo auto a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

Tabela 2: Ceará - Principais países de destino das exportações de 2016 (participação)(1997-2016)

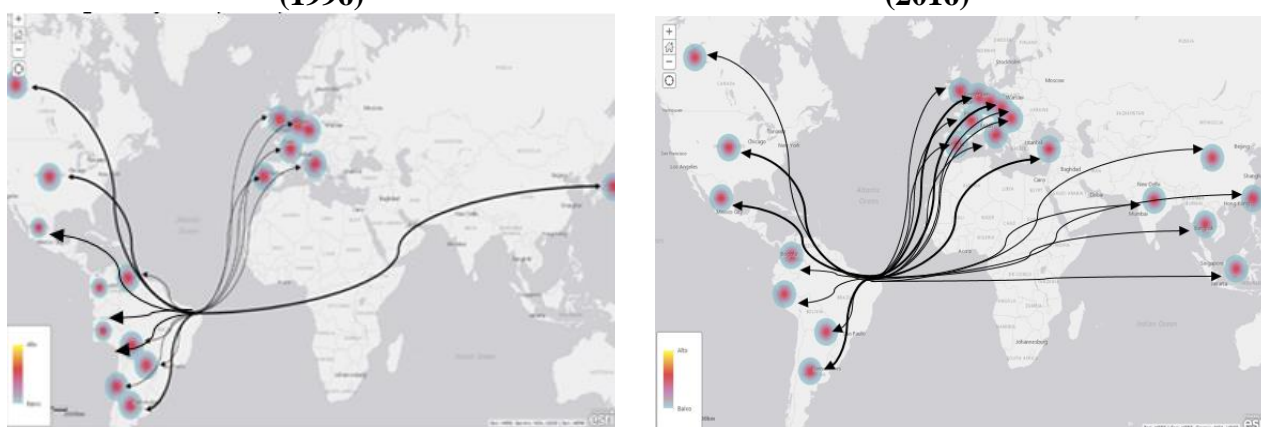
País	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Estados Unidos	0,5294	0,5143	0,5384	0,4972	0,4519	0,4710	0,4024	0,3349	0,3022	0,2949	0,2788	0,2448	0,2960	0,2961	0,2804	0,2361	0,1827	0,1557	0,2341	0,2331
Argentina	0,1013	0,1417	0,1130	0,0912	0,0770	0,0259	0,0605	0,0740	0,0896	0,0991	0,1019	0,0929	0,0821	0,0976	0,1029	0,0919	0,0717	0,0444	0,0592	0,0922
Alemanha	0,0178	0,0240	0,0252	0,0175	0,0153	0,0169	0,0190	0,0196	0,0123	0,0171	0,0282	0,0238	0,0313	0,0238	0,0282	0,0347	0,0431	0,0332	0,0573	0,0705
Países Baixos (Holanda)	0,0224	0,0226	0,0159	0,0258	0,0448	0,0594	0,0497	0,0636	0,0611	0,0550	0,0512	0,0684	0,0640	0,0520	0,0641	0,0834	0,0939	0,1530	0,0791	0,0531
Hungria	0,0007	0,0006	0,0008	0,0013	0,0019	0,0016	0,0013	0,0012	0,0009	0,0009	0,0010	0,0012	0,0043	0,0019	0,0132	0,0359	0,0339	0,0389	0,0415	0,0441
México	0,0100	0,0105	0,0075	0,0079	0,0105	0,0154	0,0305	0,0448	0,0387	0,0353	0,0295	0,0287	0,0178	0,0193	0,0170	0,0239	0,0199	0,0185	0,0259	0,0414
Turquia	0,0012	0,0016	0,0011	0,0003	0,0008	0,0004	0,0017	0,0022	0,0010	0,0010	0,0029	0,0012	0,0012	0,0017	0,0018	0,0049	0,0005	0,0011	0,0010	0,0400
Itália	0,0158	0,0138	0,0220	0,0529	0,0743	0,0561	0,0423	0,0465	0,0399	0,0734	0,0851	0,0788	0,0462	0,0538	0,0459	0,0358	0,0361	0,0365	0,0465	0,0373
Reino Unido	0,0089	0,0125	0,0163	0,0176	0,0255	0,0294	0,0235	0,0184	0,0400	0,0524	0,0621	0,0905	0,0996	0,0950	0,0612	0,0451	0,0351	0,0348	0,0502	0,0358
Tailândia	0,0002	0,0005	0,0005	0,0006	0,0015	0,0017	0,0022	0,0071	0,0092	0,0053	0,0046	0,0008	0,0024	0,0022	0,0022	0,0053	0,0022	0,0027	0,0038	0,0284
China	0,0000	0,0000	0,0005	0,0001	0,0006	0,0017	0,0040	0,0119	0,0166	0,0210	0,0208	0,0189	0,0310	0,0309	0,0485	0,0532	0,0441	0,0416	0,0431	0,0256
Espanha	0,0048	0,0086	0,0121	0,0220	0,0254	0,0323	0,0479	0,0501	0,0557	0,0374	0,0208	0,0252	0,0235	0,0257	0,0226	0,0232	0,0232	0,0212	0,0275	0,0211
Paraguai	0,0407	0,0305	0,0297	0,0220	0,0188	0,0129	0,0127	0,0160	0,0186	0,0202	0,0183	0,0176	0,0159	0,0210	0,0182	0,0204	0,0220	0,0235	0,0294	0,0198
Colômbia	0,0148	0,0097	0,0103	0,0149	0,0145	0,0120	0,0084	0,0084	0,0083	0,0100	0,0074	0,0096	0,0096	0,0084	0,0120	0,0150	0,0152	0,0180	0,0261	0,0180
Taiwan (Formosa)	0,0006	0,0028	0,0021	0,0016	0,0006	0,0009	0,0017	0,0005	0,0004	0,0007	0,0019	0,0012	0,0011	0,0029	0,0028	0,0028	0,0033	0,0046	0,0053	0,0170
Canadá	0,0399	0,0384	0,0298	0,0308	0,0240	0,0386	0,0571	0,0437	0,0414	0,0282	0,0178	0,0130	0,0183	0,0156	0,0096	0,0157	0,0137	0,0134	0,0162	0,0131
França	0,0121	0,0184	0,0109	0,0117	0,0106	0,0151	0,0201	0,0237	0,0283	0,0266	0,0192	0,0136	0,0128	0,0089	0,0124	0,0140	0,0146	0,0086	0,0108	0,0125
Tcheca, República	0,0005	0,0005	0,0005	0,0003	0,0009	0,0009	0,0006	0,0002	0,0002	0,0003	0,0013	0,0008	0,0011	0,0130	0,0109	0,0016	0,0001	0,0001	0,0002	0,0117
Indonésia	0,0011	0,0005	0,0004	0,0008	0,0002	0,0002	0,0003	0,0005	0,0001	0,0023	0,0104	0,0170	0,0104	0,0071	0,0009	0,0008	0,0010	0,0009	0,0018	0,0115
Peru	0,0036	0,0016	0,0027	0,0077	0,0127	0,0175	0,0121	0,0175	0,0100	0,0097	0,0107	0,0111	0,0134	0,0127	0,0172	0,0120	0,0132	0,0079	0,0134	0,0110
Japão	0,0387	0,0283	0,0229	0,0169	0,0137	0,0129	0,0054	0,0076	0,0092	0,0108	0,0089	0,0132	0,0063	0,0115	0,0124	0,0126	0,0089	0,0089	0,0089	0,0104
Índia	0,0019	0,0018	0,0012	0,0032	0,0011	0,0012	0,0018	0,0018	0,0009	0,0009	0,0016	0,0022	0,0017	0,0020	0,0049	0,0042	0,0060	0,0069	0,0069	0,0051
Subtotal	0,8664	0,8832	0,8638	0,8443	0,8266	0,8240	0,8052	0,7942	0,7846	0,8025	0,7844	0,7745	0,7900	0,8031	0,7893	0,7725	0,6844	0,6744	0,7882	0,8527

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

4.6 Destino das exportações e Origem das importações

Os produtos exportados pelo estado do Ceará conquistaram novos mercados no intervalo de tempo analisado, o que pode ser evidenciado pela posição em 2016 face a 1996, ocorreu modesta diversificação no conjunto de destinos. Assim, constatou-se que, em 1996, um grupo de dezessete países comprava cerca de 90% das exportações cearenses, enquanto, em 2016, vinte e dois países adquiriram 90% da pauta exportadora do estado. A tímida diversificação ocorrida, nos últimos vinte anos, revela uma janela de oportunidade importante que pode ser ampliada nos próximos anos, pois mostra ganhos obtidos pelos produtos locais no mercado internacional, principalmente em direção a países europeus e asiáticos (Mapa 1).

Mapa 1: Ceará – principais países de destino das exportações (1996 e 2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017

Do lado das origens, evidencia-se que a concentração do conjunto de países de origem esteve mais fraca que aquela observada nos países de destino. O indicador, neste caso, apresenta certa estabilidade e se mantém abaixo do índice dos destinos desde o início do período (Gráfico 13). Em 1989, o Ceará comprava de 26 países diferentes, cujo conjunto de nove somava 90% do valor total da pauta. Em 2016, foram 62 países vendedores para a estado com 17 deles concentrando 90% do valor total da pauta importadora. (SEXCEX/MDIC, 2017).

No caso dos países de origem das compras estaduais, a Coreia do Sul, por exemplo, saiu de uma posição sem significado ao longo de toda a série e chega, em 2016, em primeiro lugar com 36% de participação. Resultado esse justificado pela instalação da Companhia Siderúrgica do Pecém na Zona de Processamento de Exportação cearense. Com relação ao comércio bilateral Ceará-China, verifica-se que o ritmo de crescimento das exportações tem sido inferior ao das importações e esse país aparece como primeiro país vendedor para o estado já em 2007, desbancando os EUA e Argentina que se revezavam na primeira colocação. Apenas, em 2016, esse país asiático foi deslocado

dessa posição pelo seu vizinho, a Coréia do Sul, país de origem do Investimento Externo Direto realizado na ZPE do Pecém nos últimos anos. O comércio estadual com a China, nesses anos, evoluiu para uma pauta exportadora especializada e um maior nível de diversificação das compras (Tabela 3 e 4).

Tabela 3: Ceará - Principais países de origem de 1996 (participação) (1989-1996)

País	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Argentina	0,0000	0,0000	0,1220	0,0897	0,1438	0,1596	0,2057	0,2080
Estados Unidos	0,0000	0,0055	0,2740	0,2054	0,2275	0,1810	0,1888	0,1643
Venezuela	0,0000	0,0000	0,1365	0,1195	0,1235	0,0870	0,0734	0,0784
Uzbequistão	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0473	0,0416	0,0709
Canadá	0,0035	0,0152	0,1044	0,1114	0,0963	0,1201	0,0748	0,0698
Itália	0,0000	0,0000	0,0271	0,0343	0,0185	0,0302	0,0324	0,0373
Nova Zelândia	0,0000	0,0072	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0298
Grécia	0,0000	0,0000	0,0000	0,0185	0,0373	0,0064	0,0070	0,0256
Paquistão	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0051	0,0055	0,0036	0,0225
Togo	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0035	0,0043	0,0040	0,0188
Índia	0,0000	0,0000	0,0008	0,0002	0,0203	0,0022	0,0032	0,0186
Rússia	0,0000	0,0001	0,0000	0,0000	0,0352	0,0319	0,0122	0,0176
Alemanha	0,1042	0,1288	0,0671	0,0454	0,0263	0,0544	0,0521	0,0173
Benin	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0305	0,0318	0,0147
Uruguai	0,0000	0,0000	0,0001	0,0001	0,0076	0,0050	0,0136	0,0130
Taiwan (Formosa)	0,0790	0,0489	0,0009	0,0002	0,0114	0,0257	0,0138	0,0123
Coreia do Sul	0,0000	0,0000	0,0202	0,0149	0,0292	0,0136	0,0378	0,0123
China	0,0065	0,0000	0,0046	0,0080	0,0189	0,0096	0,0122	0,0114
Argélia	0,0140	0,0183	0,0000	0,0111	0,0029	0,0014	0,0048	0,0111
Suíça	0,0000	0,0000	0,0122	0,0581	0,0080	0,0324	0,0178	0,0106
Aruba	0,0000	0,0000	0,0000	0,0627	0,0093	0,0043	0,0030	0,0101
México	0,0030	0,0010	0,0010	0,0247	0,0013	0,0057	0,0153	0,0091
Senegal	0,0001	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0080
Colômbia	0,0000	0,0000	0,0168	0,0116	0,0170	0,0112	0,0083	0,0079
Japão	0,0000	0,0030	0,0073	0,0536	0,0137	0,0170	0,0174	0,0077
Subtotal	0,2103	0,2280	0,7950	0,8694	0,8566	0,8863	0,8746	0,9071

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

Tabela 4: Ceará – Principais países de origem de 2016 (participação) (1997-2016)

País	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Coreia do Sul	0,0151	0,0083	0,0142	0,0165	0,0301	0,0169	0,0039	0,0094	0,0259	0,0204	0,0076	0,0053	0,0397	0,0113	0,0064	0,0231	0,0307	0,0657	0,0414	0,3607
China	0,0231	0,0212	0,0210	0,0207	0,0455	0,0310	0,0505	0,0657	0,0712	0,0625	0,1333	0,2138	0,1483	0,2163	0,1600	0,2762	0,2635	0,2403	0,2176	0,1487
Estados Unidos	0,1744	0,1334	0,0760	0,0825	0,1203	0,3422	0,1551	0,1278	0,0696	0,0822	0,0841	0,1108	0,0564	0,1012	0,1620	0,0953	0,1273	0,1085	0,0508	0,0733
Alemanha	0,0419	0,0578	0,0374	0,0342	0,0425	0,1242	0,0220	0,0334	0,0471	0,0289	0,0523	0,0540	0,0636	0,0776	0,0657	0,0323	0,0458	0,0350	0,0341	0,0578
Áustria	0,0001	0,0002	0,0012	0,0001	0,0019	0,0003	0,0016	0,0018	0,0015	0,0022	0,0053	0,0064	0,0148	0,0109	0,0099	0,0154	0,0102	0,0077	0,0072	0,0469
Colômbia	0,0051	0,0026	0,0047	0,0121	0,0259	0,0029	0,0110	0,0074	0,0011	0,0048	0,0114	0,0358	0,0168	0,0110	0,0349	0,0346	0,0276	0,0675	0,0722	0,0389
Argentina	0,1741	0,2920	0,3089	0,2131	0,2390	0,1710	0,2195	0,2294	0,2393	0,1175	0,1096	0,1083	0,0727	0,0544	0,1167	0,0876	0,0579	0,0210	0,0648	0,0386
Espanha	0,0070	0,0066	0,0061	0,0082	0,0041	0,0029	0,0079	0,0041	0,0049	0,0070	0,0016	0,0372	0,0148	0,0068	0,0118	0,0171	0,0443	0,0167	0,0540	0,0298
Nigéria	0,0120	0,0082	0,0093	0,0030	0,0012	0,0013	0,0000	0,0010	0,0072	0,0019	0,0000	0,0007	0,0115	0,0330	0,0023	0,0239	0,0000	0,0119	0,0425	0,0230
Austrália	0,0002	0,0000	0,0000	0,0007	0,0009	0,0005	0,0000	0,0006	0,0017	0,0019	0,0004	0,0042	0,0107	0,0061	0,0132	0,0146	0,0029	0,0064	0,0068	0,0197
Noruega	0,0091	0,0000	0,0000	0,0001	0,0003	0,0014	0,0056	0,0001	0,0006	0,0000	0,0548	0,0003	0,0005	0,0006	0,0008	0,0010	0,0150	0,0497	0,0574	0,0131
Indonésia	0,0058	0,0042	0,0040	0,0041	0,0032	0,0039	0,0015	0,0086	0,0012	0,0071	0,0041	0,0052	0,0327	0,0199	0,0172	0,0164	0,0134	0,0240	0,0217	0,0123
Índia	0,0092	0,0106	0,0009	0,0025	0,0151	0,0332	0,0109	0,0659	0,1666	0,1579	0,1779	0,0998	0,1207	0,0170	0,0407	0,0244	0,0182	0,0354	0,0257	0,0113
Catar	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0255	0,0229	0,0127	0,0000	0,0446	0,0112
Itália	0,0769	0,0526	0,0408	0,0338	0,0301	0,0369	0,0378	0,0464	0,0325	0,0120	0,0137	0,0148	0,0170	0,0602	0,0278	0,0518	0,0274	0,0404	0,0126	0,0079
Reino Unido	0,0152	0,0100	0,0058	0,0082	0,0090	0,0033	0,0024	0,0035	0,0039	0,0021	0,0010	0,0029	0,0026	0,0140	0,0290	0,0040	0,0019	0,0036	0,0027	0,0078
Taiwan (Formosa)	0,0144	0,0218	0,0249	0,0364	0,0269	0,0195	0,0181	0,0140	0,0071	0,0055	0,0143	0,0196	0,0190	0,0231	0,0117	0,0171	0,0141	0,0114	0,0120	0,0076
Subtotal	0,5836	0,6295	0,5552	0,4762	0,5960	0,7914	0,5478	0,6191	0,6814	0,5139	0,6714	0,7191	0,6418	0,6634	0,7356	0,7577	0,7129	0,7452	0,7681	0,9086

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

4.7 Aspectos Modais das Exportações

A logística de exportação das mercadorias é um importante fator impulsionador/refreador da atividade exportadora de uma economia. Identificam-se quatro modais fundamentais na estrutura logística do estado do Ceará que são utilizados para o comércio exterior: rodoviário, aéreo, marítimo e ferroviário. Sem dúvida, a via marítima sempre foi e continua sendo a mais importante via de escoamento de mercadorias ao exterior, seguida pela rodoviária e aérea (Gráfico 16).

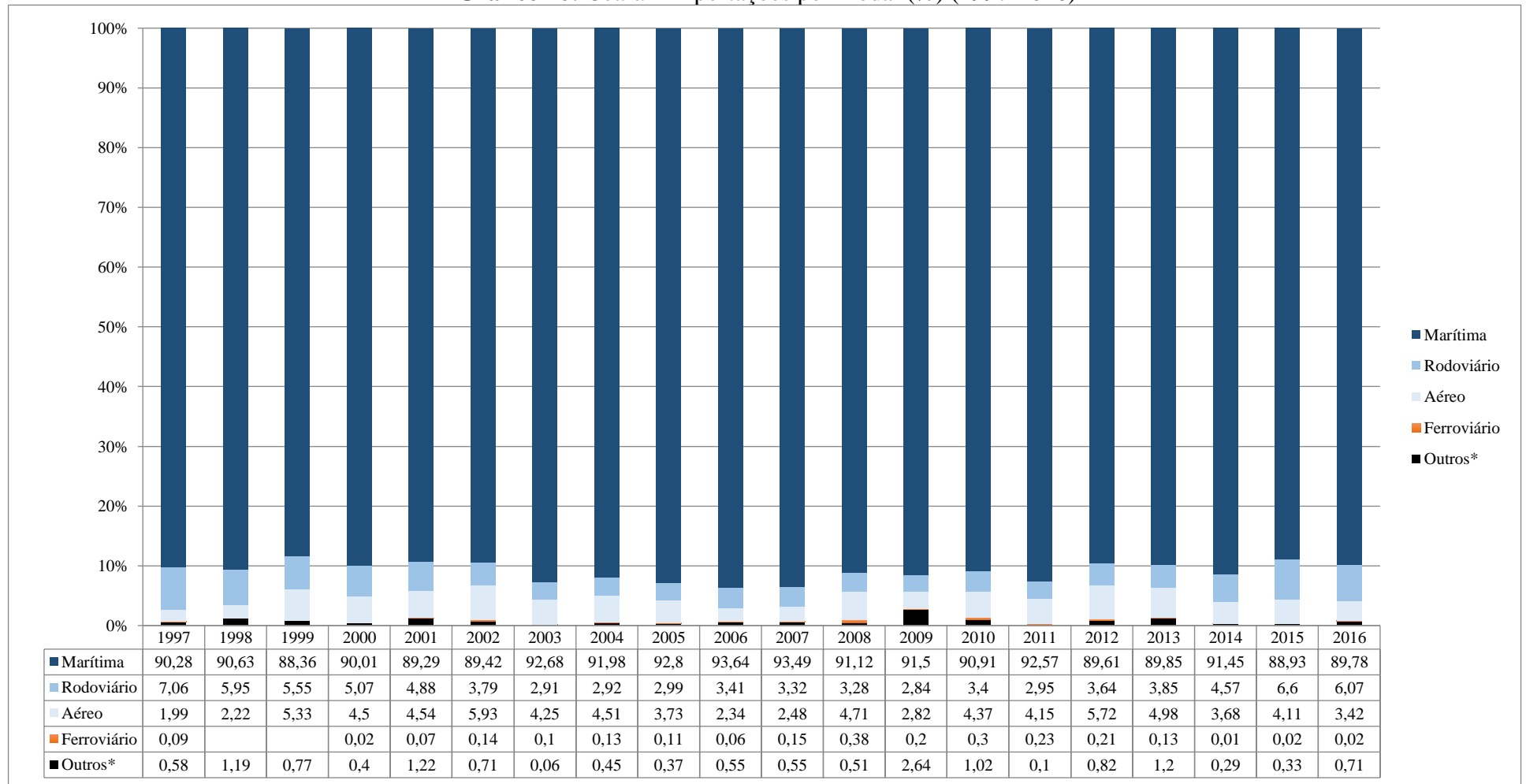
A via marítima detém parcela média anual de 91% entre 1997 e 2016 e, nesse contexto, a construção do Porto do Pecém só veio corroborar com esse peso. Há que ressaltar, no entanto, que alguns produtos mais perecíveis necessitam recorrer à via aérea como forma de expedição, como é o caso de flores, peixes e/ou crustáceos vivos ou frutas.

Tendo em vista que as exportações cearenses são enviadas aos seus destinos preferencialmente pela via marítima, torna-se imprescindível a identificação dos canais portuários utilizados para esse fim os quais compõem a estrutura logística de apoio.

As exportações cearenses, por via marítima, são expedidas a partir de cinco portos principais: dois no Ceará (Pecém e Mucuripe) dois em Pernambuco (Suape e Recife) e um em São Paulo (Santos). Apesar do Porto do Pecém ter começado a operar em 2003, no ano imediatamente depois, este porto de saída ao exterior já aparecia como principal via de escoamento da produção cearense (Gráfico 17).

De fato, em 2004, 61% das exportações estaduais saíram pelo Porto do Pecém em detrimento do Porto do Mucuripe que, em 1997, respondia com quase a totalidade dos envios estaduais para o exterior. Em 2004, o Mucuripe representava apenas 1/3 do movimento do início do período observado; nos últimos três anos, este porto vem perdendo importância, desta vez para o porto de Santos e, em menor grau, para o porto de Suape. A importância no porto do Pecém foi ratificada com a criação da Zona de Processamento de Exportações em 2007 e a consequente instalação da Companhia Siderúrgica do Pecém.

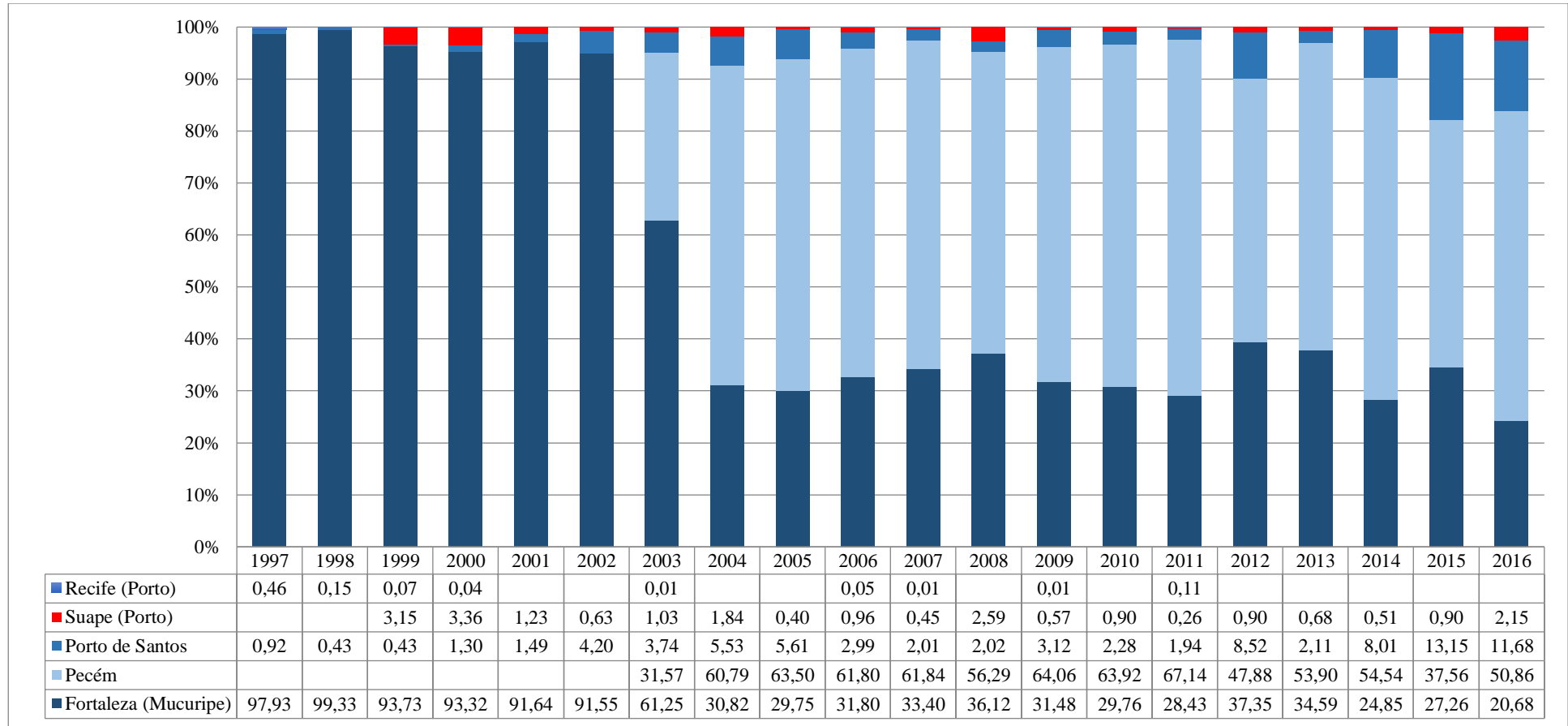
Gráfico 16: Ceará - Exportações por modal (%) (1997-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

Nota*: Os outros tipos de modal são: Lacustre, Meios próprios, Fluvial, Via não declarada, Postal e Rede de transmissão.

Gráfico 17: Ceará - Exportações cearenses segundo porto de expedição (%) (1997-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

4.7.1 Porto do Pecém

O Porto do Pecém entrou em operação em 2003 e, nos anos imediatamente posteriores, já despontava como a mais importante porta de saída das mercadorias produzidas no estado do Ceará e em outros estados vizinhos. Em 2004, este Porto já era responsável pela logística de 60% do total vendido pelo Ceará.

A situação geográfica do Porto do Pecém confere a menor distância, menos tempo de trânsito entre Brasil e os Estados Unidos e a Europa e essa condição é, sem dúvida, um forte atrativo para impulsionar as vendas externas estaduais. Por esse motivo, observou-se um redirecionamento do escoamento dos produtos exportados ao Porto do Pecém a partir de 2003 e 2004, em detrimento do Porto do Mucuripe.

Acoplado ao projeto do Porto do Pecém estavam dois outros projetos que poderiam ter forte repercussão na economia do Estado: a) o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP); e b) a Zona de Processamento de Exportação (ZPE). A instalação do CIPP visou fortalecer e dar sustentabilidade ao parque industrial do Ceará integrando-o a um terminal portuário com condições eficientes de operação. A ZPE, por se tratar de projeto estritamente associado ao comércio exterior, foi analisada isoladamente neste relatório.

A fruticultura não estava na pauta de operações do Porto do Pecém quando da concepção do projeto. No entanto, nota-se que o início das operações do Porto confunde-se com o impulso das exportações de frutas do estado do Ceará. Ressalta-se que outros estados da região Nordeste também utilizam-se da infraestrutura portuária do Pecém para escoar seus produtos da fruticultura, como é o caso do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia. De fato, o citado Porto é o maior escoador de frutas frescas do país com destaque para melões, melancias e bananas.

Em agosto de 2017, nova rota foi inaugurada pela empresa suíça Mediterranean Shipping Company S.A. – MSC com destino à Europa, mais precisamente aos portos de Antuérpia na Bélgica, Hamburgo e Bremerhaven na Alemanha e Le Havre na França. As frutas serão acondicionadas em contêineres refrigerados até o porto de destino. O diretor presidente da MSC Brasil, Elber Justus, afirmou que a escolha do porto do Pecém foi estratégica pela localização e infraestrutura para a operação com frutas. (O Povo, 2017a)

Referindo-se ao fato acima, a diretora de Desenvolvimento Comercial da Cearáportos, Rebeca Oliveira, apregoa que a instituição prevê que com o início dessas operações ocorrerá crescimento médio de 20% em carga de contêineres ainda em 2017 (SEINFRA, 2017).

As placas de aço produzidas pela Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) é a principal carga de exportação em toneladas no Porto do Pecém. Há que ressaltar que o peso e tamanho das placas fazem delas uma carga especial, que implica em uma operação diferenciada.

4.7.2 Hub Aéreo

Em 25 de setembro de 2017, foi anunciado, pela Air France/KLM/GOL a decisão de implantar um hub aéreo no nordeste brasileiro, cuja cidade escolhida foi Fortaleza, capital do estado do Ceará. De imediato, ficou estabelecida a frequência de cinco voos semanais a ser efetivada a partir de maio de 2018, dois voos para Paris e três para Amsterdam. A necessidade de aumentar as ligações de Fortaleza com a Europa, por via aérea, era uma demanda que já vinha se esboçando há algum tempo, quando a cidade ficou entre outras capitais da região que seria eleita pelo possível *hub* da companhia aérea TAM.

Esse anseio refletia-se tanto do lado do movimento de passageiros como da possibilidade de melhorar a logística para cargas com destino ao continente europeu. Do lado da companhia aérea, o aumento da logística de carga pode reforçar a viabilidade dos voos das empresas envolvidas, na medida em que pode representar importante complemento para a atividade de passageiros.

Dessa forma, serão feitas algumas considerações a respeito da provável abertura de novos mercados para os produtos estaduais. Nos dias atuais, algumas mercadorias produzidas no estado são exportadas por via aérea, tais como: calçados, peles, vestuário, aparelhos de ótica, plantas vivas e ornamentais e aparelhos elétricos (MDIC, 2017). No Nordeste, o Ceará é o segundo estado a utilizar a malha aérea para escoar suas exportações, ficando atrás somente da Bahia.

Duas consequências da implantação do citado *hub* para as exportações cearenses podem ser identificadas de imediato: (a) alcançar novos mercados; e (b) exportar mercadorias com maior valor agregado. Segundo a gerente do Centro Internacional de Negócios (CIN) da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), Karina Frota, pequenos exportadores podem ser beneficiados tendo em vista que, ao expedirem lotes menores, muitas vezes estes não têm como fechar um contêiner (O

POVO, 2017). É claro que tudo vai depender do preço do frete que será praticado pela companhia aérea e dos espaços de cargas que serão destinados nas aeronaves. Nos dias atuais, o preço do frete aéreo corresponde a oito vezes àquele praticado pelo transporte por via marítima (O POVO, 2017b).

É importante fazer referência aos setores exportadores cuja especificidade associada à perecibilidade estão sujeitos a ser os mais beneficiados com a implantação do citado *hub*: os setores de plantas vivas e produtos da floricultura; de peixes e crustáceos, moluscos e de frutas.

Segundo o presidente da Câmara Setorial de Flores e Plantas Ornamentais, a perspectiva para os próximos cinco anos é dobrar a quantidade exportada com a implantação do *hub*, na medida em que, a Holanda é o mais importante *player* do setor tanto na compra, melhor preço, assim como na distribuição dessas mercadorias no continente europeu (O POVO, 2017b).

A difícil logística presente hoje para exportação de flores cearenses fez com que os produtores estaduais praticamente saíssem do mercado externo. De fato, a movimentação dessas mercadorias com destino à Europa passa pelo aeroporto de São Paulo e, estando o mercado interno aquecido, a opção pelas vendas domésticas mostra-se mais atrativa.

O estado do Ceará é o segundo produtor nacional de plantas atrás de São Paulo e a perecibilidade das mercadorias desse setor tem papel decisivo na escolha do modal de expedição. Se, de um lado, as plantas ornamentais têm vida útil de 15 dias, as flores têm de 24 horas (O POVO, 2017b). A frequência de voos e o custo do frete, sem escala, podem, com certeza, estimular a atividade exportadora do setor.

Quanto ao setor de peixes, a oportunidade pode se dar em dois níveis: entrada em novos mercados e envio de novos produtos para os mercados já consumidores. Neste caso, o diretor do Sindicato da Indústria de Frios e Pesca do Ceará, Paulo Gonçalves, afirma que o pescado resfriado tem valor duas vezes maior que o mesmo congelado. As empresas cearenses, que enviam pescado para a França, principal comprador de atum, pargo e lagosta, tem que fazê-lo com transbordo e isto faz com que se perca um dia de vida do produto, fato esse que rebate diretamente na qualidade e preço da mercadoria (O POVO, 2017a).

De seu lado, a lagosta, nos dias atuais, é vendida, predominantemente, em forma de cauda (1/3 do crustáceo), que corresponde a 70% do total expedido ao exterior. Nessa forma, o preço

equivale a 10 dólares, inteira o dobro e inteira viva 40 dólares (O POVO, 2017a). O Japão, importante comprador da lagosta cearense congelada, demonstra interesse em adquiri-la inteira viva. Este último produto para chegar até o Japão a partir do Ceará precisa de menos tempo para o transporte, o que pode ser viabilizado com voos diretos para Tóquio a partir de Paris e Amsterdam os quais já estão em operação.

Por último, o setor de frutas pode ampliar seu leque de possibilidades de vendas externas com produtos mais perecíveis que não suportam a travessia marítima com sete dias, a saber: aspargos, tomate, caju e ata.

5. ANÁLISE SETORIAL DO COMÉRCIO EXTERIOR CEARENSE

Nesta seção, observam-se, na primeira subseção, os níveis de concentração setorial das exportações e das importações cearenses. No segundo momento, identifica-se a distribuição setorial das exportações e importações. Na terceira subseção, expõe-se a qualificação das pautas das variáveis exportação e importação. No final da seção, apresenta-se a intensidade tecnológica das vendas e das compras externas estaduais e seus efeitos no saldo da balança comercial estadual dos setores segundo intensidade tecnológica, e, por fim, as principais empresas por grupo de valor exportado e importado.

A análise setorial transcorreu a partir da observação de dois subperíodos, a saber: 1989–1996 e 1997-2016. A divisão temporal torna-se necessária por questão de mudança metodológica ocorrida, em 1997, quanto à classificação setorial estabelecida pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Dessa forma, torna-se possível verificar as principais modificações ocorridas no estado do Ceará nas últimas três décadas.

5.1 Análise setorial das exportações e importações cearenses: abordagem dos subperíodos (1989 – 1996) e (1997 – 2016)

No que se refere ao indicador de comércio intrasetorial (IS⁵) do Ceará para o mundo, identificou-se, em certa medida, elevação das trocas entre setores semelhantes ao longo de período (1989- 2016), alcançando seu ápice em 2014 com valor igual a 26. Contudo, vale ressaltar que quanto

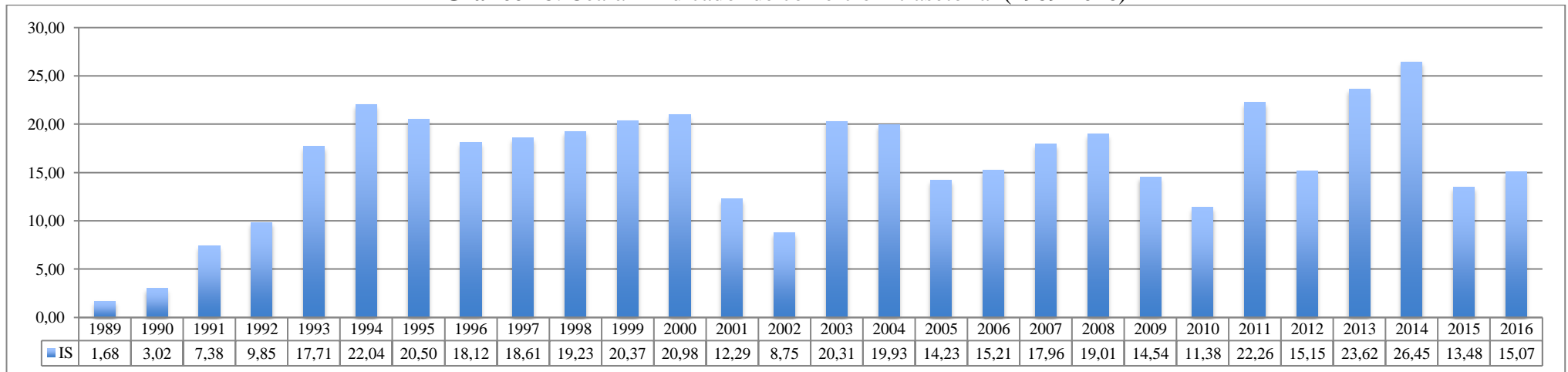
⁵ Esse indicador varia de grandeza de 0 a 100. Um valor próximo de 100 expressa comércio intrasetorial muito elevado, o que significa que quase todo o comércio é intrasetorial e, neste caso, as vantagens comparativas não explicam as trocas. Estas estão associadas às economias de escala e ao grau de diferenciação dos produtos. Por outro lado, quando o indicador aproxima-se de zero, fica evidente que as trocas relacionam-se às fontes tradicionais de vantagens comparativas, isto é, à dotação de fatores.

mais próximo de 100 tiver o indicador, mais concentrado serão as trocas entre setores iguais. Apesar de o crescimento do indicador de comércio intrasetorial cearense, este permaneceu com valor inferior a 30 ao longo de todo período, o que evidencia transações comerciais estaduais com o mundo baseadas, fundamentalmente, em setores que exploram fontes tradicionais de vantagens comparativas, portanto entre setores diferentes (Gráfico 18).

Os índices de concentração das exportações e importações estaduais para o mundo revelam movimento em direção à maior concentração em alguns momentos e em direção à desconcentração em outros, no decorrer da série analisada. O primeiro variou de 47, em 1989, para 34 no último ano, o que demonstra certa diversificação na produção e exportação do estado com o mundo. Para efeitos explicativos, quanto mais próximo de zero for o indicador de concentração, maior será o grau de diversificação da pauta de exportação ou importação.

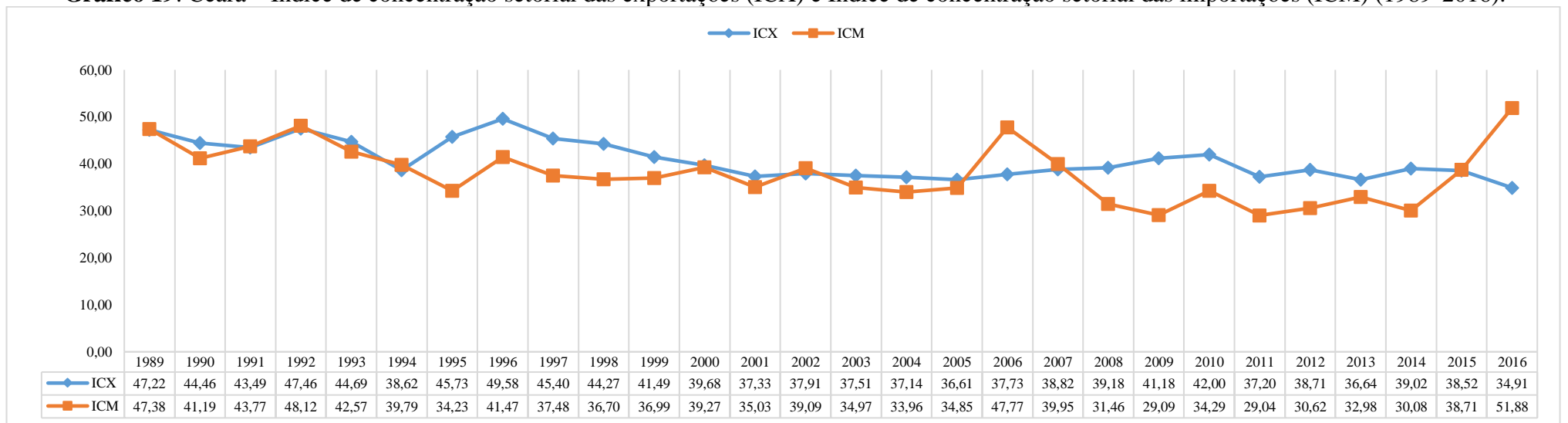
No caso do índice de concentração das importações, contatou-se movimento bem peculiar, passando de uma pauta concentrada nos primeiros anos da série para diversificada a partir da década de 2000, com menor valor de 29 obtido em 2011. No entanto, a partir deste último ano, o índice vem apresentando tendência de concentração com valor de 51,88 em 2016. Esse fato deve ser observado com atenção para identificar as causas dessa concentração das importações e quais os produtos que estão participando com maior peso na pauta estadual (Gráfico 19).

Gráfico 18: Ceará – Indicador de comércio intrasetorial (1989-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017

Gráfico 19: Ceará – Índice de concentração setorial das exportações (ICX) e Índice de concentração setorial das importações (ICM) (1989-2016).



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da Secretaria de Comércio Exterior/MDIC, 2017.

A análise setorial da primeira metade da década de 1990 mostra que nove setores foram responsáveis por 92% das exportações cearenses em 1996, com destaque para os quatro principais que detinham, em conjunto, 82% das vendas estaduais, são eles: frutas (44%), algodão (18,5%), gorduras, óleos e ceras (13,67%) e peixes e crustáceos (6,16%) (Tabela 5).

A partir de 1996, ano final do primeiro período de análise, começaram a ser assinados protocolos de empresas com o Governo do estado do Ceará no contexto do Programa do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI) - o qual rebateu diretamente na dinâmica do comércio exterior já a partir do período imediatamente posterior.

Tabela 5: Ceará - principais setores exportadores de 1996 (CS)(1989-1996)

NCM	Setores	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
08	Frutas, cascas de cítricos e de melões	0,3603	0,4226	0,3459	0,4213	0,3800	0,3223	0,3738	0,4404
52	Algodão	0,1076	0,0874	0,1116	0,0964	0,1275	0,1651	0,1789	0,1849
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	0,0672	0,0742	0,0836	0,0676	0,0613	0,0688	0,1128	0,1367
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	0,1993	0,1385	0,2018	0,1497	0,1780	0,1808	0,1621	0,0616
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	0,0669	0,0711	0,0993	0,1175	0,0482	0,0392	0,0236	0,0291
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	0,0721	0,0706	0,0394	0,0315	0,0272	0,0365	0,0296	0,0255
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,0256	0,0218	0,0227	0,0217	0,0324	0,0207	0,0138	0,0175
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	0,0060	0,0060	0,0155	0,0125	0,0178	0,0168	0,0086	0,0145
62	Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	0,0155	0,0222	0,0079	0,0115	0,0408	0,0345	0,0049	0,0120
Subtotal		0,9205	0,9144	0,9277	0,9297	0,9132	0,8847	0,9081	0,9222

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECE/MDIC, 2017.

Como pode ser observado na Tabela 6, o comportamento setorial das exportações, a partir de 1997 até 2016, apresentou mudanças na pauta dos principais setores exportadores do estado, o que corrobora com as alterações ocorridas devido aos programas de incentivos fiscais. Apesar de a concentração das exportações cearenses ter ocorrido em apenas dez setores no ano de 2016, observou-se, primeiro, diversificação em relação a 1989, ainda que de forma tímida, e, segundo, redistribuição nas posições relativas dos principais setores.

Devido às mudanças na pauta de exportação ao longo dos anos pós-1996, constatou-se que alguns setores assumiram posição de destaque nas vendas externas cearenses nos últimos anos da série, enquanto outros perderam espaço no mercado externo. Dois novos setores ganharam destaque no ordenamento dos principais, peles e couros e calçados e, mais recentemente, o setor de ferro fundido, enquanto outros, tradicionais em importância na pauta, perderam participação, como, por exemplo, peixes e gorduras.

De maneira mais específica, o setor de calçados apareceu como principal setor exportador do Ceará já em 2001, e manteve essa posição até o último ano. Em termos de participação, o setor de

ferro fundido, por sua vez, passou de 2,56% de participação, em 1989, para 14,58% em 2016, enquanto o setor de peles e couros registrou aumento de 55% nas vendas no mercado internacional entre os extremos da série. Esse último setor teve comportamento significativo para a pauta estadual no período pós implantação do Programa (PROAPI), com a entrada da empresa Bermas Indústria e Comércio na produção e exportação, a qual sustentou incremento das exportações tanto em valor quanto em *quantum*, ocupando posição cada vez maior na pauta.

Dentre os setores que perderam espaço no mercado externo, podem-se citar: a) frutas, que perdeu 60% de participação na pauta em 2016, frente a 1997; b) algodão retraiu 71% de parcela, em 2016 comparado a 1997; c) peixes, que chegou a representar apenas 4% das vendas estaduais no último ano, face à parcela de 1997 (12%); e d) gorduras, que passou de 9,7%, em 1997, para 4,5% em 2016. Deve-se salientar que a perda de participação do setor de frutas pode estar relacionada, principalmente, às condições climáticas que afetaram, em alguns períodos, os principais produtos do setor.

O setor de frutas merece destaque na análise pois alguns fatores podem ser apontados como causa desta queda de desempenho das exportações desse setor cearense, dentre os quais podem-se citar: barreiras comerciais e fitossanitárias, falta de padronização dos produtos e baixo nível de conhecimento por parte do produtor para exportar. Dessa maneira, nota-se que o acesso ao mercado externo exige reformulação e adaptação do setor para atingir eficiência operacional que garanta a regularidade constante da oferta e uma maior qualidade dos produtos que compõem o setor (VIDAL, 2017).

O principal produto do setor de frutas é a castanha de caju que teve comportamento de queda, acompanhando o movimento registrado pelo setor como um todo. Um dos motivos para tal performance foi a redução da oferta provocada pelo longo período de severa estiagem ocorrido, no estado do Ceará, principal exportador da região Nordeste. A baixa produção da castanha de caju afetou, por sua vez, as indústrias de beneficiamento e as exportações estaduais (VIDAL, 2017).

No caso do setor de peixes, os maiores polos de piscicultura do Nordeste estão localizados em volta dos grandes açudes do Ceará (Orós e Castanhão). Em 2015, o estado do Ceará concentrava cerca de 33% da produção de peixes da região nordestina, contudo, devido à redução do volume de água nos açudes o estado começou a ter dificuldades para atender o mercado interno e externo (VIDAL, 2016a).

Deve-se ressaltar que alguns setores exportadores do estado do Ceará aproveitaram a janela de oportunidade aberta pela dinâmica da demanda mundial⁶. Segundo a UNCTAD (2017), no período de 2005-2015, o setor de gorduras teve a sua demanda mundial acrescida, anualmente, em média, 12% o que lhe confere a classificação de um setor com demanda mundial muito dinâmica. Os setores de calçados, frutas, gás e máquinas elétricas registraram, nesse mesmo período, crescimento anual médio da demanda mundial de cerca de 8% para os três primeiros setores e 7% para o último, o que os chancela como setores dinâmicos no comércio mundial. De seu lado, o setor embarcações registrou crescimento anual da demanda mundial, no mesmo período, de pouco mais de 6% o que o credencia como dinâmico relativo à demanda do comércio mundial. Apesar desse comportamento mundial, este último setor cearense não pontua significativamente na pauta exportadora estadual, revelando-se, portanto, uma janela de oportunidade aberta para os anos vindouros.

⁶ A FUNCEX classifica os setores segundo a dinâmica da demanda mundial como muito dinâmicos ($g \geq 10\%$), dinâmicos ($6\% \leq g < 10\%$), intermediários ($2\% \leq g < 6\%$), baixo dinamismo ($0\% \leq g < 2\%$) e em decadência ($g < 0\%$).

Tabela 6: Ceará - principais setores exportadores de 2016 (CS) (1997-2016)

NCM	Setores	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	0,1014	0,1847	0,1930	0,1641	0,2020	0,2033	0,2197	0,2166	0,2199	0,2474
08	Frutas, cascas de cítricos e de melões	0,3998	0,3519	0,3176	0,2843	0,1908	0,1754	0,1725	0,1938	0,1940	0,1930
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,0137	0,0092	0,0094	0,0073	0,0054	0,0057	0,0158	0,0315	0,0351	0,0191
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	0,0079	0,0076	0,0641	0,1084	0,1278	0,1179	0,1149	0,1283	0,1254	0,1330
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	0,0068	0,0065	0,0063	0,0057	0,0069	0,0095	0,0074	0,0122	0,0125	0,0137
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes,	0,0001	0,0003	0,0003	0,0022	0,0022	0,0011	0,0038	0,0040	0,0026	0,0016
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	0,0966	0,0798	0,0572	0,0404	0,0342	0,0273	0,0138	0,0178	0,0270	0,0260
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	0,1221	0,0991	0,0999	0,1141	0,1254	0,1770	0,1476	0,1238	0,1161	0,0952
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, ceras minerais	0,0000	0,0000	0,0000	0,0024	0,0000	0,0000	0,0324	0,0000	0,0000	0,0055
52	Algodão	0,1228	0,1424	0,1202	0,1478	0,1656	0,1542	0,1571	0,1365	0,1204	0,1149
Subtotal		0,8712	0,8815	0,868	0,8767	0,8603	0,8714	0,885	0,8645	0,853	0,8494
NCM	Setores	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	0,2620	0,2718	0,2761	0,3178	0,2608	0,2673	0,2289	0,2175	0,2711	0,2247
08	Frutas, cascas de cítricos e de melões	0,2240	0,2178	0,2709	0,2218	0,1986	0,2028	0,1597	0,1387	0,1951	0,1565
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,0215	0,0178	0,0192	0,0059	0,0164	0,0036	0,0020	0,0015	0,0090	0,1458
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	0,1258	0,1466	0,1101	0,1291	0,1312	0,1625	0,1367	0,1479	0,1543	0,1123
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	0,0146	0,0224	0,0215	0,0264	0,0325	0,0424	0,0335	0,0290	0,0467	0,0547
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes,	0,0102	0,0108	0,0181	0,0113	0,0066	0,0135	0,0274	0,0205	0,0345	0,0540
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	0,0302	0,0316	0,0250	0,0352	0,0420	0,0533	0,0391	0,0475	0,0634	0,0448
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	0,0466	0,0377	0,0390	0,0500	0,0387	0,0257	0,0337	0,0319	0,0458	0,0396
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, ceras minerais	0,0016	0,0013	0,0028	0,0075	0,0595	0,0148	0,1744	0,2408	0,0221	0,0395
52	Algodão	0,1003	0,0736	0,0500	0,0527	0,0600	0,0551	0,0392	0,0219	0,0423	0,0350
Subtotal		0,8368	0,8314	0,8327	0,8577	0,8463	0,841	0,8746	0,8972	0,8843	0,9069

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

No que diz respeito aos principais setores importadores no período (1989-1996), nota-se que dez setores foram responsáveis por 90% das vendas totais do estado em 1996 (Tabela 7). Isso mostra que, para o mesmo período, as importações eram mais diversificadas que as exportações. Dentre os principais, pode-se citar o setor algodão, que participou com 29% das compras externas cearenses no último ano, frente a uma tímida participação em 1989 (0,41%). Outros setores representativos da pauta, em 2006, foram: a) combustíveis minerais, participando com 20,8% das compras estaduais; b) cereais, que saiu de uma participação de 3,95%, em 1989, para 18,4% no último ano; e, c) plásticos e suas obras, que saltou de 0,28% para 4,21% de participação nos extremos do período.

Tabela 7: Ceará – principais setores importadores de 1996 (CS) (1989-1996)

NCM	Setores	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
52	Algodão	0,0041	0,0691	0,0237	0,0428	0,2306	0,2541	0,1781	0,2908
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, ceras minerais	0,2835	0,3077	0,3455	0,4125	0,3027	0,1522	0,1634	0,2082
10	Cereais	0,0395	0,0130	0,0460	0,0539	0,0903	0,0547	0,0512	0,1840
11	Produtos da indústria de moagem, malte, amidos	0,2692	0,1805	0,2251	0,1569	0,1439	0,1346	0,1849	0,0641
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, mecânicos	0,2597	0,1743	0,1143	0,1744	0,0752	0,2173	0,1230	0,0534
39	Plásticos e suas obras	0,0028	0,0049	0,0034	0,0028	0,0016	0,0019	0,0299	0,0421
90	Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia	0,0379	0,0335	0,0167	0,0211	0,0168	0,0157	0,0155	0,0177
29	Produtos químicos orgânicos	0,0015	0,0041	0,0156	0,0159	0,0120	0,0137	0,0155	0,0168
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	0,0000	0,0426	0,0482	0,0000	0,0014	0,0099	0,0061	0,0134
48	Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel.	0,0095	0,0052	0,0107	0,0050	0,0027	0,0072	0,0123	0,0132
Subtotal		0,9077	0,8349	0,8492	0,8853	0,8772	0,8613	0,7799	0,9037

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC.

Em 2016, por sua vez, doze setores foram responsáveis por 91% das compras externas cearenses, e se nota que setores ligados à formação bruta de capital fixo ganharam significativa representatividade na pauta estadual no final do período, com destaque para o setor de reatores nucleares, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, que participou com 48,3% das importações cearenses em 2016.

Vale enfatizar que o referido setor possui um comportamento volátil, ao longo do período, devido a sua característica específica, em alguns anos as importações são, realmente, maiores que em outros, expressando movimentos de ciclos de investimentos na economia. Outros dois setores importantes na pauta de importações são: a) máquinas e aparelhos elétricos, setor que registrou aumento em torno de 600% entre 1997 e 2016; e b) combustíveis minerais representando 14% de todas as importações estaduais no último ano (Tabela 8).

Outros setores mantiveram-se entre os principais, no subperíodo de 1997-2016, em relação a 1989-1996, como, por exemplo: cereais; plásticos e suas obras; produtos químicos orgânicos e algodão. Já outros surgiram, no segundo subperíodo, como importantes: obras de ferro, participando com 1,4% em 2016; ferro fundido (1,6%); gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais (1,5%); fibras sintéticas (1,2%) e filamentos sintéticos (1,1%) (Tabela 8).

Tabela 8: Ceará - Principais setores importadores de 2016 (CS) (1997-2016)

NCM	Setores	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	0,1640	0,1244	0,0867	0,0643	0,1105	0,0920	0,0526	0,0646	0,0732	0,0333
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, ceras minerais	0,2041	0,1256	0,2018	0,2977	0,2185	0,1310	0,0861	0,2327	0,2620	0,4397
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes	0,0129	0,0231	0,0218	0,0372	0,1482	0,3022	0,2259	0,0422	0,0417	0,0265
10	Cereais	0,1682	0,1957	0,1917	0,1608	0,1777	0,1695	0,1882	0,1617	0,1163	0,0920
29	Produtos químicos orgânicos	0,0150	0,0189	0,0198	0,0195	0,0311	0,0379	0,0657	0,0637	0,0613	0,0257
39	Plásticos e suas obras	0,0128	0,0147	0,0147	0,0136	0,0211	0,0227	0,0313	0,0417	0,0637	0,0372
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,0180	0,0412	0,0523	0,0474	0,0533	0,0444	0,0579	0,0757	0,1411	0,1389
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	0,0021	0,0011	0,0014	0,0006	0,0023	0,0074	0,0184	0,0206	0,0055	0,0112
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	0,0087	0,0071	0,0013	0,0019	0,0048	0,0030	0,0009	0,0012	0,0077	0,0019
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	0,0193	0,0224	0,0364	0,0289	0,0256	0,0100	0,0103	0,0154	0,0222	0,0234
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	0,0124	0,0091	0,0091	0,0257	0,0287	0,0316	0,0305	0,0251	0,0135	0,0059
52	Algodão	0,2015	0,2449	0,2116	0,1685	0,0486	0,0364	0,1222	0,1213	0,0459	0,0435
Subtotal		0,8390	0,8282	0,8486	0,8661	0,8704	0,8881	0,8900	0,8659	0,8541	0,8792
NCM	Setores	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	0,0640	0,1130	0,0903	0,1175	0,1089	0,1814	0,1064	0,1073	0,0887	0,4828
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, ceras minerais	0,3401	0,0313	0,0864	0,1816	0,1440	0,1376	0,2329	0,2130	0,3435	0,1420
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes	0,0533	0,1042	0,1472	0,0626	0,0775	0,1099	0,0591	0,0556	0,0598	0,0957
10	Cereais	0,1179	0,1517	0,1092	0,0909	0,1109	0,0811	0,1018	0,0660	0,0710	0,0629
29	Produtos químicos orgânicos	0,0286	0,0473	0,0442	0,0249	0,0250	0,0291	0,0452	0,0589	0,0513	0,0353
39	Plásticos e suas obras	0,0213	0,0249	0,0226	0,0265	0,0265	0,0226	0,0266	0,0295	0,0252	0,0168
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,1280	0,2070	0,1575	0,2317	0,1517	0,1325	0,1505	0,1168	0,0888	0,0161
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	0,0142	0,0301	0,0196	0,0104	0,0273	0,0254	0,0218	0,0198	0,0190	0,0153
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	0,0087	0,0237	0,0197	0,0122	0,0170	0,0248	0,0358	0,0677	0,0233	0,0136
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	0,0374	0,0306	0,0658	0,0328	0,0242	0,0292	0,0196	0,0174	0,0189	0,0118
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	0,0096	0,0101	0,0171	0,0142	0,0123	0,0096	0,0113	0,0159	0,0157	0,0110
52	Algodão	0,0459	0,0300	0,0145	0,0234	0,0706	0,0081	0,0100	0,0260	0,0105	0,0102
Subtotal		0,8690	0,8039	0,7941	0,8287	0,7959	0,7913	0,8210	0,7939	0,8157	0,9135

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

5.2 Rebatimento dos Incentivos Fiscais Nos Setores Exportadores

A análise setorial da primeira metade da década de 1990 mostrou que nove setores foram responsáveis por 92% das vendas externas cearenses em 1996, com destaque para os quatro principais que detinham, em conjunto, 82% das vendas estaduais, são eles: frutas (44%), algodão (18,5%), gorduras, óleos e ceras (13,7%) e peixes e crustáceos (6,2%). A partir daí, quando começaram a ser assinados os protocolos de incentivo à exportação entre o governo do estado e empresas privadas através do PROAPI, observou-se o rebatimento sobre o comércio exterior estadual nos anos seguintes (MELO, 2011).

Dentre os setores que obtiveram crescimento nas vendas externas cearenses nos anos do período de 1997-2016, tem-se peles e calçados, que estão relacionados diretamente ao PROAPI. Esse Programa tinha como objetivo atrair, exatamente, empresas de couro e calçados de fora do estado do Ceará e que destinassem toda ou parte da produção ao mercado externo. Por esse motivo, o setor calçadista cearense começou a tomar impulso de maneira efetiva a partir de 1997, quando chegou a participar com 10% da pauta total do estado.

Assim, o setor calçadista cearense ganhou notoriedade na pauta estadual, e conquistou mercado no cenário regional e nacional desde a implantação das empresas atraídas para o estado. Os incentivos para empresas intensivas em capital humano e inserida em mercado globalizado refletiram, conseqüentemente, em ganhos de vantagens comparativas e, conseqüentemente, poder competitivo no mercado externo (MELO, 2011).

Paralelamente às mudanças internas ocorridas no Ceará, outros fatores externos fizeram com que os calçados cearenses, em especial, ganhassem visibilidade e importância no cenário regional e nacional. Dentre esses fatores, encontra-se a redução de participação do parque calçadista da região Sul do país, principalmente, do estado do Rio Grande do Sul, um dos principais concorrentes dos calçados do Ceará (BRAGA; VILHENA, LIMA, 2017). Tal comportamento ocorreu devido ao processo de reestruturação da indústria de calçados nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, através do remanejamento espacial do parque industrial calçadista, que cedeu espaço no mercado externo aos estados exportadores emergentes próximos ao mercado consumidor, no caso, o estado do Ceará.

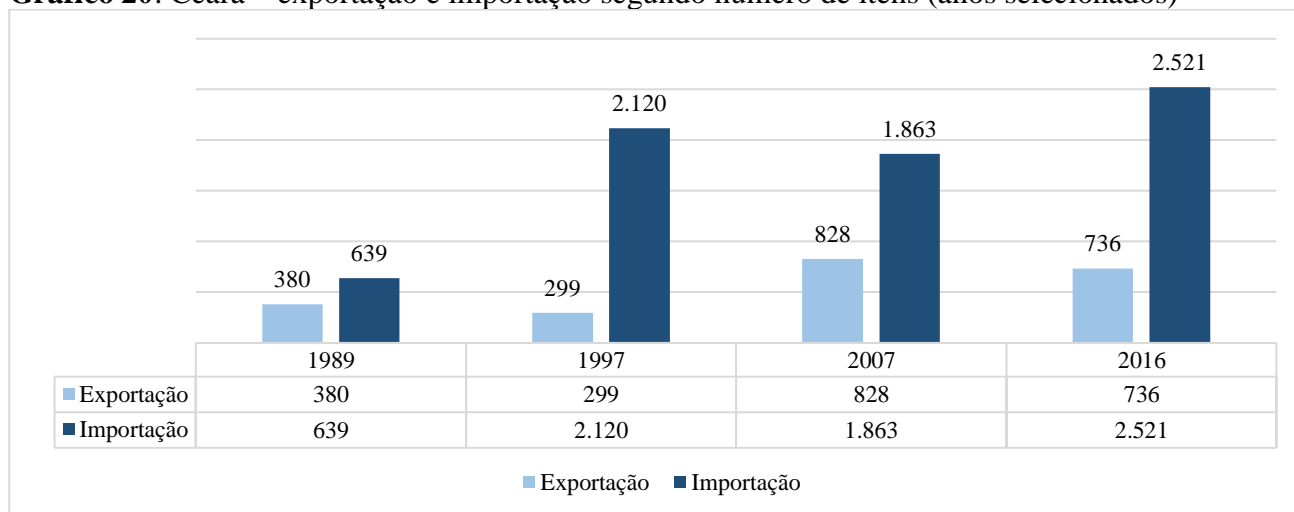
De fato, constatou-se que os setores industriais que despontaram nas últimas décadas como exportadores de relevância foram aqueles estimulados pela política industrial implementada pelo governo do estado que, de alguma forma, buscou potencializar algumas vantagens comparativas do

Ceará, como é o caso do setor de calçados, que requer baixo conteúdo tecnológico para processamento. Em suma, vale dizer que nessa perspectiva de análise, o perfil da pauta exportadora praticamente não se alterou.

5.3 Qualificação da pauta de Exportação e Importação

Entre 1989 e 2016, constatou-se que ocorreu aumento no número itens exportados assim como importados pelo estado Ceará, expressando crescimento da variedade de produtos comercializados. No primeiro ano, 380 diferentes produtos cearenses foram vendidos no mercado externo o que quase dobrou em 2016. Do lado das importações, a diversidade de produtos adquiridos pelo Ceará aumentou significativamente entre as pontas analisadas, chegando a 2.521 itens em 2016, frente a 639 mercadorias de 1989 (Gráfico 20).

Gráfico 20: Ceará – exportação e importação segundo número de itens (anos selecionados)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

A desagregação das exportações para o nível de produto é importante para captar, de forma mais precisa, as especificidades relativas aos setores importantes no estado, análise impossibilitada caso seja trabalhado no nível de agregação até aqui apresentado. Em 1996, vinte e três produtos respondiam por 90% das vendas externas do Ceará, destes, quatro eram responsáveis por 72% da pauta estadual, são eles: castanha de caju, que sozinho participava com 40% das exportações cearenses em 1996; lagostas congeladas (11,3%); tecido de algodão (10,8%) e ceras de carnaúba (10,1%) (Tabela 9).

Neste caso, em especial, os principais produtos citados pertenciam exatamente aos quatro primeiros setores exportadores do mesmo período. Esse comportamento mostra a alta concentração da pauta cearense no período de 1989 e 1996, como já aludida anteriormente neste relatório.

Tabela 9: Ceará: principais produtos exportados de 1996 (CS) (1989-1996)

Produtos	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca	0,4233	0,3627	0,3437	0,4089	0,3789	0,3198	0,3729	0,4011
Lagostas (palinurus/panulirus/jasus spp),congeladas	0,1052	0,1720	0,1733	0,1259	0,1586	0,1581	0,1447	0,1125
Tecido algodão>=85%,p>200g/m2,"denim",colorido	0,0003	0,0000	0,0109	0,0303	0,0953	0,1079	0,1203	0,1077
Ceras de carnaúba	0,0676	0,0655	0,0788	0,0665	0,0608	0,0676	0,1107	0,1010
Qq.out.leite em po,gordura>1.5%,n/adocicado	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0250
Ligas de ferro-silicio,peso>55% de silício	0,0000	0,0000	0,0136	0,0116	0,0118	0,0075	0,0076	0,0169
Fio de fibra de poliester c/algodao,cru/alvejado/branq.	0,0628	0,0675	0,0986	0,1157	0,0480	0,0370	0,0216	0,0159
Couro/pele bovino,int/meio,curt.cromo,umido,flor integr	0,0170	0,0409	0,0200	0,0096	0,0088	0,0185	0,0180	0,0154
Fogões de cozinha, a gas/etc.de ferro fundido/ferro/aco	0,0042	0,0052	0,0044	0,0037	0,0086	0,0166	0,0109	0,0107
Calcas/bermudas/etc.de algodão, uso feminino	0,0116	0,0085	0,0054	0,0073	0,0354	0,0283	0,0021	0,0098
Sucos e extratos, de casca de castanha-de-caju	0,0263	0,0329	0,0169	0,0156	0,0102	0,0081	0,0086	0,0096
Sapatos de couro natural, c/sola borracha, uso feminino	0,0000	0,0002	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0081
Sandálias de borracha/plástico, com costura	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0080
Melões frescos	0,0003	0,0017	0,0021	0,0031	0,0011	0,0023	0,0006	0,0078
Placas/folhas/tiras, de mica aglomerada/reconstituída	0,0063	0,0050	0,0050	0,0049	0,0057	0,0082	0,0064	0,0074
Fio de algodão>=85%,simples,fibra pent.cru,dec>=192.31	0,0105	0,0183	0,0218	0,0136	0,0028	0,0080	0,0050	0,0068
Contador de eletricidade, monofásico	0,0021	0,0000	0,0002	0,0039	0,0046	0,0157	0,0104	0,0066
Tecido algodão>=85%,p>200g/m2,pto.sarjado,tinto	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0056	0,0057
Fio de algodão<85%,simples,fibra pent.cru,dec>=232.56	0,0020	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0086	0,0061	0,0054
Outs.fios algodão <85%,fibra n/pent.d>=232.56	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0021	0,0052	0,0049
Camarões congelados	0,0245	0,0230	0,0218	0,0184	0,0127	0,0211	0,0135	0,0047
Fio de algodão>=85%,retorc.fibra n/pent.dec>=232.56	0,0050	0,0087	0,0153	0,0068	0,0036	0,0017	0,0036	0,0046
Fio de algodão<85%,simples,fibra n/pent.cru,dec>=232.56	0,0054	0,0032	0,0002	0,0001	0,0000	0,0018	0,0029	0,0045
Subtotal	0,7743	0,8154	0,8321	0,8459	0,8468	0,8388	0,8766	0,9000

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

Já para o período de 1997 a 2016, a desagregação mostra-se com maior relevância pois ocorrem mudanças significativas no ordenamento dos produtos na pauta exportadora cearense. Desta forma, no período citado, constatou-se relativa diversificação da pauta estadual em relação ao período anterior (Tabela 10). O produto calçados de borracha já aparece, desde 1997, em posição de destaque e, no último ano, o produto semimanufaturado de ferro assumiu a liderança.

Neste contexto, deve-se ressaltar que o principal produto vendido no mercado externo, em 2016, foi um produto não presente na tradição exportadora do estado até este último ano. Tal fato mostra que o fator que influenciou a produção e comercialização de produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado foi a implantação e operação de uma siderurgia na Zona de Processamento de Exportação (ZPE) no porto do Pecém. No fluxo caudatário desse comportamento, viu-se, também, o surgimento de outro produto, em 2016, que conquistou participação de 3,6% nas exportações estaduais, gás natural liquefeito, que antes não pontuava em termos de produção para exportação.

No geral, observou-se que ocorreu diversificação na pauta no segundo período da análise, pois trinta e cinco produtos foram responsáveis por 90% das vendas externas cearenses em 2016. E, no referido ano, vinte e um produtos participaram, conjuntamente, com 80% das exportações estaduais, todos estes com percentuais acima de 1% do total.

O setor de frutas, tradicional tanto em produção quanto nas vendas externas, conseguiu colocar no mercado internacional outros produtos além da castanha de caju, fresca ou seca, sem casca, cujo produto dominava a pauta exportadora até 1999. Contudo, a partir dos anos 2000, este veio perdendo espaço no comércio externo estadual, chegando a participar com apenas 8% das vendas totais em 2016.

Dentro do setor de frutas, pode-se constatar, também, o ganho de mercado de melões frescos, que, a partir 2001 alcançou participação de relevo e, em 2016, chegou a representar 5,5% das vendas totais do Ceará. Melancias frescas, por sua vez, nos dois últimos anos da série, conquistou espaço dentre os produtos que obtiveram participação acima de 1% das exportações cearenses. Mais atrás, de maneira mais modesta, estão as bananas frescas ou secas, exceto bananas-da-terra, que, a partir de 2012, passaram a ter participação entre 0,5% e 0,8% da pauta total cearense.

Dentro do setor de calçados, tem-se os seguintes produtos com participações acima de 1% nas vendas estaduais no último ano e que ganharam mercado entre 1997 e 2016: calçados de borracha ou plásticos, com parte superior em tiras ou correias, fixados à sola por pregos, tachas, pinos e semelhantes (6,6%); outros calçados cobrindo o tornozelo, parte superior de borracha, plástico (5,9%); outros calçados sola exterior borracha/plástico, de couro/natural (4,1%); partes superiores de calçados e seus componentes (1,4%); outros calçados sola exterior de couro natural, cobrindo o tornozelo (1,1%); e outros calçados de matéria têxtil, sola de borracha/plástico (1,1%).

Três produtos que obtiveram percentuais acima de 1% pertencem ao setor de couros, são eles, em ordem de importância: couros e peles, incluindo as tiras, de bovinos (incluindo os búfalos), preparados, divididos, com o lado flor, com participação de 5,9% em 2016; outros couros e peles inteiros, de bovinos (incluindo os búfalos), divididos, com o lado flor (2%); e outros couros e peles inteiros, de bovinos (incluindo os búfalos), plena flor, não divididos (2%). Todos os produtos citados do referido setor ganharam mercado nas duas últimas décadas analisadas.

O setor de peixes e crustáceos teve participação importante na pauta em 2016 puxado, principalmente, por dois produtos que registraram taxas acima de 1% das vendas totais do estado, são eles: outras lagostas (*Palinurus* spp., *Panulirus* spp., *Jasus* spp.), congeladas, exceto as inteiras (1,6%) e lagostas (*Palinurus* spp., *Panulirus* spp., *Jasus* spp.) inteiras, congeladas (1,2%). Esses dois tipos de produtos ganharam mercado no período analisado pois não eram exportados pelo Ceará até 2001.

O produto Sucos (sumo) de outras frutas, não fermentado, sem adição de açúcar, pertencente ao setor preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc., começou a se destacar na pauta exportadora cearense a partir de 2012, com 3,4% das vendas externas, e chegou, em 2016, a responder por 5,1% do total da pauta, o que mostrou ganho expressivo na pauta externa estadual e ultrapassou outros setores tradicionais produtores e exportadores do Ceará.

Dos principais produtos exportados, podem-se citar, ainda, partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores, etc., que, a partir de 2009, começou a registrar participações crescentes na pauta cearense e alcançou, em 2016, parcela de 5,3%, puxando, portanto, o comportamento do setor máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes no comércio internacional.

Por fim, um produto que deve ser mencionado pela perda registrada de mercado externo ao longo do período é ceras vegetais, pertencente ao setor 15 (gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.). O produto, tradicional na pauta cearense desde 1990, alcançou, em 2016, participação de 4,4%, face aos 9,4% em 1997.

Tabela 10: Ceará - principais produtos exportados de 2016 (CS) (1997-2016)

Produtos	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular, que contenham, em peso, menos de 0,25 % de carbono	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,1378
Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca	0,3930	0,3492	0,3119	0,2775	0,1666	0,1468	0,1442	0,1650	0,1462	0,1416	0,1567	0,1146	0,1731	0,1434	0,1255	0,1173	0,0773	0,0610	0,0814	0,0797
Calçados de borracha ou plásticos, com parte superior em tiras ou correias, fixados à sola por pregos, tachas, pinos e semelhantes	0,0438	0,0551	0,0596	0,0595	0,0573	0,0600	0,0675	0,0738	0,0652	0,0750	0,0755	0,0872	0,0674	0,0778	0,0573	0,0703	0,0687	0,0788	0,0940	0,0658
Couros e peles, incluindo as tiras, de bovinos (incluindo os búfalos), preparados, divididos, com o lado flor	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0001	0,0007	0,0238	0,0433	0,0809	0,0753	0,0822	0,0814	0,0593
Outros calçados cobrindo o tornozelo, parte superior de borracha, plástico	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0191	0,0455	0,0721	0,1027	0,0966	0,1027	0,0812	0,0731	0,0860	0,0591
Melões frescos	0,0012	0,0023	0,0052	0,0058	0,0215	0,0237	0,0238	0,0194	0,0369	0,0303	0,0365	0,0671	0,0687	0,0585	0,0544	0,0620	0,0625	0,0617	0,0848	0,0547
Partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores, etc.	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0007	0,0033	0,0028	0,0016	0,0008	0,0093	0,0099	0,0175	0,0107	0,0059	0,0125	0,0266	0,0204	0,0332	0,0534
Sucos (sumo) de outras frutas, não fermentado, sem adição de açúcar	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0345	0,0300	0,0269	0,0428	0,0510
Ceras vegetais	0,0940	0,0793	0,0543	0,0395	0,0335	0,0273	0,0138	0,0160	0,0228	0,0259	0,0301	0,0314	0,0243	0,0344	0,0415	0,0528	0,0373	0,0454	0,0618	0,0435
Outros calçados sola exterior borracha/plástico, de couro/natural	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0861	0,0874	0,0894	0,0957	0,0659	0,0464	0,0300	0,0314	0,0370	0,0413
Gás natural liquefeito	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0357
Outros couros e peles inteiros, de bovinos (incluindo os búfalos), divididos, com o lado flor	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0166	0,0804	0,0746	0,0684	0,0471	0,0263	0,0168	0,0212	0,0164	0,0201
Outros couros e peles inteiros, de bovinos (incluindo os búfalos), plena flor, não divididos	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0810	0,0993	0,1034	0,1069	0,1160	0,0922	0,0396	0,0275	0,0270	0,0203	0,0248	0,0222	0,0195	0,0316	0,0199
Tecidos de algodão que contenham pelo menos 85 %, em peso, de algodão, com peso superior a 200 g/m2, denominados Denim, com fios tintos em indigo blue segundo Color Index 73.000	0,0952	0,1093	0,0774	0,0862	0,1129	0,0888	0,0632	0,0660	0,0583	0,0587	0,0425	0,0273	0,0195	0,0184	0,0236	0,0217	0,0142	0,0098	0,0185	0,0168
Outras lagostas (Palinurus spp., Panulirus spp., Jasus spp.), congeladas, exceto as inteiras	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0696	0,0402	0,0465	0,0471	0,0382	0,0283	0,0258	0,0325	0,0462	0,0305	0,0200	0,0259	0,0249	0,0337	0,0164
Partes superiores de calçados e seus componentes	0,0003	0,0002	0,0001	0,0000	0,0000	0,0000	0,0003	0,0002	0,0000	0,0000	0,0003	0,0005	0,0013	0,0008	0,0050	0,0107	0,0056	0,0039	0,0148	0,0145

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

Tabela 10: Ceará - principais produtos exportados de 2016 (CS) (1997-2016) (continuação)

Produtos	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Lagostas (<i>Palinurus</i> spp., <i>Panulirus</i> spp., <i>Jasus</i> spp.) inteiras, congeladas	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0018	0,0001	0,0000	0,0002	0,0010	0,0005	0,0033	0,0010	0,0007	0,0052	0,0029	0,0037	0,0038	0,0040	0,0122
Outros calçados sola exterior de couro natural, cobrindo o tornozelo	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0142	0,0143	0,0112	0,0193	0,0138	0,0108	0,0078	0,0066	0,0111	0,0114
Melancias frescas	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0012	0,0022	0,0014	0,0013	0,0027	0,0043	0,0046	0,0096	0,0096	0,0054	0,0054	0,0072	0,0054	0,0051	0,0135	0,0112
Outros calçados de matéria têxtil, sola de borracha/plástico	0,0005	0,0015	0,0027	0,0012	0,0015	0,0026	0,0100	0,0141	0,0143	0,0159	0,0172	0,0143	0,0160	0,0070	0,0029	0,0060	0,0125	0,0056	0,0080	0,0109
Granito, simplesmente talhados ou serrados, de superfície plana ou lisa	0,0011	0,0009	0,0004	0,0007	0,0037	0,0029	0,0026	0,0045	0,0060	0,0097	0,0072	0,0049	0,0035	0,0040	0,0037	0,0053	0,0058	0,0059	0,0078	0,0100
Subtotal	0,6291	0,5978	0,5116	0,4704	0,3982	0,5074	0,4697	0,513	0,5082	0,5174	0,6369	0,6632	0,7099	0,7442	0,6479	0,7151	0,6088	0,5872	0,7618	0,8247

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

No último ano da série, cinquenta e dois produtos foram responsáveis por 90% das importações do estado, ou seja, a pauta mostrou-se bem mais diversificada que a pauta exportadora para o mesmo período. Desses, nove produtos responderam por 75% das compras e com percentuais acima de 1% (Tabela 11).

Assim, no que diz respeito aos principais produtos importados, nota-se que, no período de 1989-1996, o Ceará comprava, principalmente, trigo em grãos, descascados; algodão e gásóleo (óleo diesel), com percentuais acima dos dois dígitos ao longo de quase todos os anos da série.

O primeiro produto que registrou ganho de participação na pauta importadora estadual foi algodão não cardado nem penteado, que saltou de 0,04%, em 1989, para 29% em 1996; em seguida, veio trigo exceto trigo duro, que apareceu, neste último ano, participando com 16,4%; gasolina automotiva tipo a, segundo cnp, que registrou participação de 3,9%, em 1996, face aos 2,4% do ano anterior; tereftalato de polietileno, em forma primaria (3,4%); e querosene de aviação, que saiu de 0,9%, em 1989, para 1,7%.

Os produtos que perderam espaço na pauta, no período, foram: gásóleo (óleo diesel), que apesar da queda na participação nas compras estaduais, ainda deteve percentual significativo no total das importações do estado (11,4%); trigo em grãos, descascados, redução de 291% nos extremos do período; e óleo bruto de petróleo com queda de 71%.

Tabela 11: Ceará - principais produtos importados de 1996 (CS) (1989-1996)

Produtos	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Algodão não cardado nem penteado	0,0040	0,0545	0,0180	0,0428	0,2287	0,2510	0,1737	0,2900
Trigo exceto trigo duro	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,1641
"Gásóleo" (óleo diesel)	0,1240	0,0711	0,2056	0,2151	0,2064	0,0981	0,0882	0,1137
Trigo em grãos, descascados	0,2609	0,1636	0,2178	0,1534	0,1432	0,1306	0,1771	0,0556
Gasolina automotiva tipo a, segundo cnp	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0235	0,0391
Tereftalato de polietileno, em forma primaria	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0152	0,0342
Óleo bruto de petróleo	0,1212	0,1928	0,0965	0,0789	0,0538	0,0322	0,0302	0,0275
Querosene de aviação	0,0000	0,0093	0,0045	0,0099	0,0150	0,0158	0,0151	0,0165
Papel de jornal,s/linha d'agua,em rolos/fls.p<=54kg/m2	0,0000	0,0000	0,0104	0,0033	0,0022	0,0069	0,0112	0,0125
Subtotal	0,5101	0,4913	0,5528	0,5034	0,6493	0,5346	0,5342	0,7532

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Considerando o período 1997-2016, nota-se diversificação da pauta importadora maior do que no período anterior analisado, pois, em 2016, cento e cinquenta e seis produtos foram responsáveis por 90%, com vinte e quatro correspondendo a 66% das compras estaduais.

Os quatro principais produtos importados pelo Ceará, em 2016, possuem uma característica especial, pois apareceram na pauta do estado a partir do final da segunda metade da década de 2000,

são eles: gás natural liquefeito; outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura; hulha betuminosa, não aglomerada; outros fornos para ustulação de minérios/metais, não elétricos.

No geral, constatou-se que quantidade significativa de produtos importados é composta de bens de capital e de alto valor agregado, diferentemente das exportações que se concentram em bens de baixo valor agregado (Tabela 12).

Tabela 12: Ceará - principais produtos importados de 2016 (CS) (1997-2016)

Produtos	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Gás natural liquefeito	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0169	0,0707	0,1269	0,0739	0,0881	0,1967	0,1418	0,2740	0,0722
Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0781	0,0973	0,0646	0,0708	0,0539
Hulha betuminosa, não aglomerada	0,0000	0,0000	0,0000	0,0019	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0085	0,0162	0,0142	0,0618	0,0639	0,0448
Outros fornos para ustulação, etc, de minérios/metais, não elétricos	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0010	0,0000	0,0067	0,0428
Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	0,0176	0,0127	0,0013	0,0085	0,0020	0,0016	0,0008	0,0010	0,0015	0,0002	0,0012	0,0092	0,0043	0,0018	0,0010	0,0012	0,0013	0,0014	0,0012	0,0393
Fornos industriais para fusão de metais, não elétricos	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0001	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0390
Outros aparelhos para filtrar ou depurar gases	0,0002	0,0001	0,0003	0,0001	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0002	0,0000	0,0000	0,0000	0,0002	0,0000	0,0007	0,0003	0,0000	0,0008	0,0006	0,0357
Conversores para metalurgia, aciaria ou fundição	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0339
Outras bombas de ar/coifas aspirantes para extração/reciclagem	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0015	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0001	0,0000	0,0337
Aparelhos elevadores ou transportadores, de ação contínua, para mercadorias, de tira ou correia	0,0017	0,0000	0,0001	0,0001	0,0000	0,0001	0,0000	0,0000	0,0001	0,0000	0,0000	0,0002	0,0000	0,0000	0,0003	0,0005	0,0001	0,0008	0,0000	0,0293
Outros trocadores de calor	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0001	0,0001	0,0000	0,0001	0,0000	0,0275
Outros quadros, painéis, etc, com aparelho interruptor de circuito elétrico, para uma tensão superior a 1.000 V	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0001	0,0001	0,0009	0,0002	0,0003	0,0011	0,0264
Transformador elétrico de potência superior a 500 kVA	0,0000	0,0003	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0220
Outras máquinas de vaziar (moldar), para metalurgia, aciaria ou fundição	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0001	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0213
Outras hulhas, mesmo em pó, mas não aglomeradas	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0008	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0201
Aparelhos para filtrar ou depurar água	0,0000	0,0003	0,0000	0,0003	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0001	0,0000	0,0001	0,0002	0,0001	0,0019	0,0001	0,0001	0,0002	0,0004	0,0006	0,0180
Outros laminadores a quente e/ou frio, de metais	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0172
Outros aparelhos elevadores ou transportadores, de ação contínua, para mercadorias	0,0048	0,0016	0,0007	0,0004	0,0024	0,0006	0,0000	0,0002	0,0004	0,0002	0,0002	0,0021	0,0005	0,0013	0,0055	0,0013	0,0005	0,0011	0,0005	0,0145
Outros grupos eletrogêneos	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0983	0,2101	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0008	0,0003	0,0013	0,0140
Outros aparelhos e dispositivos para tratamento de matérias por meio de operações que impliquem mudança de temperatura	0,0004	0,0004	0,0000	0,0002	0,0001	0,0048	0,0000	0,0000	0,0001	0,0000	0,0001	0,0000	0,0038	0,0001	0,0001	0,0007	0,0012	0,0008	0,0004	0,0137
Condensadores para máquinas a vapor	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0125
Caldeiras aquatubulares com produção de vapor superior a 45 t por hora	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0119
Glifosato e seu sal de monoisopropilamina	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0039	0,0191	0,0176	0,0153	0,0111
Outras unidades de processamento, exceto as das subposições 8471.41 ou 8471.49	0,0000	0,0000	0,0000	0,0001	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0003	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0001	0,0058	0,0002	0,0107
Subtotal	0,0247	0,0154	0,0024	0,0116	0,0046	0,1055	0,2109	0,0012	0,0024	0,0004	0,0019	0,0286	0,0811	0,1321	0,0911	0,1914	0,3327	0,2977	0,4366	0,6655

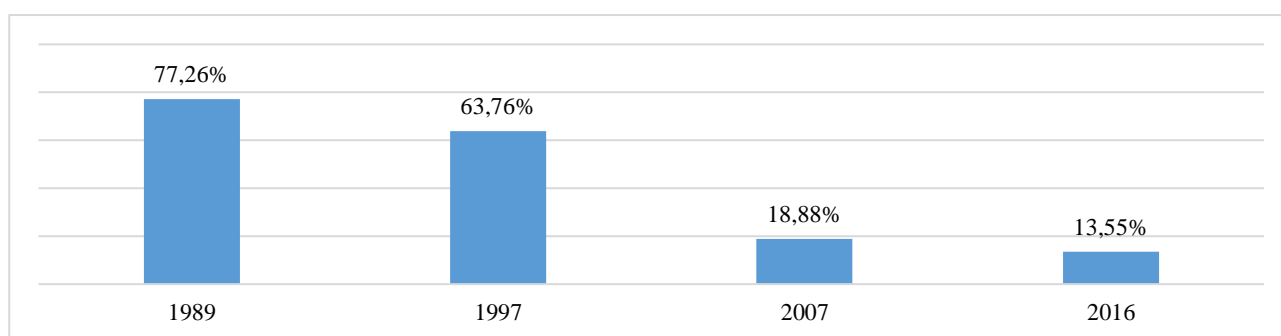
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

5.3.1 Principais produtos exportados face aos principais concorrentes nacionais

Considerando o grupo dos dez produtos principais da pauta exportadora do estado em 1989, nota-se que esse conjunto foi perdendo representatividade ao longo dos anos seguintes, saindo de um percentual de 77%, naquele ano, para 14% em 2016. No decorrer desse período, alguns produtos deixaram de ser exportados pelo Ceará e outros tornaram seus pesos insignificantes na pauta.

Do conjunto de dez produtos inicialmente considerados, apenas dois permaneceram nas décadas subsequentes no conjunto dos dez mais importantes, porém registraram perda de participação expressiva, a saber: castanha de caju, fresca ou seca, sem casca, que reduziu a parcela em cerca de 80% e, ceras de carnaúba, que teve queda de 35% de participação na pauta entre os extremos do período analisado (Gráfico 21).

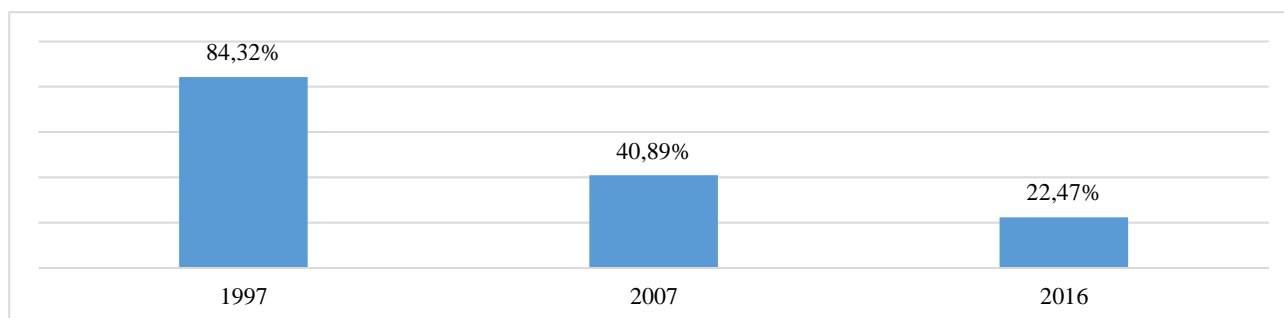
Gráfico 21: Ceará – grupo dos dez principais produtos exportados de 1989



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

Já, em 1997, o grupo formado pelos dez principais produtos da pauta exportadora cearense também perdeu representatividade ao longo das décadas seguintes (Gráfico 22). Nesse grupo, mantiveram-se os dois mencionados anteriormente, ou seja, castanha de caju, fresca ou seca, sem casca e ceras vegetais, e entra o produto calçados de borracha ou plásticos, com parte superior em tiras ou correias, o qual ganhou espaço na pauta das vendas externas do estado, saindo de 4%, em 1997, para 7% em 2016, reflexo da política de atração de investimentos do governo do estado.

Gráfico 22: Ceará – grupo dos principais produtos exportados de 1997



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

Desde o início do período analisado, a castanha de caju cearense domina a pauta desse produto nacional sendo que, em 2016, cerca de 80% das exportações brasileiras desse produto foi de responsabilidade do estado do Ceará. O principal estado concorrente nacional da castanha produzida no Ceará no mercado externo foi, no último ano, o Rio Grande do Norte. Os dois principais países compradores da castanha cearense foram, nesse mesmo ano, Estados Unidos e Holanda, sendo o primeiro o principal importador da castanha nacional (Tabela 13).

Em 1997, 78% das exportações de calçados de borracha ou plásticos do Brasil era efetuado pelo Ceará e, em 2016, a participação cearense nas vendas brasileiras desse tipo de calçados caiu para 48%. Contudo, o estado continuou como principal vendedor brasileiro no mercado externo. No último ano, o principal concorrente do estado nesse tipo de calçados produzido no Ceará foi a Paraíba. Os principais países de destinos dos calçados de borracha do estado do Ceará foram países da América do Sul: Paraguai, Colômbia, Bolívia e Peru.

O estado do Ceará mantém-se, desde 1989, como principal exportador de ceras vegetais brasileiras, respondendo, em 2016, por 57% das vendas brasileiras desse produto no mercado externo. O estado do Piauí aparece como principal concorrente nacional neste último ano (43%). Os principais países de destinos das ceras cearenses foram Estados Unidos, Alemanha e China.

O produto couros e peles, incluindo as tiras, de bovinos (incluindo os búfalos) do Ceará ganhou representatividade no cenário nacional entre os 2007 e 2016, saindo de uma participação ínfima e alcançou cerca de 30% no último ano, segunda colocação no ordenamento nacional. Os dois principais concorrentes nacionais do produto cearense foram Rio Grande do Sul e Pernambuco. Para o produto cearense o principal destino, em 2016, foi a Hungria.

Outros calçados cobrindo o tornozelo, parte superior de borracha, plástico também ganhou posição no ranking nacional, saindo da 3ª colocação, em 2007, para 2ª em 2016. Os principais concorrentes do Ceará desse produto foram Rio Grande do Sul e Bahia. Os maiores importadores do produto cearense, em 2016, foram Estados Unidos; Argentina; Reino Unido e Hong Kong. Além desse tipo de calçado, o estado do Ceará ocupa a terceira colocação nas exportações brasileiras de outros calçados sola exterior borracha/plástico, de couro/natural, cujos principais concorrentes nacionais, no último ano, foram, também, Rio Grande do Sul e Bahia.

Por fim, o item outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, o qual ocupou a terceira colocação no ranking nacional das exportações totais desse produto em 2016. Nesse ano, o maior concorrente nacional foi o estado do Espírito Santo. Os principais países importadores do produto cearense foram: Turquia, Tailândia e México. As empresas coreanas sócias da CSP, Dongkuk e Posco exportam produtos semimanufaturados para empresas de seus grupos no contexto das respectivas cadeias globais de produção.

Tabela 13: Ceará – principais produtos de 2016, participação no Brasil, principal concorrente nacional e principais destinos (anos selecionados)

Produto	1989		1997		2007		2016		Concorrente nacional	Principais destinos (Ceará)	Principal destino (Brasil)
	(%)	Rk	(%)	Rk	(%)	Rk	(%)	Rk			
Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado							11,70	3º	ES (41,72%)	Turquia (28,62%); Tailândia (17,93%); México (12,11%)	Estados Unidos (43,43%)
Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca	86,34	1º	88,41	1º	79,29	1º	79,64	1º	RN (19,43%)	Estados Unidos (57,99%); Holanda (7,8%)	Estados Unidos (53,10%)
Calçados de borracha ou plásticos, com parte superior em tiras ou correias			78,32	1º	57,63	1º	48,43	1º	PB (34,70%)	Paraguai (16,0%); Colômbia (12,30%); Estados Unidos (5,12%); Bolívia (5,10%); Peru (5,0%); Espanha (4,0%)	Paraguai (9,26%)
Couros e peles, incluindo as tiras, de bovinos (incluindo os búfalos)					0,00	9º	29,68	2º	RS (40,05%); PE (0,19%)	Hungria (49,46%)	Hong Kong (16,90%)
Outros calçados cobrindo o tornozelo, parte superior de borracha, plástico					15,20	3º	36,43	2º	RS (40,56%); BA (8,64%)	Estados Unidos (17,48%); Argentina (15,24%); Reino Unido (4,6%); Hong Kong (4,6%)	Argentina (17,38%)
Melões frescos	0,88	5º	23,57	3º	41,66	2º	47,63	2º	RN (50,64%)	Holanda (46,94%); Reino Unido (32,9%)	Holanda (43,09%)
Partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores, etc.					1,92	4º	17,36	2º	SP (65,53%); PE (7,30%)	Alemanha (100%)	Estados Unidos (43,52%)
Sucos (sumo) de outras frutas, não fermentado, sem adição de açúcar							55,04	1º	PA (12,25%); PE (11,08%)	Estados Unidos (76,08%); Canadá (5,9%)	Estados Unidos (60,20%)
Ceras vegetais	69,25	1º	57,77	1º	50,69	1º	56,72	1º	PI (43,20%)	Estados Unidos (31,50%); Alemanha (16,54%); China (10,60%)	Estados Unidos (30,90%)
Outros calçados sola exterior borracha/plástico, de couro/natural					11,73	3º	16,40	3º	RS (56,64%); BA (3,74%)	Estados Unidos (68,84%); Argentina (10,6%)	Estados Unidos (36,76%)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

5.4 Intensidade tecnológica das exportações cearenses (1999 – 2016)

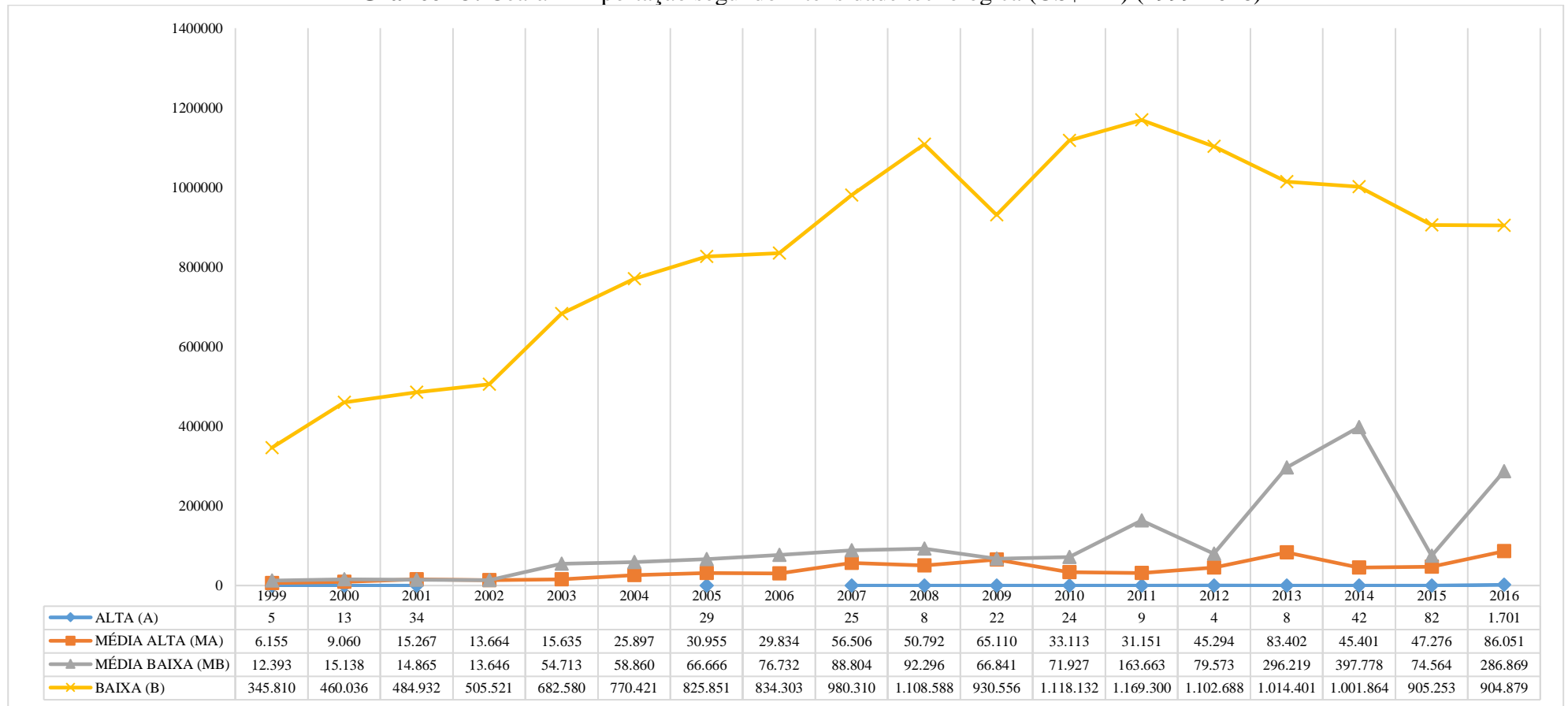
O Gráfico 23 mostra a distribuição das exportações cearenses segundo a intensidade tecnológica. As informações contidas no citado gráfico revelam que as vendas externas estaduais estão concentradas em produtos de baixa intensidade tecnológica entre 1999 e 2016. De forma geral, todos os segmentos, segundo intensidade tecnológica, obtiveram elevações em valores ao longo de todo o período, com destaque para Alta (A) e Média Baixa (MB).

Do lado das compras externas, fato interessante foi observado, em grande parte do período, e se refere às importações cearenses serem significativas em valores para produtos de baixo valor agregado (média baixa e baixa intensidade). A partir de 2012, o segmento de média alta intensidade assume posição de destaque (Gráfico 24).

Observou-se que o saldo do grupo de produtos de baixa intensidade tecnológica foi superavitário e crescente ao longo de todo o período considerado, ou seja, os bens produzidos sob condições de baixa intensidade tecnológica têm dominado as vendas externas cearenses, diferente dos demais grupos que registraram déficit em todos os anos do período 1999-2016. Dentre esses, o que chama atenção é o déficit crescente do grupo Média Alta, que atingiu seu menor valor no último ano da série (Gráfico 25).

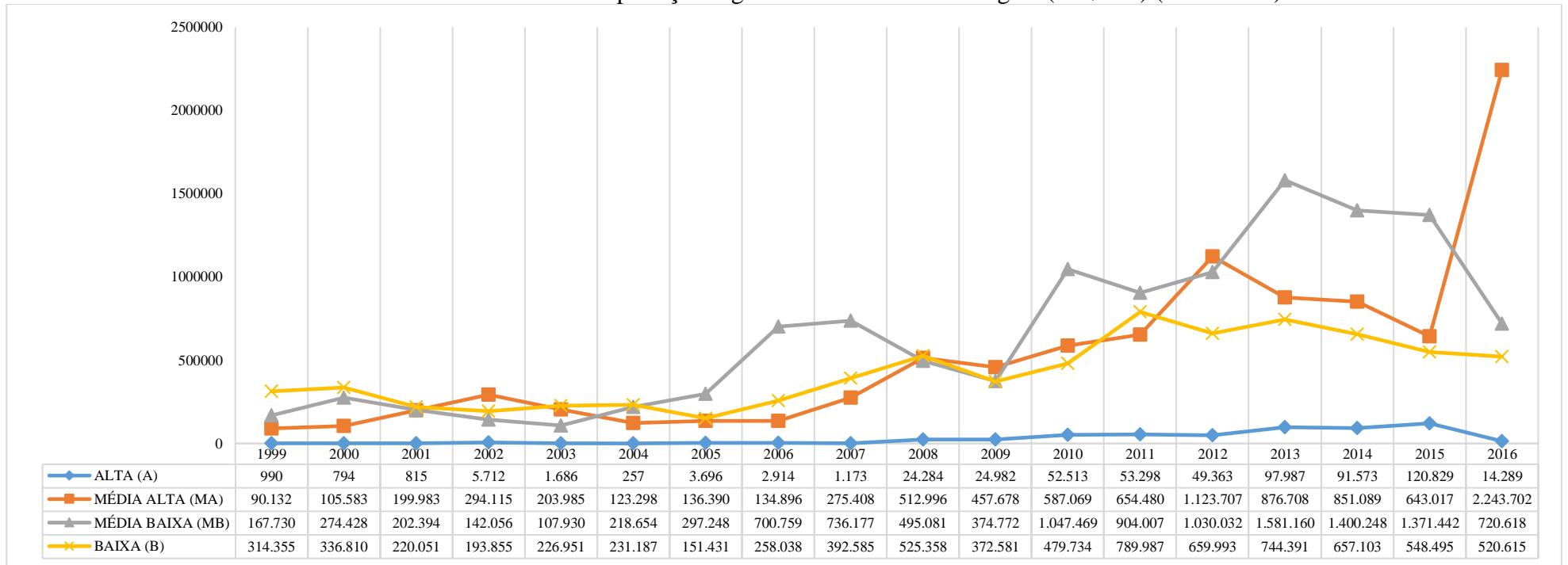
Dentro do grupo de produtos de baixa intensidade tecnológica pode-se ressaltar aqueles que possuem importância nas vendas externas do estado, como por exemplo: produtos dos setores de calçados, de frutas, de peles e couros e de algodão. Já para o segmento de média alta intensidade, os setores representativos são: reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc. e máquinas, aparelhos e materiais elétricos. Os produtos pertencentes ao segmento de média baixa intensidade tecnológica fazem parte dos setores ferro fundido, ferro e aço e obras de ferro fundido; e obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica etc.

Gráfico 23: Ceará – Exportação segundo intensidade tecnológica (US\$ mil) (1999-2016)



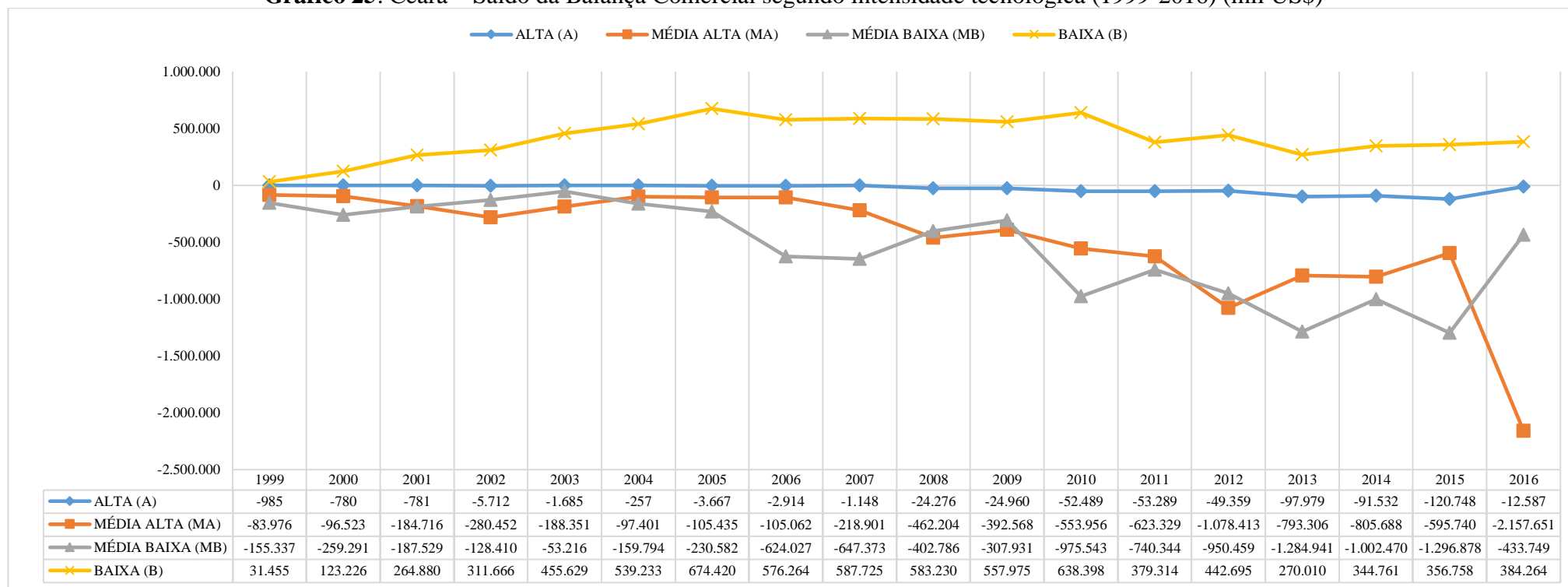
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017

Gráfico 24: Ceará – importação segundo intensidade tecnológica (US\$ mil) (1999-2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017

Gráfico 25: Ceará – Saldo da Balança Comercial segundo intensidade tecnológica (1999-2016) (mil US\$)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

5.5 Principais empresas exportadoras e importadoras segundo faixa de Valor

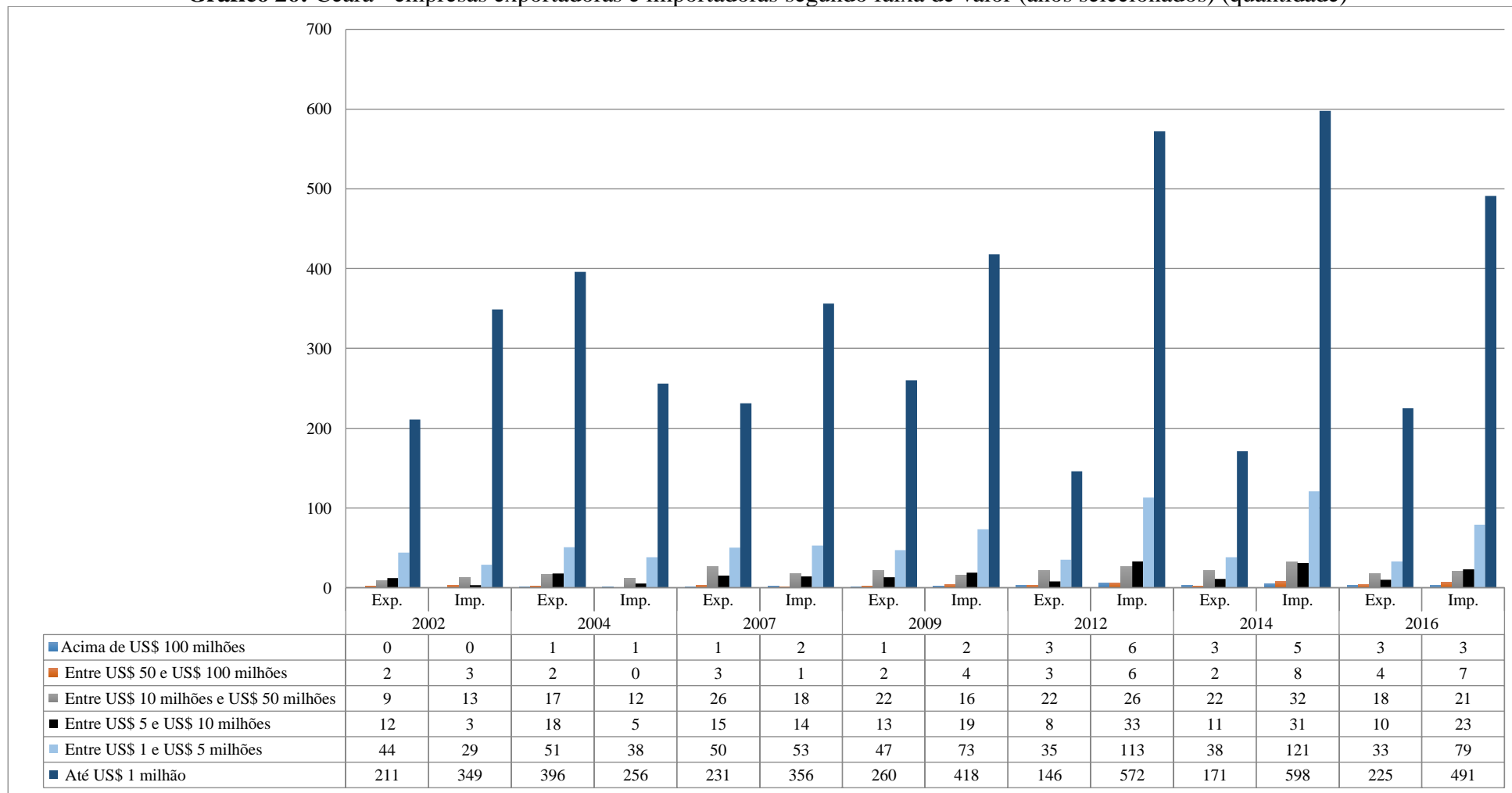
A quantidade de empresas exportadoras variou muito ao longo dos últimos quinze anos, pois, em 2002, estavam em atividade no Ceará 278 empresas enviando para o mercado externo. No ano de 2004, atinge-se o maior número de empresas que direcionavam seus produtos para o mercado internacional (485 empresas). Contudo, nos anos posteriores, o número reduziu-se e chegou a 293 em 2016. Esse comportamento oscilante para baixo não é visível para as empresas importadoras no Ceará no mesmo período, pois ocorreu, na verdade, crescimento de 57% no total de empresas importadoras entre 2002 e 2016.

No caso das exportações, nota-se que, além do total das empresas exportadoras, a quantidade de empresas que exportam na faixa até US\$ 1 milhão permaneceu praticamente a mesma nos extremos dos anos observados. Do lado das importações, o número de empresas que importaram na faixa de até US\$ 1 milhão aumentou 40% entre 2002 e 2016 (Gráfico 26).

Três empresas exportaram acima de US\$ 100 milhões a partir de 2012, enquanto, entre 2004 e 2011, era apenas uma. Já para as faixas de exportação compreendidas entre US\$ 50 e US\$ 100 milhões e US\$ 10 e US\$ 50 milhões ocorreu aumento de 100% entre os extremos da análise.

A quantidade de empresas importadoras da faixa de US\$ 1 e US\$ 5 milhões saltou de vinte e nove para setenta e nove em 2016 (172%). Acima de US\$ 100 milhões, em 2004 apenas uma empresa importava esse valor, enquanto, no último ano, totalizaram três.

Gráfico 26: Ceará - empresas exportadoras e importadoras segundo faixa de valor (anos selecionados) (quantidade)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Ao se observar algumas empresas que exportaram no estado do Ceará é possível verificar aquelas que mudaram de faixa de valor das exportações ao longo dos anos selecionados, como é o caso das seguintes empresas: Cascavel Couros LTDA, que, em 2002, exportava na faixa de US\$ 50 a US\$ 100 milhões e, nos dois anos subsequentes observados, exportou acima de US\$ 100 milhões. Contudo, nos anos de 2014 e 2016, não apareceu entre as que exportavam acima dos US\$ 5 milhões. A Grendene, em 2002, exportava na faixa de US\$ 50 a US\$ 100 milhões, nos anos subsequentes analisados, passou a vender acima de US\$ 100 milhões, ganhando posição de destaque. Outras empresas também conseguiram elevar a faixa de valor exportado no decorrer dos anos, foram elas: Paquetá Calçados; Petróleo Brasileiro S/A Petrobras; Bermas Indústria e Comércio (Quadro 2).

A Companhia Siderúrgica do Pecém apareceu na pauta das empresas exportadoras acima de US\$ 100 milhões no ano de 2016, enquanto a JBS S/A (ex Bermas Indústria e Comércio), em 2014 e 2016, apareceu exportando a mesma faixa de valor citado.

Quadro 2: Ceará – empresas exportadoras* (2002; 2004; 2012; 2014; 2016)

Faixa de valor	2002	2004	2012	2014	2016
Acima de US\$ 100 milhão	-	CASCABEL COUROS LTDA	CGTF CENTRAL GERADORA TERMELETRICA FORTALEZA S.A.; GRENDENE S A; CASCABEL COUROS LTDA	PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS; GRENDENE S A; JBS S/A	CSP - COMPANHIA SIDERURGICA DO PECEM; GRENDENE S A; JBS S/A
Entre US\$ 50 e US\$ 100 milhões	CASCABEL COUROS LTDA; VICUNHA TEXTIL S/A.	VICUNHA TEXTIL S.A.; GRENDENE S A	AGRICOLA FAMOSA LTDA; VICUNHA TEXTIL S.A.; PAQUETA CALCADOS S.A.	AGRICOLA FAMOSA LTDA; PAQUETA CALCADOS S.A.	AGRICOLA FAMOSA LTDA; PAQUETA CALCADOS LTDA; WOBLEN WINDPOWER INDUSTRIA E COMERCIO LTDA; PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS
Entre US\$ 10 milhões e US\$ 50 milhões	GRENDENE CALCADOS S/A; IRACEMA INDUSTRIAS DE CAJU LTDA; PAQUETA CALCADOS S.A.; CANINDE CALCADOS LTDA	PAQUETA CALCADOS LTDA; IRACEMA INDUSTRIA E COMERCIO DE CASTANHAS DE CAJU LTDA; COMPESCAL COMERCIO DE PESCADO ARACATIENSE LTDA; RESIBRAS INDUSTRIA DE CASTANHAS LTDA.	IRACEMA INDUSTRIA E COMERCIO DE CASTANHAS DE CAJU LTDA; BERMAS MARACANAU INDUSTRIA E COMERCIO DE COURO LTDA; VULCABRAS AZALEIA - CE, CALCADOS E ARTIGOS ESPORTIVOS S; PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS	BERMAS MARACANAU INDUSTRIA E COMERCIO DE COURO LTDA; CIA INDUSTRIAL DE OLEOS DO NORDESTE CIONE; WOBLEN WINDPOWER INDUSTRIA E COMERCIO LTDA; FONCEPI COMERCIAL EXPORTADORA LTDA	DUCOCO ALIMENTOS S/A; USIBRAS USINA BRASILEIRA DE OLEOS E CASTANHA LTDA; VICUNHA TEXTIL S.A.; FONCEPI COMERCIAL EXPORTADORA LTDA
Entre US\$ 5 e US\$ 10 milhões	RESIBRAS INDUSTRIA DE CASTANHAS LTDA; CINA CIA NORDESTE DE AQUICULTURA E ALIMENTACAO; SANTANA TEXTIL S A; PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS	TBM - TEXTIL BEZERRA DE MENEZES S/A; SANTISTA TEXTIL S.A.; BERMAS INDUSTRIA E COMERCIO LTDA; H.BETTARELLO CURTIDORA E CALCADOS LTDA	CERAPELES LTDA; VON ROLL DO BRASIL LTDA; GRANITOS S A; SINGER DO BRASIL INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	AGROCERA INDUSTRIA, COMERCIO E EXPORTACAO DE CERA VEGET; GRANITOS S A; MATRUNITA DA AMAZONIA APICULTURA LTDA; ESMALTEC S/A	PONTES INDUSTRIA DE CERA LTDA; PETROBRAS DISTRIBUIDORA S A; GRANITOS S A; CELM - AQUICULTURA S/A
Entre US\$ 1 e US\$ 5 milhões	INDUSTRIA DE FRIO E PESCA AS; PONTES INDUSTRIA DE CERA LTDA; MM MONTEIRO PESCA E EXPORTACAO LTDA; DAKOTA NORDESTE S/A	CIA METALIC NORDESTE; CINA CIA NORDESTE DE AQUICULTURA E ALIMENTACAO; PONTES INDUSTRIA DE CERA LTDA; GRENDENE S A	DEL MONTE FRESH PRODUCE BRASIL LTDA; TROPICAL NORDESTE FRUIT AGROINDUSTRIA; LIBRA LIGAS DO BRASIL S/A; SANGATI BERGA AS	SHOES EXPORTADORA E IMPORTADORA LTDA; BROK FRESH FRUIT COMERCIAL LTDA; DUCOCO ALIMENTOS S/A; CBC PRODUCAO DE BULBOS CEARA LTDA	ESMALTEC S/A; MS PESCADOS COMERCIO IMPORTACAO E EXPORTACAO LTDA; IPESCA INDUSTRIA DE PESCA LTDA - ME; DUCOCO PRODUTOS ALIMENTICIOS S/A
Até US\$ 1 milhão	D R LING INDUSTRIA E COMERCIO S/A; TRES CORACOES ALIMENTOS S.A.; AGROINDUSTRIAL GOMES LTDA; BRAZEX COMERCIAL EXPORTADORA LTDA	VON ROLL DO BRASIL LTDA; INDUSTRIAL E COMERCIAL JANDAIA LTDA; UNITEXTIL UNIAO INDUSTRIAL TEXTIL S A; VICUNHA TEXTIL S/A.	NATURAL WAX INDUSTRIA DE CERA LTDA; VICENTE DA SILVA MAGALHAES - ME; INDUSTRIA NAVAL DO CEARA AS; MICREL BENFIO TEXTIL LTDA	MS PESCADOS COMERCIO IMPORTACAO E EXPORTACAO LTDA; VICENTE DA SILVA MAGALHAES - ME; MARISOL VESTUARIO AS; FORTALEZA SERVICOS DE BORDO LTDA	EBP - EMPRESA BRASILEIRA DE PESCADOS LTDA; FORTALEZA SERVICOS DE BORDO LTDA; M DIAS BRANCO S.A. INDUSTRIA E COMERCIO DE ALIMENTOS

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Nota: Para as quatro faixas de maior valor de exportação está listado o conjunto das empresas de cada uma delas. Para as duas faixas de menor valor estão listadas as principais empresas de cada uma.

5.5.1 Empresas incentivadas

Sem dúvida, as empresas incentivadas tiveram papel decisivo na dinâmica do comércio exterior cearense. Os Programas de atração de investimentos não apenas promoveram expansão e diversificação do parque industrial do estado como também proporcionaram, em maior ou menor grau, abertura comercial da economia cearense.

Em 2004, havia 53 empresas com protocolos ativos recebendo incentivos fiscais que pontuavam como exportadoras na pauta estadual. Dez anos mais tarde, algumas dessas empresas haviam deixado de receber incentivos e outras entraram no rol das beneficiadas (Quadro 3).

Quadro 3: Ceará - Empresas incentivadas exportadoras (2004 e 2014)

EMPRESAS INCENTIVADAS	
Situação em 2004	Situação em 2014 (empresas com manutenção dos incentivos)
AÇO CEARENSE COMERCIAL LTDA	DASS NORDESTE CALÇADOS E ARTIGOS ESPORTIVOS LTDA
ARARUNA PLAST. INDUSTRIA COMÉRCIO LTDA	DASS NORDESTE CALÇADOS E ARTIGOS ESPORTIVOS LTDA.
BERMAS INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA	DELFA IND E COM DE ACESSORIOS DO VESTUARIO LTDA
C & L INDÚSTRIA DE PLÁSTICOS LTDA	DILLY NORDESTE INDUSTRIA DE CALCADOS LTDA
CALÇADOS REIFER LTDA	EBESA EMP. BRASIL DE EQUIP. S/A
CIA METALIC NORDESTE	EMPRESA BRASILEIRA DE BEBIDAS E ALIMENTOS S.A.(DAFRUTA)
COTECE S/A	FARMACE- IND. QUÍMICO FARMACÊUTICA CEARENCE LTDA
DIANA PAOLUCCI S/A IND. E COMÉRCIO	GERDAU AÇOS LONGOS S/A
DWA TECHNOLOGY IMPORTAÇÃO E EXP. LTDA	GRENDENE S/A - CRATO
EMPRESA AGRO-INDL. DESIT. FRUTAS LTDA	GRENDENE S/A - FORTALEZA
FAE FERRAGENS APAREL ELETRICOS S/A	GRENDENE S/A - SOBRAL
GRANISTONE S/A	INDUSTRIA DE CALÇADOS VIA BEACH LTDA
H BETTARELLO CURTID E CALCADOS LTDA	INDUSTRIAS REUNIDAS DE MÓVEIS DO NORDESTE LTDA (MADFORM)
JOBEK DO BRASIL IND TEXTIL LTDA	INDUSTRIAS REUNIDAS DE MÓVEIS DO NORDESTE LTDA (TUBFORM)
JOMAR IND COM IMP E EXPORTAÇÃO LTDA	JAGUATEXIL JAGUARUANA TEXTIL LTDA
JOONGBO QUIMICA DO BRASIL LTDA	L & P COM E INDUSTRIA DE FRUTAS LTDA
KILLING TINTAS E ADESIVOS LTDA	MARISOL COM. ATACADISTA E SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO LTDA
KRAFT FOODS BRASIL S/A	MARISOL VESTUÁRIO S/A
MALHARIA SANTA INEZ LTDA	MECESA EMBALAGENS S/A
MECESA EMBALAGENS S/A	METALGRÁFICA CEARENSE S/A - MECESA
METALGRAFICA CEARENSE S/A MECESA	NATURAL WAX INDUSTRIA DE CERA LTDA
MICREL BENFIO TEXTIL LTDA	NEORUBBER INDUSTRIA DE SANDALIAS LTDA
NORSA REFRIGERANTES LTDA	NUTRIMED INDUSTRIAL LTDA
PLASTSPUMA INDÚSTRIA COMÉRCIO LTDA	PVC INDUSTRIA E COMERCIO DE PLASTICOS LTDA
POLYMAR IND COM IMP E EXP LTDA	RIGESA DO NORDESTE S/A
TEBASA S/A	SANGATI BERGA S/A
TECELAGEM ALPHATEX LTDA	SANTANA TEXTIL S/A
TECNOLITY DO NORDESTE LTDA	SINGER DO BRASIL IND E COM LTDA

TINTAS HIDRACOR S/A	SUCOS DO BRASIL S/A
VICUNHA INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA	UNITEXTIL - UNIÃO INDUSTRIAL TEXTIL S/A
WOBLEN WINDPOWER IND E COM LTDA	VICUNHA INDUSTRIA DE IMPLEMENTOS RODOVIARIOS LTDA
WOBLEN WINDPOWER-CEARA-IND COM LTDA	-
ZAPPIA SHOES IND. DE CALÇADOS LTDA (EX. PE DE FERRO NORDESTE LTDA)	-
Situação em 2014 (novas empresas)	
CALÇADOS ANIGER NORDESTE LTDA	FLOEMA INDUSTRIA DE PRODUTOS NATURAIS LTDA
CALÇADOS SENADOR POMPEU LTDA	HOPE DO NORDESTE LTDA
CERAMICA BRASILEIRA CERBRAS LTDA	M DIAS BRANCO S.A. INDUSTRIA E COMERCIO DE ALIMENTOS
CESDE INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ELETRODOMÉSTICOS LTDA	PAQUETÁ CALÇADOS LTDA - PENTECOSTE
DAKOTA NORDESTE S/A	PAQUETÁ CALÇADOS LTDA - URUBURETAMA
DAKOTA NORDESTE S/A - IGUATU	PAQUETÁ CALÇADOS LTDA. - ITAPAJÉ
DAKOTA NORDESTE S/A - MARANGUAPE	POINT SUTURE DO BRASIL INDÚSTRIA DE FIOS CIRÚRGICO
DAKOTA NORDESTE S/A - RUSSAS	TBM - TEXTIL BEZERRA DE MENEZES S/A - FORTALEZA
DEMOCRATA NORDESTE CALÇADOS E ARTEF. DE COURO LTDA - CAMOCIM.	TBM - TEXTIL BEZERRA DE MENEZES S/A - MARACANAÚ
DEMOCRATA NORDESTE CALÇADOS E ARTEF. DE COURO LTDA - SANTA QUITÉRIA	TUBOARTE INDUSTRIA E COMÉRCIO LTDA
DUCOCO PRODUTOS ALIMENTICIOS S/A	VICUNHA TÊXTIL S/A - UNIDADE I
DURAMETAL S/A	VICUNHA TÊXTIL S/A - UNIDADE III
ESMALTEC S/A	VICUNHA TÊXTIL S/A - UNIDADE V
EVAPLAST INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ARTEFATOS DE BORRACHA	VULCABRAS/AZALEIA -CE, CALÇADOS E ARTIGOS ESPORTIVOS S A

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017; ADECE, 2016; MELO, 2011.

As três empresas exportadoras cearenses que mais transacionaram com o exterior em 2007, foram, em ordem de importância: Bermas Indústria e Comércio Ltda, Vicunha Têxtil S/A, e Grendene S/A. Essas empresas foram as que, desde 2004, exportaram montantes acima de 50 milhões de dólares. Elas fazem parte do grupo daquelas beneficiadas por programas de incentivos do governo estadual. É interessante ressaltar outras três que participaram do grupo das maiores exportadoras em 2007, e que, também, foram beneficiadas com incentivos fiscais: Calçados Aniger Nordeste Ltda; Vulcabrás do Nordeste S/A e Bermas Maracanaú Indústria e Comércio de Couro, todas elas registrando vendas ao exterior na faixa entre 10-50 milhões de dólares.

De fato, os resultados da política estadual no Ceará, no período 1997-2007, expressam o papel fundamental da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado do Ceará no que diz respeito à concessão de incentivos de várias ordens que, em grande medida, agraciaram empresas exportadoras, especialmente de couros e calçados. Do conjunto de empresas que participaram com pelo menos 1% da pauta de exportação estadual, em 2007, mais da metade estava contemplada em um ou mais Programas do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI).

Na década seguinte, constata-se que, do conjunto das dez maiores empresas exportadoras estaduais de 2016, quatro delas estão na lista daquelas que obtiveram concessão de incentivos fiscais, quais sejam: Grendene S/A e Paquetá Calçados Ltda do setor de calçados, Ducoco Alimentos S/A do

setor alimentício e Vicunha Têxtil S/A do setor têxtil. A Grendene, que assumiu a posição de liderança na pauta exportadora, vendeu ao mercado externo, nesse ano, mais de 100 milhões de dólares; a Paquetá ficou na faixa de 50-100 milhões de dólares e as duas últimas no intervalo de 10-50 milhões de dólares.

Diante o exposto, duas observações podem ser feitas: no primeiro período, seis empresas incentivadas estiveram entre as dez maiores exportadoras e, no segundo, quatro, sendo que duas delas, Vicunha e Grendene, participaram com importância como exportadoras dos dois períodos observados. Isto se deve ao fato de a empresa Bermas, no último período, deixar de ser beneficiada pelo incentivo fiscal do PROAPI. Outra constatação é a forte relação das empresas calçadistas com a mudança da pauta exportadora do estado já a partir do início dos anos 2000. Em 2007, 21% das empresas exportadoras cearenses eram incentivadas, contra 18% em 2016.

5.5.1.1 Empresas incentivadas e a recomposição da pauta exportadora

O Fundo de Desenvolvimento Industrial beneficiou empresas de vários segmentos industriais através de concessão de incentivos atrelados do PROVIN, entre outros, estão: couro, calçados, confecção, têxtil, alimentos, bebidas, máquinas e equipamentos. A reformulação do programa ocorrida em 1995 impulsionou sobremaneira a atração de investimentos a partir desse ano. Apesar de não ser um Programa orientado para o estímulo da atividade exportadora, várias empresas contempladas por este se mostraram, ao longo do tempo, competitivas no mercado externo.

A partir de 1996, começaram a ser assinados protocolos referentes ao Programa de incentivos (PROAPI) com a finalidade de atrair empresas de couros e calçados de fora do estado que destinassem toda ou parte de sua produção ao mercado externo.

O primeiro contrato data de 1996 e foi assinado com a empresa Canindé Calçados Ltda, localizada no município de Canindé. A partir daí, foram firmados outros contratos nos anos subsequentes até 2002, envolvendo dezenove municípios no total. Com exceção de uma empresa de couros e peles, denominada Bermas Indústria e Comércio Ltda., originária da Itália, a qual assinou protocolo em 1999, as demais, pertenciam ao setor calçadista. Das quinze empresas desse setor beneficiadas pelo Programa, com contrato em curso em 2007, dez são originárias do estado do Rio Grande do Sul. Estas unidades produziam produtos finais e intermediários traduzidos em: sapatos femininos, masculinos e infantis, botas femininas, tênis, sandálias, tamancos; saltos, solas, palmilhas, couros e peles.

Não tardou muito para que as repercussões na pauta de exportação do estado do Ceará se fizessem sentir. Em 1997, as exportações do setor calçadista começaram a tomar impulso de maneira efetiva, quando, então, chegaram a participar com 10% da pauta estadual. A partir daí, só há registro de crescimento das vendas tanto em valor como no *quantum*, alguns anos com maior outros com menor.

Em 2001, a parcela relativa desse setor na pauta de exportações cearense ultrapassou 20% e o setor passou a se posicionar na primeira posição no ranking, colocação que se manteve em 2007 com mais de 25% do peso relativo (MELO, 2011). As exportações do setor calçadista chegaram a 32% da pauta estadual em 2010. No entanto, apesar de manter a primeira colocação nas vendas externas cearenses, este setor perdeu participação, passando a responder por 22% das vendas em 2016, com a entrada em operação e consequente exportação da Companhia Siderúrgica do Pecém, a qual, mesmo pontuando suas vendas nos últimos seis meses do ano, o setor de ferro fundido, ferro e aço (72) já apareceu com 15% de parcela e terceira colocação no ranking. A totalidade das exportações de calçados é efetuada pelas empresas incentivadas e, dentre as dez principais empresas exportadoras de 2016, duas são calçadistas: Grendene S/A na segunda colocação e Paquetá Calçados Ltda na quinta.

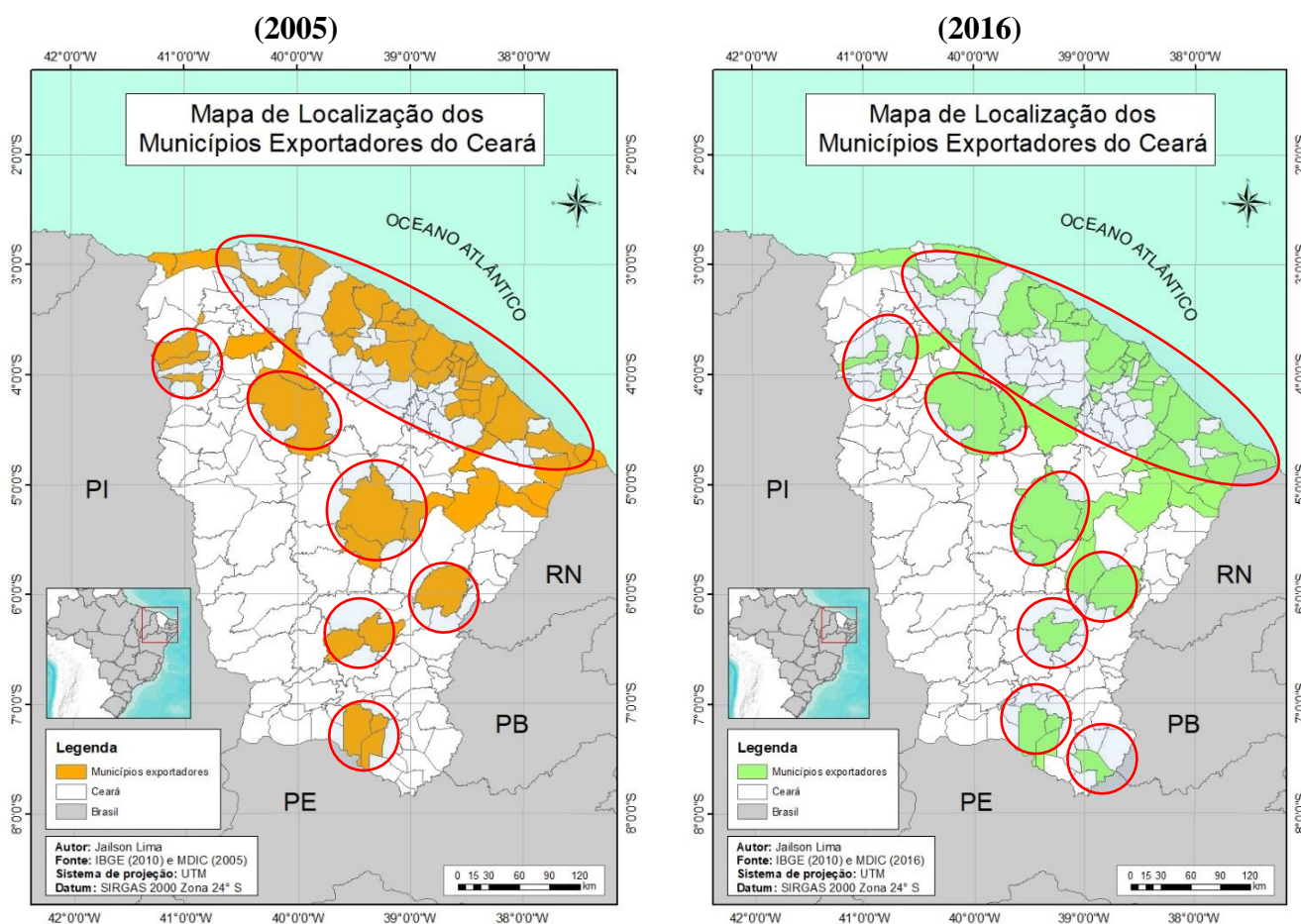
Quanto ao setor de couros e peles, constata-se que as vendas externas tiveram algum significado para a pauta estadual entre 1990 e 2007, com exceção de 1997 e 1998. A partir de 1999, com a entrada em operação da empresa Bermas Indústria e Comércio, este setor sustentou, nos anos subsequentes, incremento das vendas externas em valor e em *quantum* e passou, assim, a fazer parte da configuração das principais empresas exportadoras do estado, ocupando posição cada vez de maior destaque (MELO, 2011).

Desde 2005, o setor de couros e peles tem se firmado na terceira colocação, na frente dos setores de algodão e de peixes, historicamente dois dos maiores exportadores estaduais, alcançando, em 2014 e 2015, 15% de pauta de exportações cearenses. No entanto, com a entrada das exportações do setor 72 (ferro fundido, ferro e aço) na pauta de vendas externas estaduais, aquele setor foi desbancado para a quarta posição com 11% de participação em 2016.

6. POSIÇÃO MUNICIPAL NO COMÉRCIO EXTERNO DO CEARÁ

Em 2005, quarenta e sete municípios exportaram no estado do Ceará, enquanto, em 2016, ocorreu leve redução nesse número, pois quarenta e cinco conseguiram vender seus produtos no mercado externo. Nota-se que a maioria desses municípios concentra-se na região litorânea do estado do Ceará, com algumas ilhas isoladas ao longo do território cearense. O que é um ponto a ser discutido, futuramente, para definição de estratégias de inserção de outros municípios na pauta de exportação cearense (Mapa 2).

Mapa 2: Ceará – municípios exportadores (2005 e 2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Em 2005, três municípios exportaram acima de US\$ 79 milhões (Fortaleza, Maracanaú e Cascavel), já, em 2016, oito municípios conseguiram atingir esse mesmo patamar. Tal fato revela o peso que os municípios cearenses conseguiram obter nas vendas externas do estado. Os três municípios mais importantes exportadores de 2005 continuaram no rol dos maiores exportadores em 2016. O município de São Gonçalo do Amarante apareceu como principal exportador no último ano, deslocando da primeira colocação o município de Fortaleza. O município de Sobral desbancou Cascavel e Maracanaú e ocupou a terceira colocação no ordenamento dos maiores exportadores em 2016. Os municípios de Icapuí e Uruburetama também conseguiram elevar suas faixas de valores

exportados no último ano e ocuparam, conseqüentemente, o rol dos maiores exportadores do estado (Mapa 3).

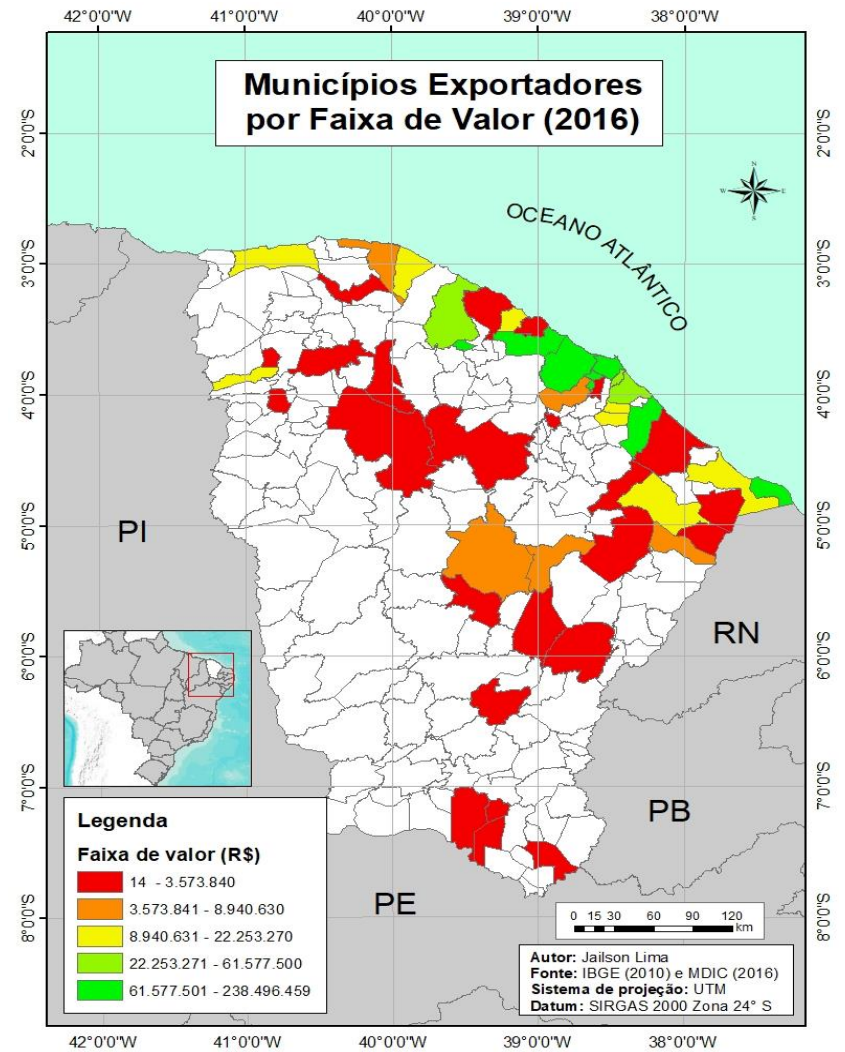
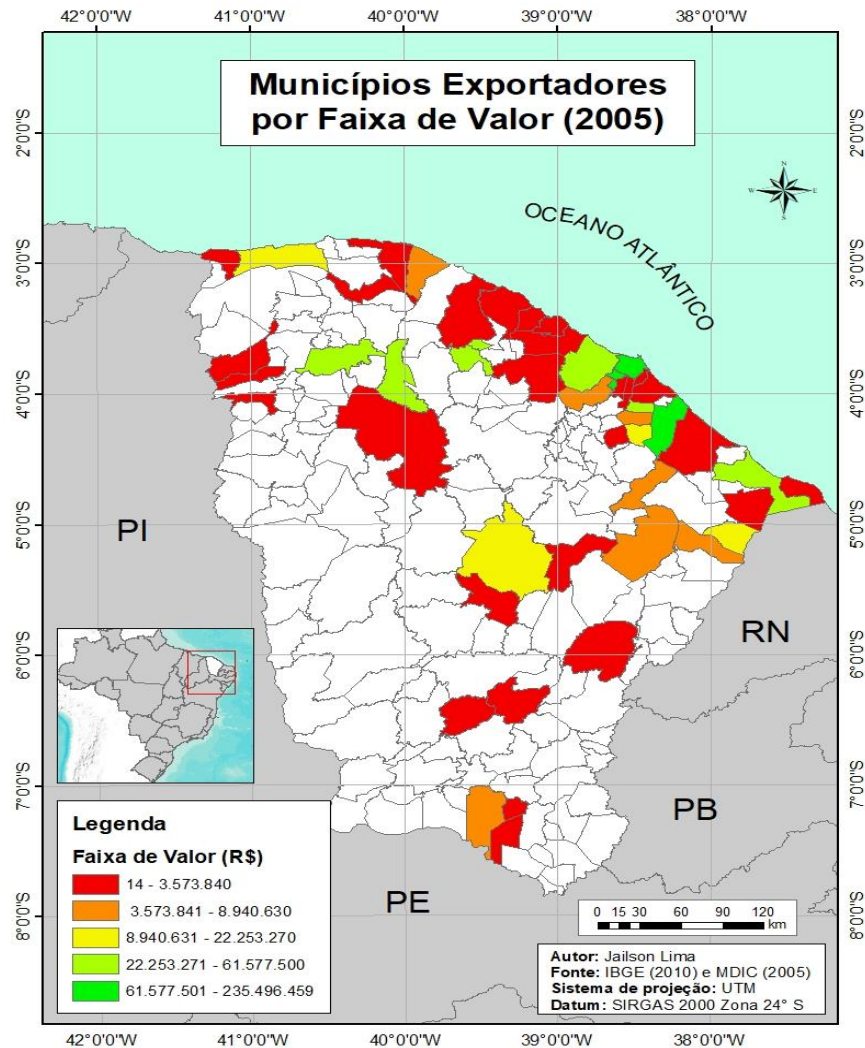
Um grupo de vinte e oito municípios exportaram na faixa até US\$ 3,5 milhões em 2005, enquanto, em 2016, o número de municípios pertencentes à esta faixa caiu para vinte e um.

Outro grupo que teve aumento no número de municípios foi aquele localizado na faixa de valor entre US\$ 8,9 milhões e US\$ 22,3 milhões. Em 2005, cinco municípios formavam esse grupo, enquanto, em 2016, eram oito. Portanto, verificou-se que, no intervalo de tempo observado, alguns municípios ganharam destaque na pauta cearense vendendo ao exterior valores maiores.

Analisando o valor acumulado das exportações por subperíodos, segundo municípios cearenses, nota-se que treze municípios apresentaram crescimento em suas vendas externas, no acumulado para o período de 2011-2016, face ao período 2005-2010. Desse conjunto, treze registraram os maiores crescimentos do primeiro para o segundo período, foram eles: São Gonçalo do Amarante, Trairi; Caucaia; Eusébio; Itapipoca e Paraipaba (Tabela 14).

O município de Fortaleza não registrou crescimento muito expressivo de sua participação ao longo dos anos, mas conseguiu se manter em primeiro lugar no ranking dos municípios com maior valor exportado acumulado no último período. Outros seis municípios, por sua vez, registraram queda no valor acumulado das exportações no período de 2011-2016, dentre eles estão: Itapajé, Quixeramobim, Aracati e Horizonte.

Mapa 3: Ceará – municípios exportadores por faixa de valor (2005 e 2016)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Em termos de valores médios das exportações no período 2011-2016, constatou-se que Fortaleza, Caucaia, São Gonçalo do Amarante, Maracanaú, Sobral, Cascavel, Icapuí, Uruburetama, Eusébio, Aquiraz foram os dez que registraram os maiores valores. Tal comportamento reflete-se na participação dos valores acumulados no total acumulado do Ceará.

Tabela 14: Ceará – exportações dos principais municípios exportadores de 2016 (valor acumulado e valor médio anual) (US\$) (2005-2010) (2011-2016)

Rank	Município	Valor acumulado		Valor médio anual		Participação	
		2005-2010	2011-2016	2005-2010	2011-2016	2005-2010	2011-2016
1	Fortaleza	1.504.198.960	2.432.670.580	250.699.827	405.445.097	0,2209	0,2287
2	Caucaia	173.787.867	1.364.662.669	28.964.645	227.443.778	0,0255	0,1283
3	São Gonçalo do Amarante	1.475.507	1.270.532.817	245.918	211.755.470	0,0002	0,1195
4	Maracanaú	1.133.524.250	1.069.885.622	188.920.708	178.314.270	0,1665	0,1006
5	Sobral	678.189.533	942.128.586	113.031.589	157.021.431	0,0996	0,0886
6	Cascavel	831.563.092	829.219.110	138.593.849	138.203.185	0,1221	0,0780
7	Icapuí	210.661.957	501.604.325	35.110.326	83.600.721	0,0309	0,0472
8	Uruburetama	160.479.827	324.562.509	26.746.638	54.093.752	0,0236	0,0305
9	Eusébio	62.944.353	278.174.757	10.490.726	46.362.460	0,0092	0,0262
10	Aquiraz	113.833.257	181.476.240	18.972.210	30.246.040	0,0167	0,0171
11	Horizonte	253.541.951	171.510.772	42.256.992	28.585.129	0,0372	0,0161
12	Itapipoca	28.313.941	119.360.420	4.718.990	19.893.403	0,0042	0,0112
13	Itarema	98.430.948	117.177.924	16.405.158	19.529.654	0,0145	0,0110
14	Aracati	194.460.003	114.419.768	32.410.001	19.069.961	0,0286	0,0108
15	Paraipaba	34.656.532	109.025.836	5.776.089	18.170.973	0,0051	0,0103
16	Ubajara	58.086.399	99.719.599	9.681.067	16.619.933	0,0085	0,0094
17	Quixeramobim	216.328.599	85.481.297	36.054.767	14.246.883	0,0318	0,0080
18	Itapagé	359.956.878	77.029.422	59.992.813	12.838.237	0,0529	0,0072
19	Trairi	97.717	60.711.004	16.286	10.118.501	0,0000	0,0057
Total Ceará		6.808.584.191	10.635.757.651	1.134.764.032	1.772.626.275	0,8981	0,9543

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

A análise das exportações municipais foi efetuada tomando por base os principais municípios exportadores que totalizaram, em 2016, 95% das exportações do estado do Ceará, todos com participação acima de 1% (Tabela 15), este conjunto totalizou 17 municípios. Contudo, cinco municípios da RMF conseguiram destaque na pauta cearense no mesmo período, a saber: São Gonçalo do Amarante, Eusébio, Aquiraz; Caucaia e Pacajus. Desses, um merece destaque: o município de São Gonçalo do Amarante, que apareceu, neste último ano, como principal município da pauta estadual com 18% de parcela. Anteriormente, posição de destaque para esse município só ocorreu uma única vez, em 2013, quando alcançou participação expressiva de 31%. Em todos os demais anos da série, o referido município não chegava a alcançar 0,5% de participação nas vendas cearenses para mercado externo.

O comportamento de São Gonçalo do Amarante está sendo influenciado fortemente pela implantação da ZPE no Pecém, que possibilitou maior abertura ao comércio internacional do município. Contudo, torna-se necessário verificar qual(ais) produto(s) pode(m) estar puxando o percentual significativo nas vendas externas nos últimos anos.

Outros quatro municípios da RMF conseguiram destaque na pauta cearense no mesmo período e apresentaram os seguintes comportamentos: Eusébio, que, em 2005, era responsável por apenas 0,10% das vendas estaduais, conseguiu, a partir de 2007, elevar gradativamente sua participação até alcançar 3,5% em 2016; Aquiraz incrementou em 1.834%; Caucaia cresceu 296% e Pacajus saltou em 257%. Outros municípios distantes da RMF, por sua vez, ganharam posição nos últimos anos, são eles: Icapuí, que passou de 0,33%, em 2005, para 7,34% no último ano; Itapipoca elevou em 1.947% sua parcela; Ubajara em 983%; Paraipaba em 526%; Itarema em 159%; Sobral em 148% e Uruburetama em 118%.

Cinco municípios perderam espaço na pauta exportadora cearense ao longo da série analisada. O primeiro foi Fortaleza, que era responsável por 24,7% das vendas do estado, em 2005, e gradativamente foi perdendo participação entre 2007-2012. Nos anos de 2013 e 2014, recupera importância na posição, mas cai, em seguida, para 12,5% em 2016. O segundo município que perdeu posição foi Cascavel, saindo de 13,4%, no início da série, para 8,8% em 2016. Horizonte e Maracanaú aparecem, em seguida, com perda de 61% e 53% de participação, respectivamente. Nota-se, assim, que os municípios que perderam posição no ranking dos maiores exportadores do Ceará fazem parte, também, da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

Do lado das importações, nove municípios foram, em 2016, responsáveis por 96% das compras estaduais. Para este caso, apenas quatro municípios responderam por 90% das importações do estado, revelando que a pauta das compras estaduais por municípios está bem mais concentrada que as vendas. Os principais municípios cearenses importadores foram: São Gonçalo do Amarante; Fortaleza; Maracanaú e Caucaia (Tabela 16).

O município de São Gonçalo do Amarante despontou entre os principais compradores a partir de 2009 e chegou, em 2016, a responder por 65,3% de todas as compras do Ceará. A capital cearense, Fortaleza, tradicional importadora, vem perdendo participação na pauta ao longo dos anos. Os municípios de Maracanaú e Caucaia também registraram o mesmo comportamento da capital cearense. No entanto, em termos de valores, os municípios citados obtiveram elevações expressivas nas compras externas, com crescimento de 164% e 125%, respectivamente. Ou seja, apesar de queda nas participações, o crescimento dos valores foram significativos ao longo dos anos.

Tabela 15: Ceará – principais municípios exportadores de 2016 (2005-2016)

Rank	Município	Participação das exportações no total do Estado (2005-2016)											
		2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
1	São Gonçalo do Amarante	0,0005	0,0007	0,0001	0,0001	0,0001	0,0000	0,0000	0,0000	0,3121	0,0003	0,0012	0,1802
2	Fortaleza	0,2466	0,2519	0,2286	0,1875	0,2172	0,2077	0,1947	0,1548	0,2863	0,3588	0,1625	0,1245
3	Sobral	0,0645	0,0775	0,0776	0,1059	0,1183	0,1412	0,0880	0,1147	0,0171	0,1363	0,1676	0,1156
4	Cascavel	0,1335	0,1203	0,1146	0,1219	0,1176	0,1263	0,0914	0,1227	0,0076	0,1268	0,1221	0,0884
5	Icapuí	0,0033	0,0076	0,0117	0,0398	0,0534	0,0595	0,0466	0,0546	0,0053	0,0694	0,1005	0,0734
6	Maracanaú	0,2047	0,2003	0,1933	0,1776	0,1185	0,1161	0,1141	0,1028	0,1297	0,0546	0,0895	0,0693
7	Caucaia	0,0233	0,0182	0,0263	0,0263	0,0304	0,0272	0,2226	0,2194	0,1301	0,0319	0,0457	0,0666
8	Uruburetama	0,0382	0,0172	0,0144	0,0186	0,0225	0,0322	0,0240	0,0432	0,0011	0,0440	0,0568	0,0601
9	Eusébio	0,0010	0,0007	0,0012	0,0145	0,0195	0,0153	0,0094	0,0212	0,0201	0,0318	0,0604	0,0350
10	Itapipoca	0,0023	0,0029	0,0031	0,0039	0,0049	0,0072	0,0090	0,0116	0,0015	0,0070	0,0218	0,0340
11	Aquiraz	0,0018	0,0078	0,0173	0,0204	0,0283	0,0207	0,0189	0,0137	0,0152	0,0113	0,0227	0,0253
12	Aracati	0,0504	0,0428	0,0281	0,0194	0,0199	0,0182	0,0118	0,0130	0,0014	0,0157	0,0202	0,0164
13	Itarema	0,0079	0,0130	0,0128	0,0120	0,0156	0,0236	0,0176	0,0136	0,0001	0,0157	0,0185	0,0147
14	Pacajus	0,0054	0,0029	0,0032	0,0047	0,0077	0,0013	0,0001	0,0004	0,0023	0,0070	0,0111	0,0138
15	Paraipaba	0,0027	0,0037	0,0023	0,0021	0,0059	0,0129	0,0139	0,0153	0,0001	0,0164	0,0166	0,0122
16	Ubajara	0,0015	0,0015	0,0067	0,0095	0,0151	0,0144	0,0149	0,0118	0,0002	0,0122	0,0178	0,0116
17	Horizonte	0,0364	0,0367	0,0435	0,0367	0,0344	0,0354	0,0342	0,0262	0,0089	0,0124	0,0060	0,0101
Subtotal		0,8240	0,8058	0,7850	0,8010	0,8291	0,8591	0,9113	0,9390	0,9390	0,9517	0,9411	0,9514

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Tabela 16: Ceará – principais municípios importadores de 2016 (2005-2016)

Rank	Município	Participação das importações no total do Estado (2005-2016)											
		2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
1	São Gonçalo do Amarante	0,0002	0,0000	0,0048	0,0142	0,0848	0,1741	0,1024	0,2599	0,3119	0,2842	0,3917	0,6531
2	Fortaleza	0,4903	0,6321	0,6465	0,4745	0,4523	0,3494	0,4270	0,3228	0,2861	0,2880	0,2282	0,1189
3	Maracanaú	0,1594	0,0999	0,1158	0,1589	0,1731	0,1380	0,1618	0,1514	0,1296	0,1437	0,1011	0,0710
4	Caucaia	0,1539	0,1464	0,1123	0,2065	0,1288	0,1822	0,1183	0,1184	0,1300	0,1138	0,1152	0,0585
5	Aquiraz	0,0057	0,0042	0,0121	0,0188	0,0289	0,0235	0,0379	0,0264	0,0152	0,0136	0,0193	0,0302
6	Tianguá	0,0097	0,0059	0,0085	0,0077	0,0096	0,0112	0,0123	0,0090	0,0084	0,0100	0,0075	0,0075
7	Eusébio	0,0043	0,0041	0,0052	0,0103	0,0197	0,0263	0,0241	0,0140	0,0201	0,0302	0,0113	0,0072
8	Horizonte	0,0735	0,0299	0,0269	0,0217	0,0247	0,0257	0,0304	0,0089	0,0089	0,0192	0,0146	0,0070
9	Sobral	0,0228	0,0115	0,0100	0,0183	0,0087	0,0137	0,0184	0,0102	0,0170	0,0109	0,0120	0,0064
Subtotal		0,91976	0,93404	0,94218	0,9309	0,93056	0,94425	0,93273	0,92091	0,92723	0,91363	0,90102	0,95984

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Ao analisar o saldo da balança comercial dos principais municípios exportadores e importadores do estado do Ceará, constata-se que o município de São Gonçalo do Amarante é o que detém maior déficit desde 2012, mostrando que as compras, nesse período, superaram as vendas para o mercado externo. A capital cearense registrou, também, ao longo dos anos estudados, saldo

deficitário na balança comercial, revelando o peso das importações face as exportações do município. Os municípios que registraram déficits, em grande parte do período, foram: Maracanaú, Caucaia, Eusébio, Aquiraz, Pacajus e Horizonte (Tabela 17).

Enquanto os municípios que registraram superávits ao longo da série foram: Sobral, Cascavel, Icapuí, Uruburetama, Itapipoca, Itarema, Paraipaba e Ubajara. Esse grupo de municípios mostrou-se como potenciais geradores de divisas ao estado decorrente das vendas no mercado internacional.

Tabela 17: Ceará – saldo da balança comercial dos principais municípios exportadores e importadores (2005-2016) (milhão US\$)

Município	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
São Gonçalo do Amarante	0,38	0,66	-6,62	-21,93	-104,33	-377,36	-246,33	-744,55	-1.030,47	-855,17	-1.052,56	-2.040,91
Fortaleza	-53,32	-442,07	-631,29	-492,37	-320,11	-492,75	-677,74	-678,68	-484,18	-318,57	-435,14	-250,30
Sobral	48,15	64,70	77,96	110,02	118,33	150,24	113,55	153,15	137,07	175,57	152,14	130,36
Cascavel	111,63	99,87	120,78	138,62	123,07	146,53	142,32	175,23	163,29	176,90	122,20	100,14
Icapuí	3,20	7,48	13,73	50,81	56,82	71,73	72,15	72,80	80,59	79,65	85,42	83,87
Maracanaú	101,61	90,21	67,54	-14,92	-83,97	-151,31	-184,56	-270,23	-302,28	-349,09	-173,55	-156,27
Caucaia	-68,42	-142,40	-125,55	-286,49	-125,52	-360,34	114,55	9,56	-367,77	-293,87	-259,55	-116,02
Uruburetama	36,45	17,09	17,08	24,31	24,53	41,00	42,96	68,54	71,62	64,55	59,33	76,28
Eusébio	-1,59	-3,81	-5,80	2,92	-3,00	-37,42	-41,07	-6,40	-38,02	-42,23	36,16	21,08
Itapipoca	1,56	1,76	1,75	2,69	3,01	4,41	9,22	12,96	10,43	0,99	13,52	34,76
Aquiraz	-1,63	3,16	3,64	-2,51	-4,77	-24,58	-57,37	-53,74	-25,20	-23,71	-26,94	-72,05
Aracati	48,15	42,61	33,16	24,80	19,53	20,75	17,61	16,90	17,43	18,90	17,91	19,16
Itarema	7,52	12,93	15,19	15,59	17,01	30,08	31,38	21,57	21,03	23,47	12,64	16,94
Pacajus	3,73	-5,63	-1,08	0,80	4,60	-6,33	-24,42	-16,57	0,70	0,56	1,00	6,17
Paraipaba	2,51	3,70	2,71	2,61	6,36	16,48	24,93	24,10	25,40	25,04	17,97	15,74
Ubajara	1,41	1,46	7,78	12,26	16,20	18,07	26,44	18,34	21,12	18,42	18,95	15,24
Horizonte	-8,57	3,87	14,10	14,26	7,11	-10,73	-11,74	16,24	2,19	-38,87	-32,61	-11,03
Tianguá	-3,52	-6,50	-11,84	-11,97	-11,81	-24,35	-29,70	-25,90	-27,71	-29,96	-20,29	-26,29

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECEX/MDIC, 2017.

A distribuição setorial por município proporcionará uma visão mais abrangente do comércio externo de cada cidade, o que poderá proporcionar políticas direcionadas ao estímulo à produção e comercialização dos produtos que compõem a pauta setorial de cada um deles.

De acordo com a Tabela 18, os dois principais setores exportadores no município de São Gonçalo do Amarante, em 2016, foram ferro fundido (72) e combustíveis minerais (27), correspondendo a 74,8% e 24,8% nas exportações do município, respectivamente. O primeiro setor representou 13,5% das vendas totais do estado, enquanto o segundo foi responsável por 4,5%. Esses dois setores corroboram com a hipótese levantada anteriormente que a ZPE do Pecém está modificando a posição dos principais municípios exportadores nos últimos anos.

A região do Pecém possui, ainda, um projeto de infraestrutura importante para o estado, que é o de regaseificação de GNL da Petrobrás. Dessa maneira, este é um grande marco para o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), pois produzirá energia elétrica nas usinas Termoelétricas localizadas no CIPP.

Diante deste panorama, encontra-se, ainda, um movimento para o desenvolvimento futuro da ZPE Agronegócio, que pertence ao projeto do MDIC de estímulo à atração de unidades industriais que processem mercadorias com maior valor agregado para as zonas de processamento no país. No estado do Ceará, em particular, a fruticultura, segmento local forte no comércio internacional, poderia atrair empresas que exportassem além da fruta in natura, por exemplo, suco de frutas (O POVO, 2017d). Dentro das perspectivas futuras para o cenário estadual tem-se, ainda, o segmento de granito, pois o Pecém já tem sua primeira empresa de granito (O POVO, 2017e).

O município de Fortaleza possui a pauta de exportação mais diversificada que os demais, pois doze setores foram responsáveis por mais de 86% das vendas fortalezenses no mercado externo em 2016, com participações superiores a 1% da pauta municipal. Desse conjunto, quatro setores corresponderam, em 2016, a 72% das vendas, são eles em ordem de importância: frutas, cascas de frutos cítricos e melões (45,5% das exportações totais do município); peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos (17,5%); gorduras e óleos animais ou vegetais (6,58%); sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento (2,6%). Os três primeiros setores foram responsáveis, em conjunto, por 8,7% das exportações totais do estado em 2016, revelando o peso municipal na pauta estadual.

Deve ser mencionado, ainda, que os setores de frutas e peixes da capital cearense perderam participação na pauta das vendas externas cearenses em 2016, face a 1997. Alguns fatores contribuíram para tal comportamento, são eles: primeiro, o valor exportado, em dólares, dos setores fortalezenses caiu nos extremos do período; segundo, o valor total das vendas estaduais cresceu expressivamente ao longo dos anos; e, por fim, outros municípios passaram a exportar e concorrer com os mesmos setores da capital.

Alguns setores presentes em Fortaleza ganharam representatividade tanto em valor monetário exportado quanto em participação na pauta das exportações municipal e estadual entre 1997 e 2016, são eles: calçados, que aumentou em cerca de 400% o valor vendido; combustíveis minerais (59%); reatores nucleares, caldeiras, máquinas (75%); e obras diversas de metais comuns (450%).

O setor de calçados puxou positivamente o desempenho no mercado externo do município de Sobral nos anos selecionados, chegando, em 2016, a responder por 98% das vendas municipais.

Interessante ressaltar que do total das vendas do Ceará em 2016, 11,6% foi de responsabilidade do setor calçadista sobralense.

Para o município de Cascavel, quarto município no ranking da pauta de exportação estadual em 2016, constatou-se que apenas um setor apareceu, nesse último ano, com participação de 99% no total das vendas externas do município: peles, exceto as peles com pelo, e couros. Vale ressaltar que esse setor foi responsável por 9% das exportações totais do Ceará em 2016.

No município de Icapuí, notam-se dois setores responsáveis por 100% de todas as exportações no último ano, com crescimento também em valores e participações no total vendido pelo estado, são eles: frutas e peixes e crustáceos. Contudo, apenas o primeiro setor se destacou pela sua representatividade nas vendas totais do Ceará, que chegou a responder por 6,8% do total da pauta estadual em 2016.

O município de Maracanaú, por sua vez, mostrou-se com pauta de exportações mais diversificada, que nem o observado para Fortaleza. Em 2016, nove setores com participações acima de 1% da pauta municipal foram responsáveis por 96,7% do total das vendas municipais. Desse grupo, destaque para o setor de peles, exceto as peles com pelo, e couros, que passou de 0,4%, em 1997, para 31,2% em 2016. O setor de obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes apresentou crescimento, no mesmo período, de 132%. Contudo, podem-se citar, ainda, quatro setores que não eram exportados, em 1997, mas que passaram a estar entre os principais no último ano, a saber: obras de ferro fundido, ferro ou aço com participação de 7,22%; bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres (4,12%); produtos diversos das indústrias químicas (2,67%); e veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios (1,61%).

Dos principais setores representativos na pauta de exportação de Maracanaú, dois setores detiveram participações significativas na pauta estadual em 2016, são eles: algodão, que representa a maior parcela das exportações do município nesse ano (36,2%) e foi responsável por 2,5% do total das vendas do estado; e peles, exceto as peles com pelo, e couros, que respondeu por 2,2% do total das vendas externas cearenses.

A exportação do sétimo município exportador do Ceará em 2016, Caucaia, teve o desempenho do comércio exterior influenciado por cinco setores, todos com participações acima de 1% da pauta municipal, o qual totalizaram, conjuntamente, 98,2% das vendas externas totais do município e 6,5% das exportações integrais cearenses (Tabela 18). Desse conjunto, destaque para dois que obtiveram representatividade acima dos dois dígitos da pauta municipal, a saber: máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes (78,5%); e obras de pedra, gesso, cimento, amianto (13,1%).

Somente o primeiro setor citado correspondeu a 5,2% das vendas totais ocorridas, em 2016, no estado do Ceará, ou seja, fica evidenciada a importância relativa do setor na pauta de exportações estadual.

O setor de calçados do município de Uruburetama foi responsável por, praticamente, 100% de suas exportações e respondeu por 6,0% do total da pauta do estado.

Seis setores foram responsáveis por 98% das vendas externas do município do Eusébio em 2016, e, em termos de participação no total das exportações estaduais, esse grupo obteve parcela expressiva no ano citado (12,9%). Dos seis setores representativos, todos obtiveram participações acima de 2% do total da pauta municipal em 2016. Com destaque, podem-se citar os dois maiores em participação, que são: gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação (62%) e cobre e suas obras (20,4%). Se confrontarmos ao primeiro ano observado, esse mesmo grupo de setores tinha peso muito menor, em 1997, na pauta das vendas externas do Ceará. Nota-se, portanto, ganho de importância para o comércio externo do estado do município de Eusébio nessas duas décadas.

As exportações do município de Itapipoca estão concentradas nos setores de preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas e de calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes, os quais corresponderam a 83% e 16,8% das vendas municipais no mercado internacional, respectivamente, no ano de 2016 (Tabela 18). Vale salientar que o peso do primeiro setor na pauta estadual foi também expressivo, cerca de 3% em 2016. Essas participações significativas dos setores foram, conseqüentemente, os responsáveis pelo bom desempenho municipal no total das exportações cearenses no último ano.

No município de Aquiraz, nota-se que quatro setores foram responsáveis por 99% das vendas municipais no mercado externo em 2016, e responderam por 2,5% no total das exportações estaduais, são eles: frutas; preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas; gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais; e leite e laticínios; ovos de aves; mel natural. Desses, o setor de frutas foi o que registrou maior peso nas vendas cearenses para o mercado externo em 2016 (2,1%).

Cinco setores exportados por Aracati representaram, no último ano, 100% das vendas municipais e 1,6% da pauta estadual. Os mais representativos no município foram: preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas, responsável por 41,2% das exportações municipais em 2016; peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos (40,8%); e calçados, polainas e artefatos semelhantes, suas partes (9,3%).

O décimo terceiro município exportador do estado, em 2016, foi Itarema, onde dois setores foram responsáveis por 99% da pauta municipal e 1,5% da pauta estadual, são eles: peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos e gorduras e óleos animais ou vegetais. Esse último setor possui peso maior na pauta estadual do que o primeiro, o que se revela importante para o comércio do estado como um todo.

Para o município de Pacajus, três setores participaram com 99% das exportações municipais e 1,4% da pauta estadual em 2016. Dos três, pode-se destacar o setor de algodão, que representa 90% das vendas municipais e 1,2% das exportações do estado.

O setor preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas do município de Paraipaba foi o responsável por 96% das vendas do município e 1,2% das exportações totais do estado em 2016.

O município de Ubajara exportou, essencialmente, produtos de dois setores em 2016, foram eles: preparações alimentícias diversas e preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes. Os dois setores, conjuntamente, foram responsáveis por 98% das vendas municipais e 1,1% da pauta estadual.

Por fim, o município exportador presente entre os principais foi Horizonte, cujos três setores responderam por 98,4% das vendas externas municipais. O principal setor de destaque no município foi calçados, polainas e artefatos semelhante, que representou 90,8% das exportações do município. Ao todo, esse grupo teve participação de 1% da pauta de exportações do Ceará em 2016.

Tabela 18: Ceará – principais setores exportadores segundo principais municípios exportadores de 2016 (1997/2007)

Exportações do município de São Gonçalo (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das exportações (US\$)			Participação nas exportações totais do município			Participação nas exportações totais do estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
72	Ferro fundido, ferro e aço	0	0	178.275.012	0	0,0000	0,7482	0,0000	0,0000	0,1349
27	Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação;	0	0	59.170.557	0	0,0000	0,2483	0,0000	0,0000	0,0448
Total exportado pelo município		0	62.327	238.256.271	0,0000	0,0000	0,9966	0,0000	0,0000	0,1796
Exportações do município de Fortaleza										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	96.513.441	142.434.377	74.858.946	0,4188	0,5255	0,4550	0,2734	0,1202	0,0566
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	34.339.006	14.552.791	28.787.853	0,1490	0,0537	0,1750	0,0973	0,0123	0,0218
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação;	29.698.036	18.805.426	10.822.840	0,1289	0,0694	0,0658	0,0841	0,0159	0,0082
25	Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	153.999	1.237.044	4.294.073	0,0007	0,0046	0,0261	0,0004	0,0010	0,0032
88	Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes	2.000	0	4.050.000	0,0000	0,0000	0,0246	0,0000	0,0000	0,0031
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	800.700	1.033.323	4.017.111	0,0035	0,0038	0,0244	0,0023	0,0009	0,0030
27	Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação;	0	1.972.140	3.139.566	0,0000	0,0073	0,0191	0,0000	0,0017	0,0024
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	3.794.055	3.785.444	3.011.423	0,0165	0,0140	0,0183	0,0107	0,0032	0,0023
89	Embarcações e estruturas flutuantes	0	3.738.781	2.800.000	0,0000	0,0138	0,0170	0,0000	0,0032	0,0021
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos.	1.563.575	2.562.240	2.734.778	0,0068	0,0095	0,0166	0,0044	0,0022	0,0021
83	Obras diversas de metais comuns	397.780	4.542.732	2.190.480	0,0017	0,0168	0,0133	0,0011	0,0040	0,0017
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes.	10.740.179	4.251.473	2.190.001	0,0466	0,0157	0,0133	0,0304	0,0037	0,0017
Total exportado pelo município		230.440.523	271.022.516	164.542.087	0,7725	0,7341	0,8685	0,5041	0,1683	0,1082
Exportações do município de Sobral										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	17.008.816	91.092.355	150.362.932	0,9288	0,9906	0,9839	0,0482	0,0793	0,1162
Total exportado pelo município		18.312.032	91.959.751	152.822.114	0,9288	0,9906	0,9839	0,0482	0,0793	0,1162
Total exportado pelo Estado		353.002.493	1.185.394.931	1.321.941.113						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Tabela 18: Ceará - principais setores exportadores segundo principais municípios exportadores de 2016 (1997/2007/2016) (continuação)

Exportações do município de Cascavel (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das exportações (US\$)			Participação nas exportações totais do município			Participação nas exportações totais do estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	0	109.986.373	116.647.237	0,0000	0,8099	0,9979	0,0000	0,0958	0,0901
04	Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos	0	0	71.227	0,0000	0,0000	0,0006	0,0000	0,0000	0,0001
Total exportado pelo município		17.367.585	135.798.863	116.897.347	1,0000	1,0000	1,0000	0,0492	0,1183	0,0903
Exportações do município de Icapuí (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	0	8.002.789	89.215.773	0	0,5748	0,9189	0,0000	0,0068	0,0675
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	0	5.843.404	7.849.630	0	0,4197	0,0809	0,0000	0,0049	0,0059
Total exportado pelo município		0	13.922.741	97.085.020	0,0000	0,9975	0,9988	0,0000	0,0117	0,0734
Exportações do município de Maracanaú (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
52	Algodão	33.082.297	97.648.018	33.114.661	0,4742	0,4261	0,3617	0,0937	0,0824	0,0251
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	274.731	32.705.490	28.539.584	0,0039	0,1427	0,3117	0,0008	0,0276	0,0216
72	Ferro fundido, ferro e aço	0	22.886.520	6.614.703	0,0000	0,0999	0,0722	0,0000	0,0193	0,0050
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes	2.643.464	7.572.156	6.131.109	0,0379	0,0330	0,0670	0,0075	0,0064	0,0046
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	0	19.151.268	5.003.470	0,0000	0,0836	0,0546	0,0000	0,0162	0,0038
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	0	0	3.773.970	0,0000	0,0000	0,0412	0,0000	0,0000	0,0029
38	Produtos diversos das indústrias químicas	0	26.834	2.444.551	0,0000	0,0001	0,0267	0,0000	0,0000	0,0018
87	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres	0	10.507.419	1.471.343	0,0000	0,0458	0,0161	0,0000	0,0089	0,0011
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação;	2.221.410	3.233.040	1.455.874	0,0318	0,0141	0,0159	0,0063	0,0027	0,0011
Total exportado pelo município		69.766.155	229.173.077	91.565.240	0,5479	0,8453	0,9671	0,1083	0,1634	0,0670
Total exportado pelo Estado		353.002.493	1.185.394.931	1.321.941.113						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Tabela 18: Ceará - principais setores exportadores segundo principais municípios exportadores de 2016 (1997/2007/2016) (continuação)

Exportações do município de Caucaia (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das exportações (US\$)			Participação nas exportações totais do município			Participação nas exportações totais do estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes;	0	10.711.520	69.134.600	0,0000	0,3437	0,7853	0,0000	0,0090	0,0523
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto,	170.862	6.788.591	11.568.550	0,0053	0,2178	0,1314	0,0005	0,0057	0,0088
04	Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural;	0	0	3.230.403	0,0000	0,0000	0,0367	0,0000	0,0000	0,0024
25	Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	238.436	35.254	1.471.197	0,0074	0,0011	0,0167	0,0007	0,0000	0,0011
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos	0	122.404	1.016.070	0,0000	0,0039	0,0115	0,0000	0,0001	0,0008
Total exportado pelo município		32.230.973	31.168.958	88.034.088	0,0127	0,5665	0,9817	0,0012	0,0149	0,0654
Exportações do município de Uruburetama (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	0	17.073.414	79.422.217	0,0000	0,9997	0,9993	0,0000	0,0144	0,0601
Total exportado pelo município		9.643.502	17.077.802	79.480.880	0,0000	0,9997	0,9993	0,0000	0,0144	0,0601
Exportações do município de Eusébio (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação;	168.789	0	28.704.080	0,1381	0,0000	0,6206	0,0001	0,0000	0,0813
74	Cobre e suas obras	0	0	9.417.880	0,0000	0,0000	0,2036	0,0000	0,0000	0,0267
76	Alumínio e suas obras	0	0	3.487.055	0,0000	0,0000	0,0754	0,0000	0,0000	0,0099
75	Níquel e suas obras	0	0	1.164.198	0,0000	0,0000	0,0252	0,0000	0,0000	0,0033
72	Ferro fundido, ferro e aço	0	0	1.065.144	0,0000	0,0000	0,0230	0,0000	0,0000	0,0030
19	Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou leite	0	0	969.115	0,0000	0,0000	0,0210	0,0000	0,0000	0,0027
Total exportado pelo município		168.789	0	45.354.119	0,1381	0,0000	0,9805	0,0001	0,0000	0,1285
Total exportado pelo Estado		353.002.493	1.185.394.931	1.321.941.113						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Tabela 18: Ceará - principais setores exportadores segundo principais municípios exportadores de 2016 (1997/2007/2016) (continuação)

Exportações do município de Itaipoca (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das exportações (US\$)			Participação nas exportações totais do município			Participação nas exportações totais do estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	53.348	2.061.336	37.383.637	0,0199	0,5610	0,8307	0,0002	0,0017	0,0283
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	2.626.653	1.488.435	7.570.697	0,9801	0,4051	0,1682	0,0074	0,0013	0,0057
Total exportado pelo município		2.680.001	3.674.532	45.003.677	1,000	0,9660	0,9989	0,0076	0,0030	0,0340
Exportações do município de Aquiraz (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	0	18.998.899	28.122.424	0,0000	0,9239	0,8409	0,0000	0,0160	0,0213
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	0	2.487	2.969.823	0,0000	0,0001	0,0888	0,0000	0,0000	0,0022
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	0	69.133	1.442.025	0,0000	0,0034	0,0431	0,0000	0,0001	0,0011
04	Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal	0	905.277	611.068	0,0000	0,0440	0,0183	0,0000	0,0008	0,0005
Total exportado pelo município		57.600	20.563.610	33.443.410	0,0000	0,9714	0,9911	0,0000	0,0169	0,0251
Exportações do município de Aracati (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	309.856	5.669.254	8.928.531	0,0367	0,1702	0,4117	0,0009	0,0048	0,0068
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	7.657.332	4.307.136	8.850.638	0,9071	0,1293	0,4081	0,0217	0,0036	0,0067
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	0	12.404.040	2.011.257	0,0000	0,3723	0,0927	0,0000	0,0105	0,0015
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	473.940	7.366.539	1.462.068	0,0561	0,2211	0,0674	0,0013	0,0062	0,0011
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	0	0	436.169	0,0000	0,0000	0,0201	0,0000	0,0000	0,0003
Total exportado pelo município		8.441.128	33.313.420	21.688.663	1,0000	0,8929	1,0000	0,0239	0,0251	0,0164
Total exportado pelo Estado		353.002.493	1.185.394.931	1.321.941.113						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Tabela 18: Ceará - principais setores exportadores segundo principais municípios exportadores de 2016 (1997/2007/2016)(continuação)

Exportações do município de Itarema (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das exportações (US\$)			Participação nas exportações totais do município			Participação nas exportações totais do estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	0	7.506.672	985.909	0	0,4938	0,0506	0,0000	0,0063	0,0007
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação;	0	7.657.312	18.474.548	0	0,5037	0,9482	0,0000	0,0065	0,0140
Total exportado pelo município		0	15.201.910	19.483.598	0,0000	0,9975	0,9988	0,0000	0,0128	0,0147
Exportações do município de Pacajus (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
52	Algodão	0	103.414	16.451.443	0	0,0269	0,8999	0,0000	0,0001	0,0124
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	0	0	1.503.604	0	0,0000	0,0822	0,0000	0,0000	0,0011
48	Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão	0	925.561	245.456	0	0,2412	0,0134	0,0000	0,0008	0,0002
Total exportado pelo município		0	3.837.652	18.281.096	0,0000	0,2681	0,9956	0,0000	0,0009	0,0138
Exportações do município de Paraipaba (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	0	259.826	15.542.228	0	0,0945	0,9601	0,0000	0,0002	0,0118
06	Plantas vivas e produtos de floricultura	0	1.960.697	570.113	0	0,7130	0,0352	0,0000	0,0017	0,0004
Total exportado pelo município		0	2.749.948	16.187.731	0,0000	0,8075	0,9953	0,0000	0,0019	0,0122
Exportações do município de Ubajara (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
21	Preparações alimentícias diversas	0	7.125.307	11.155.281	0	0,8969	0,7285	0,0000	0,0060	0,0084
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes	0	468.063	3.929.214	0	0,0589	0,2566	0,0000	0,0004	0,0030
Total exportado pelo município		0	7.944.653	15.312.808	0,0000	0,9558	0,9851	0,0000	0,0064	0,0114
Exportações do município de Horizonte (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	344.328	40.424.763	12.162.196	0,0299	0,7832	0,9078	0,0010	0,0341	0,0092
52	Algodão	2.900.407	197.773	779.778	0,2523	0,0038	0,0582	0,0082	0,0002	0,0006
48	Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão	0	4.908	241.046	0,0000	0,0001	0,0180	0,0000	0,0000	0,0002
Total exportado pelo município		11.497.318	51.616.990	13.396.888	0,2822	0,7871	0,9840	0,0092	0,0343	0,0100
Total exportado pelo Estado		353.002.493	1.185.394.931	1.321.941.113						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Pela ótica das importações, tomou-se como referência de análise os principais municípios importadores, na medida em que oito deles foram responsáveis por 95% das exportações totais do Ceará. Assim, nota-se que, para o caso do município de São Gonçalo do Amarante, que foi o principal importador do Ceará em 2016, 43% das compras totais realizadas pelo Ceará, nesse ano, foi de responsabilidade deste município (Tabela 19). Os principais setores responsáveis por esse desempenho foram: reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes e combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação. Em 2007, o primeiro setor representou, praticamente, 100% das importações municipais, revelando a importância desse bem de capital na pauta municipal. Pode-se dizer que o setor de reatores nucleares vem em uma tendência crescente a partir da segunda metade da década de 2000, provavelmente influenciado pelo Complexo Industrial Portuário do Pecém (CIPP) e a ZPE do Pecém.

Fortaleza, tradicionalmente importante na pauta importadora estadual, registrou, em 2016, doze setores responsáveis por 89% das compras externas totais do município, todos com representatividade acima de 1% da pauta do município, o que correspondeu a 10,6% das importações estaduais. Na análise comparativa entre anos observados, percebeu-se uma tendência de queda de representatividade nas compras internacionais efetuadas pelo estado.

Os principais setores representativos na pauta fortalezense foram: cereais, que participou com 50,5% das compras totais externas de Fortaleza no último ano; gorduras e óleos animais ou vegetais (12,6%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes, aparelhos de gravação ou de reprodução (6,7%); reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes (6,1%).

Assim como Fortaleza, doze setores foram responsáveis por 92,7% das importações do município de Maracanaú em 2016, o que representou peso de 6,6% na pauta estadual no mesmo ano. Desse grupo, podem-se citar três, que obtiveram participações na pauta municipal acima de dois dígitos, são eles: produtos químicos orgânicos (40,6%); fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas (12,4%) e algodão (11%).

Em relação à pauta das compras externas do município de Caucaia, cinco setores corresponderam a 98% das importações municipais. Os cinco setores registraram 6,5% de participação na pauta das compras externas do estado em 2016. Os principais setores, nesse ano, foram: máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes e obras de pedra, gesso, cimento,

amianto, mica ou de matérias semelhantes. Deve-se salientar que todos os setores representativos na pauta das compras de Caucaia tiveram crescimento em valor e participação nos anos observados.

Nove setores do município de Aquiraz corresponderam a 94% de participação na pauta de importação municipal e 2,8% da pauta estadual em 2016 (Tabela 19). Os três principais setores importadores foram: reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos (40,3%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes (20,9%); e plásticos e suas obras (11,5%).

O município de Tianguá, por sua vez, teve sete setores representativos na pauta de importação em 2016, contudo, deve-se ressaltar que esse grupo de setores não era importado pelo município em 1997. Os três principais setores foram: veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios; reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes; máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes.

Ao observar a pauta das importações do município do Eusébio, constatou-se que onze setores foram responsáveis por 97% das compras externas totais e, mais uma vez, notou-se que a pauta concentra-se em bens de capital, tais como: máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes, com 54,8% de participação nas compras totais do município. Mesmo comportamento registrado na pauta das importações municipais de Horizonte, representados pelos setores: reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes e veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios.

No caso do município de Sobral, sete setores responderam por 97% das importações municipais em 2016, com destaque para os seguintes: produtos químicos orgânicos (44,4%) e combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação (31%).

Tabela 19: Ceará - principais setores importadores segundo principais municípios importadores de 2016 (1997/2007/2016)

Importações do município de São Gonçalo (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das importações (US\$)			Participação nas importações totais do município			Participação nas importações totais do estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	106.430	6.630.764	1.496.607.979	0,2170	0,9916	0,6566	0,0002	0,0047	0,4288
27	Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas;	0	0	482.118.611	0,0000	0,0000	0,2115	0,0000	0,0000	0,1381
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som	10.943	530	236.266.962	0,0223	0,0001	0,1037	0,0000	0,0000	0,0677
Total importado pelo município		490.516	6.687.039	2.279.168.053	0,2393	0,9917	0,9718	0,0002	0,0047	0,6347
Importações do município de Fortaleza (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
10	Cereais	112.090.368	158.520.880	209.596.801	0,2442	0,1757	0,5052	0,1644	0,1126	0,0601
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas;	1.439.882	19.681.472	52.462.181	0,0031	0,0218	0,1265	0,0021	0,0140	0,0150
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução	7.856.669	40.706.483	27.902.199	0,0171	0,0451	0,0673	0,0115	0,0289	0,0080
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	37.545.883	36.053.175	25.482.777	0,0818	0,0400	0,0614	0,0551	0,0256	0,0073
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	6.743.663	8.878.316	12.330.950	0,0147	0,0098	0,0297	0,0099	0,0063	0,0035
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	11.674.828	32.044.205	8.012.222	0,0254	0,0355	0,0193	0,0171	0,0228	0,0023
88	Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes	12.610	266.208	7.525.743	0,0000	0,0003	0,0181	0,0000	0,0002	0,0022
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	275.750	200.014	5.936.019	0,0006	0,0002	0,0143	0,0004	0,0001	0,0017
90	Instrumentos e aparelhos de óptica, de fotografia, de cinematografia, de medida.	13.762.681	18.823.871	5.325.108	0,0300	0,0209	0,0128	0,0202	0,0134	0,0015
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	4.778.548	481.057	4.733.007	0,0104	0,0005	0,0114	0,0070	0,0003	0,0014
70	Vidro e suas obras	1.336.533	2.088.415	4.693.256	0,0029	0,0023	0,0113	0,0020	0,0015	0,0013
60	Tecidos de malha	5.252.715	3.960.692	4.362.826	0,0114	0,0044	0,0105	0,0077	0,0028	0,0013
Total importado pelo município		459.042.883	902.314.193	414.845.335	0,4417	0,3565	0,8880	0,2974	0,2285	0,1056
Total importado pelo Estado		681.903.802	1.407.866.147	3.489.876.524						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Tabela 19: Ceará - principais setores importadores segundo principais municípios importadores de 2016 (1997/2007/2016) (continuação)

Importações do município de Maracanaú (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das importações (US\$)			Participação nas importações totais do município			Participação nas importações totais do Estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
29	Produtos químicos orgânicos	7.974.045	29.775.051	100.532.883	0,0526	0,1842	0,4056	0,0117	0,0211	0,0288
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	870.942	18.267.136	30.827.142	0,0057	0,1130	0,1244	0,0013	0,0130	0,0088
52	Algodão	83.860.277	30.781.364	27.269.757	0,5532	0,1904	0,1100	0,1230	0,0219	0,0078
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	221.557	4.402.054	21.001.719	0,0015	0,0272	0,0847	0,0003	0,0031	0,0060
38	Produtos diversos das indústrias químicas	13.266	1.524.596	13.521.548	0,0001	0,0094	0,0546	0,0000	0,0011	0,0039
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes,	46.786.135	15.872.091	9.958.924	0,3086	0,0982	0,0402	0,0686	0,0113	0,0029
39	Plásticos e suas obras	220.435	3.834.724	7.856.805	0,0015	0,0237	0,0317	0,0003	0,0027	0,0023
07	Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos, comestíveis.	124.055	13.704	6.132.385	0,0008	0,0001	0,0247	0,0002	0,0000	0,0018
32	Extratos tanantes e tintoriais; taninos e seus derivados; pigmentos e outras matérias corantes;	957.274	3.589.939	3.732.501	0,0063	0,0222	0,0151	0,0014	0,0025	0,0011
60	Tecidos de malha	0	1.415.712	3.281.635	0,0000	0,0088	0,0132	0,0000	0,0010	0,0009
34	Sabões, agentes orgânicos de superfície, preparações para lavagem, preparações lubrificantes,	142.089	712.596	2.927.869	0,0009	0,0044	0,0118	0,0002	0,0005	0,0008
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	27.742	16.441.429	2.773.572	0,0002	0,1017	0,0112	0,0000	0,0117	0,0008
Total importado pelo município		151.591.400	161.636.514	247.832.372	0,9314	0,7834	0,9273	0,2071	0,0899	0,0659
Importações do município de Caucaia(1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som,	0	10.711.520	69.134.600	0,0000	0,3437	0,7853	0,0000	0,0090	0,0523
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes	170.862	6.788.591	11.568.550	0,0053	0,2178	0,1314	0,0005	0,0057	0,0088
04	Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal,	0	0	3.230.403	0,0000	0,0000	0,0367	0,0000	0,0000	0,0024
25	Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	238.436	35.254	1.471.197	0,0074	0,0011	0,0167	0,0007	0,0000	0,0011
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	0	122.404	1.016.070	0,0000	0,0039	0,0115	0,0000	0,0001	0,0008
Total importado pelo município		32.230.973	31.168.958	88.034.088	0,0127	0,5665	0,9817	0,0012	0,0149	0,0654
Total importado pelo Estado		353.002.493	1.185.394.931	1.321.941.113						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Tabela 19: Ceará - principais setores importadores segundo principais municípios importadores de 2016 (1997/2007/2016) (continuação)

Importações do município de Aquiraz (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das importações (US\$)			Participação nas importações totais do município			Participação nas importações totais do Estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	15.307	11.871.355	42.581.422	0,0272	0,7015	0,4036	0,0000	0,0084	0,0122
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som	360	32.143	22.080.971	0,0006	0,0019	0,2093	0,0000	0,0000	0,0063
39	Plásticos e suas obras	186.702	1.429.082	12.182.026	0,3320	0,0844	0,1155	0,0003	0,0010	0,0035
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	0	104.581	10.172.264	0,0000	0,0062	0,0964	0,0000	0,0001	0,0029
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	0	0	4.401.240	0,0000	0,0000	0,0417	0,0000	0,0000	0,0013
10	Cereais	254.845	3.040.583	2.877.458	0,4532	0,1797	0,0273	0,0004	0,0022	0,0008
90	Instrumentos e aparelhos de óptica, de fotografia, de cinematografia, de medida, de controle ou de precisão	0	75.029	2.628.130	0,0000	0,0044	0,0249	0,0000	0,0001	0,0008
76	Alumínio e suas obras	0	2.968	1.243.383	0,0000	0,0002	0,0118	0,0000	0,0000	0,0004
21	Preparações alimentícias diversas	0	0	1.081.258	0,0000	0,0000	0,0102	0,0000	0,0000	0,0003
Total importado pelo município		562.333	16.923.749	105.493.853	0,8131	0,9783	0,9408	0,0007	0,0118	0,0284
Importações do município de Tianguá (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
87	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios	0	4.504.001	9.602.790	0,0000	0,3803	0,3653	0,0000	0,0032	0,0028
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	0	3.235.198	7.119.969	0,0000	0,2732	0,2708	0,0000	0,0023	0,0020
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som	0	1.686.176	4.983.740	0,0000	0,1424	0,1896	0,0000	0,0012	0,0014
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	0	942.418	2.205.440	0,0000	0,0796	0,0839	0,0000	0,0007	0,0006
40	Borracha e suas obras	0	710.295	1.067.225	0,0000	0,0600	0,0406	0,0000	0,0005	0,0003
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes	0	209.179	527.171	0,0000	0,0177	0,0201	0,0000	0,0001	0,0002
39	Plásticos e suas obras	0	10.997	439.647	0,0000	0,0009	0,0167	0,0000	0,0000	0,0001
Total importado pelo município		53.399	11.841.830	26.288.444	0,0000	0,9541	0,9870	0,0000	0,0080	0,0074
Total importado pelo Estado		681.903.802	1.407.866.147	3.489.876.524						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

Tabela 19: Ceará - principais setores importadores segundo principais municípios importadores de 2016 (1997/2007/2016) (continuação)

Importações do município de Eusébio (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das importações (US\$)			Participação nas importações totais do município			Participação nas importações totais do Estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som	121.355	4.088.383	13.793.666	0,0088	0,5627	0,5480	0,0002	0,0029	0,0040
39	Plásticos e suas obras	102.712	174.813	2.991.294	0,0074	0,0241	0,1188	0,0002	0,0001	0,0009
90	Instrumentos e aparelhos de óptica, de fotografia, de cinematografia, de medida, de controle ou de precisão;	5.863	66.633	2.379.015	0,0004	0,0092	0,0945	0,0000	0,0000	0,0007
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais	169.050	167.858	958.245	0,0122	0,0231	0,0381	0,0002	0,0001	0,0003
72	Ferro fundido, ferro e aço	0	540.356	929.724	0,0000	0,0744	0,0369	0,0000	0,0004	0,0003
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	12.209.247	591.973	860.834	0,8806	0,0815	0,0342	0,0179	0,0004	0,0002
76	Alumínio e suas obras	3.690	39.742	789.661	0,0003	0,0055	0,0314	0,0000	0,0000	0,0002
29	Produtos químicos orgânicos	21.625	1.284.260	766.163	0,0016	0,1768	0,0304	0,0000	0,0009	0,0002
10	Cereais	81.095	0	405.783	0,0058	0,0000	0,0161	0,0001	0,0000	0,0001
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	1.940	8.791	392.508	0,0001	0,0012	0,0156	0,0000	0,0000	0,0001
28	Produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos	1.300	35.791	337.680	0,0001	0,0049	0,0134	0,0000	0,0000	0,0001
Total importado pelo município		13.864.022	7.265.329	25.172.183	0,9173	0,9633	0,9775	0,0187	0,0050	0,0071
Importações do município de Horizonte (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	2.375.752	6.312.231	7.288.655	0,1095	0,1682	0,2984	0,0035	0,0045	0,0021
87	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios	751	1.115.151	4.441.502	0,0000	0,0297	0,1819	0,0000	0,0008	0,0013
39	Plásticos e suas obras	5.534.533	7.224.400	1.907.803	0,2551	0,1925	0,0781	0,0081	0,0051	0,0005
32	Extratos tanantes e tintoriais; taninos e seus derivados; pigmentos e outras matérias corantes;	111.929	263.654	1.799.344	0,0052	0,0070	0,0737	0,0002	0,0002	0,0005
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som	21.302	261.013	1.714.544	0,0010	0,0070	0,0702	0,0000	0,0002	0,0005
60	Tecidos de malha	0	0	1.367.747	0,0000	0,0000	0,0560	0,0000	0,0000	0,0004
42	Obras de couro; artigos de correio ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes;	0	426.202	1.049.627	0,0000	0,0114	0,0430	0,0000	0,0003	0,0003
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	519	0	842.298	0,0000	0,0000	0,0345	0,0000	0,0000	0,0002
40	Borracha e suas obras	9.913	444.104	595.675	0,0005	0,0118	0,0244	0,0000	0,0003	0,0002
70	Vidro e suas obras	0	77	575.054	0,0000	0,0000	0,0235	0,0000	0,0000	0,0002
10	Cereais	303.468	0	445.769	0,0140	0,0000	0,0183	0,0004	0,0000	0,0001
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	35.141	962.565	355.540	0,0016	0,0257	0,0146	0,0001	0,0007	0,0001
61	Vestuário e seus acessórios, de malha	0	390.500	254.362	0,0000	0,0104	0,0104	0,0000	0,0003	0,0001
Total importado pelo município		21.698.947	37.521.349	24.423.267	0,3868	0,4637	0,9269	0,0123	0,0124	0,0065
Total importado pelo Estado		681.903.802	1.407.866.147	3.489.876.524						

Tabela 19: Ceará - principais setores importadores segundo principais municípios importadores de 2016 (1997/2007/2016) (continuação)

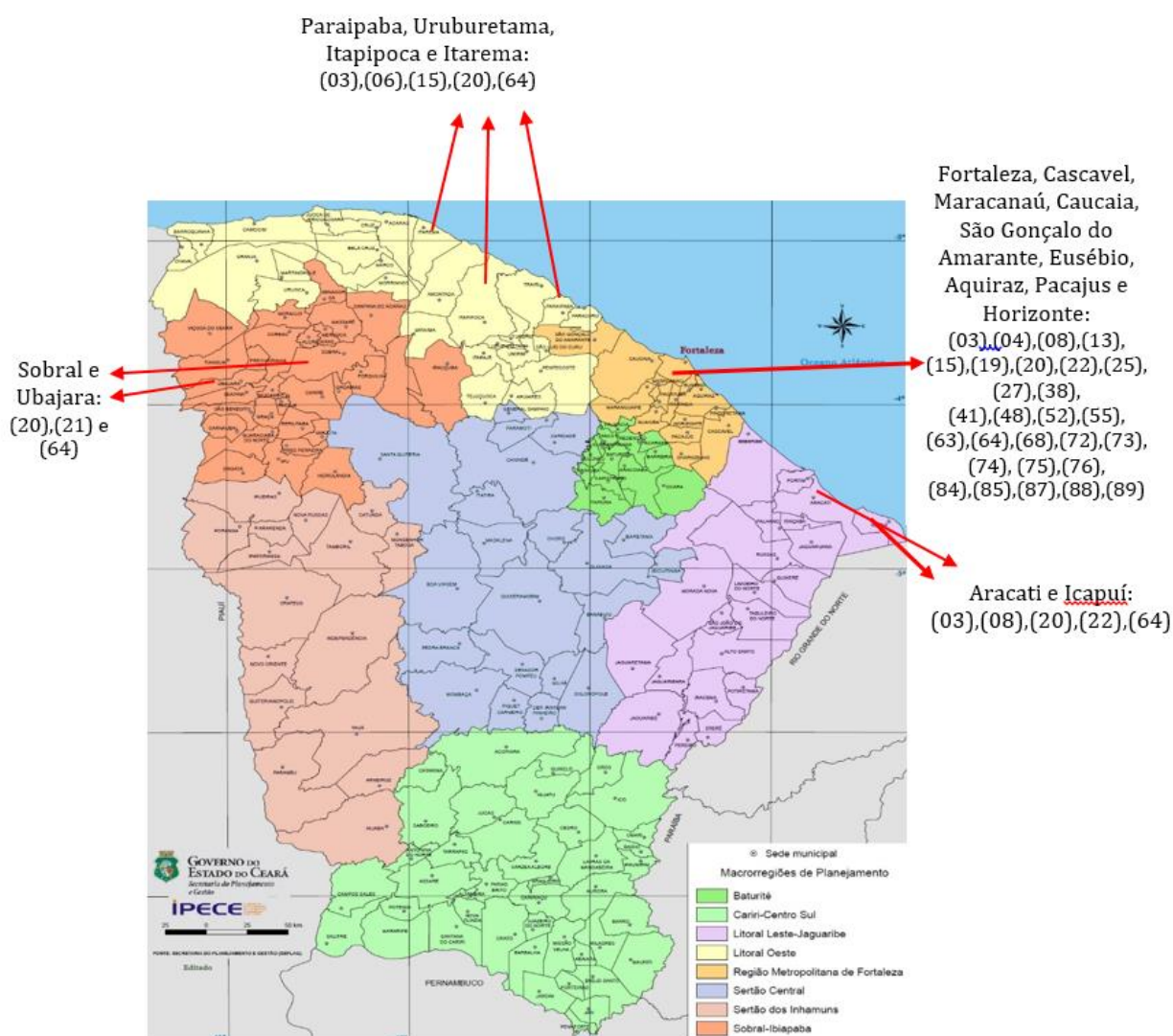
Importações do município de Sobral (1997/2007/2016)										
NCM	Descrição	Valor das importações (US\$)			Participação nas importações totais do município			Participação nas importações totais do Estado		
		1997	2007	2016	1997	2007	2016	1997	2007	2016
29	Produtos químicos orgânicos	0	732.902	9.977.329	0,0000	0,0524	0,4442	0,0000	0,0005	0,0029
27	Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais	0	4.066.698	6.983.083	0,0000	0,2906	0,3109	0,0000	0,0029	0,0020
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	6.033.026	191.790	2.022.191	0,5153	0,0137	0,0900	0,0088	0,0001	0,0006
48	Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão	217.304	12.878	1.451.730	0,0186	0,0009	0,0646	0,0003	0,0000	0,0004
39	Plásticos e suas obras	111.265	621.238	851.806	0,0095	0,0444	0,0379	0,0002	0,0004	0,0002
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som	42.679	1.067.106	330.553	0,0036	0,0762	0,0147	0,0001	0,0008	0,0001
58	Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados.	74.734	413.120	228.731	0,0064	0,0295	0,0102	0,0001	0,0003	0,0001
Total importado pelo município		11.707.388	13.995.029	22.460.475	0,5534	0,5077	0,9726	0,0095	0,0050	0,0063
Total importado pelo Estado		681.903.802	1.407.866.147	3.489.876.524						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da SECX/MDIC, 2017.

6.1 Exportações municipais segundo distribuição setorial das Exportações

As exportações estaduais estiveram concentradas em termos espaciais em 2016. De fato, dos dezessete municípios responsáveis por 95% das vendas externas estaduais, nove deles estavam localizados na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), enquanto quatro dividem-se entre o Litoral Oeste e Litoral Leste, e dois na região da Ibiapaba e Sobral. Nota-se, com isso, que os principais municípios exportadores, no citado ano, estão concentrados na região litorânea do estado do Ceará. Além disso, esses municípios detêm, ainda, os principais setores exportadores estaduais (Mapa 4).

Mapa 4: Ceará – distribuição setorial segundo municípios (2016)



Fonte: IPECE, 2017. SECEX/MDIC, 2017. Elaboração própria.

Constatou-se que alguns setores possuem concorrentes municipais dentro do próprio estado. O setor 20 (preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas) é importante para a pauta dos municípios de Paraipaba, Itapipoca, Aquiraz, Aracati e Ubajara, com percentuais

acima de 25% do total de suas vendas externas. Na pauta do setor cearense, os principais municípios exportadores com parcelas expressivas são Itapipoca, Paraipaba e Aracati (Tabela 20).

O setor 64 (calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes) é exportado por cinco dos principais municípios cearenses, são eles: Fortaleza, Sobral, Uruburetama, Itapipoca e Horizonte. Vale lembrar que nesses municípios estão localizadas empresas incentivadas e que exportam valores significativos. A Grendene está presente em Fortaleza e Sobral, Paquetá Calçados em Uruburetama, DASS Nordeste calçados em Itapipoca e Vulcabras Azaleia em Horizonte. Dessa maneira, a exportação do setor de calçados é dominada pelos municípios de Sobral, Uruburetama e Horizonte, contudo, não se pode afirmar que estes sejam concorrentes internos ao estado, pois podem estar produzindo produtos diferentes pertencentes ao mesmo setor.

O setor 03 (peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos) é exportado por municípios da região litorânea do estado, são eles: Fortaleza, Icapuí, Aracati e Itarema. Sendo estes, portanto, os principais exportadores e possíveis concorrentes internos do citado setor no estado, caso as exportações não sejam realizadas pelas mesmas empresas.

Quatro municípios cearenses são concorrentes nas exportações do setor 15 (gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas), com participações importantes em suas respectivas pautas de vendas externas. O setor fortalezense enfrenta concorrência dos seguintes municípios: Maracanaú, Eusébio e Itarema.

O setor 08 (frutas; cascas de frutos cítricos e de melões), um dos principais setores exportadores da pauta cearense, é vendido ao mercado externo, principalmente, por Icapuí, Fortaleza e Aquiraz. De seu lado, o setor de bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres (setor 22) é exportado, essencialmente, por Maracanaú e Aracati.

Dois setores são exportados por apenas dois municípios do estado, são os casos dos setores 21 (preparações alimentícias diversas), vendido, exclusivamente por Ubajara, e o setor 06 (plantas vivas e produtos de floricultura) que foi exportado pelo município de Paraipaba, portanto, sem concorrentes dentro do próprio Ceará.

Outros setores, que detêm pesos significativos na pauta exportadora de seus municípios encontram-se, essencialmente, em nove municípios da RMF (Fortaleza, Cascavel, Caucaia, Maracanaú, Eusébio, Aquiraz, Pacajus, Horizonte e, mais recentemente, São Gonçalo do Amarante), são eles: combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; ferro fundido, ferro e aço; reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos) e máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes).

Constatou-se que o comércio externo do estado do Ceará possui um desafio interno para os próximos anos, qual seja: a necessidade de desconcentração municipal e setorial do comércio externo, pois municípios das regiões Sertão Central, Centro Sul e Serra do Inhamuns continuam à margem do comércio internacional, com representatividade insignificante na pauta exportadora estadual.

Tabela 20: Ceará – principais setores dos principais municípios exportadores em 2016

NCM	Descrição	XsetMunicípio/TotMunicípio (%)	XsetMunicípio/XSetCE (%)
3	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	Fortaleza (17,50%); Icapuí (41,97%); Aracati (40,81%); Itarema (5,06%)	Fortaleza (56,14%); Aracati (17,26%); Icapuí (15,31%)
4	Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal	Cascavel (28,25%); Caucaia (3,67%); Aquiraz (1,83%)	Caucaia (82,56%); Aquiraz (15,62%)
6	Plantas vivas e produtos de floricultura	Paraipaba (3,52%)	Paraipaba (42%)
8	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	Fortaleza (45,5%); Cascavel (24,64%); Icapuí (91,89%); Eusébio (27,56%); Aquiraz (84,09%); Aracati (6,74%)	Icapuí (44%); Fortaleza (36,95%); Aquiraz (13,88%)
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	Fortaleza (1,83%); Aquiraz (4,31%);	Fortaleza (67,62%); Aquiraz (32,38%);
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação;	Fortaleza (6,58%); Maracanaú (1,59%); Eusébio (62%); Itarema (94,82%)	Eusébio (42,28%); Itarema (31,07%); Fortaleza (18,2%); Maracanaú (2,45%);
19	Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou leite	Eusébio (2,1%)	Eusébio (56,07%)
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes.	Cascavel (18,27%); Itaipoca (83,07%); Aquiraz (41,17%); Paraipaba (96%); Ubajara (25,66%); Aracati (41,17%)	Itaipoca (52,66%); Paraipaba (21,89%); Aracati (12,58%); Ubajara (5,53%)
21	Preparações alimentícias diversas	Ubajara (72,85%)	Ubajara (99,44%)
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	Maracanaú (4,12%); Aracati (2%)	Maracanaú (88,72%); Aracati (10,25%)
25	Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	Fortaleza (2,61%); Caucaia (1,67%)	Fortaleza (23,69%); Caucaia (8,12%)
27	Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação;	São Gonçalo do Amarante (24,83%); Fortaleza (1,91%);	São Gonçalo do Amarante (94,96%); Fortaleza (5,04%)
38	Produtos diversos das indústrias químicas	Maracanaú (2,67%);	Maracanaú (96,49%)
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	Maracanaú (31,17%);	Maracanaú (19,64%)
48	Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão	Pacajus (1,34%); Horizonte (1,8%)	Pacajus (47,38%); Horizonte (46,53%)
52	Algodão	Maracanaú (36,17%); Pacajus (90%); Horizonte (5,82%)	Maracanaú (66,77%); Pacajus (32,68%)
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	Pacajus (8,22%)	Pacajus (63,72%)
56	Pastas (ouates), feltros e falsos tecidos; fios especiais; cordéis.	Eusébio (14,52%)	Eusébio (17,18%)
63	Outros artefatos têxteis confeccionados; sortidos;	Eusébio (11,38%)	Eusébio (60%)
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	Fortaleza (2,44%); Sobral (98,39%); Uruburetama (99,93%); Itaipoca (16,82%); Aracati (9,27%); Horizonte (90,78%)	Sobral (51,71%); Uruburetama (27,31%); Horizonte (4,18%)
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes	Maracanaú (6,7%); Caucaia (13,14%);	Caucaia (64,73%); Maracanaú (34,31%)
72	Ferro fundido, ferro e aço	São Gonçalo do Amarante (74,82%); Maracanaú (7,22%)	São Gonçalo do Amarante (94,45%); Maracanaú (3,5%)
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	Maracanaú (5,46%)	Maracanaú (96,17%)
74	Cobre e suas obras	Eusébio (20,36%);	Eusébio (100%)
75	Níquel e suas obras	Eusébio (2,52%)	Eusébio (100%)
76	Alumínio e suas obras	Eusébio (7,54%)	Eusébio (100%)
83	Obras diversas de metais comuns	Fortaleza (1,33%);	Fortaleza (99,89%)
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos.	Fortaleza (1,66%); Cascavel (28%); Caucaia (1,15%);	Fortaleza (40,41%); Caucaia (15%)
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes;	Caucaia (78,53%)	Caucaia (98,99%)
87	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres	Maracanaú (1,61%)	Maracanaú (75,44%)
88	Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes	Fortaleza (2,46%)	Fortaleza (100%)
89	Embarcações e estruturas flutuantes	Fortaleza (1,7%)	Fortaleza (100%)
94	Móveis; mobiliário médico-cirúrgico, colchões	Eusébio (1,53%)	Eusébio (2,22%)

Fonte: IPECE, 2017. SECEX/MDIC, 2017. Elaboração própria.

7. INVESTIMENTO EXTERNO DIRETO (IED)

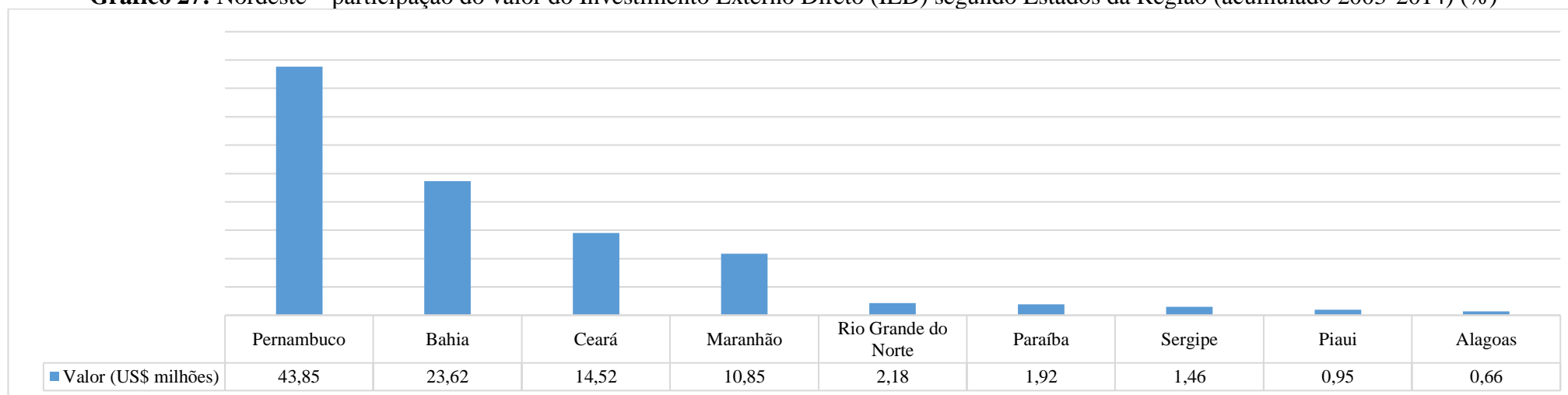
O Brasil, entre 2010 e 2015, apareceu no grupo dos principais países do mundo como receptores de investimento estrangeiro direto (IED), beneficiado, por sua vez, pela redistribuição geográfica dos investimentos que ocorreu ao longo dos anos 2000 (PAIXÃO; NOGUEIRA, 2017). Assim, nota-se que o país tornou-se um dos maiores receptores de IED realizado, principalmente, por companhias multinacionais.

Segundo Silva Filho (2015), o fluxo de IED apresentou ruptura de tendência no período pós crise internacional de 2008. No período de 2005 a 2008, segundo esse autor, constatou-se que o volume trimestral recebido pelo Brasil oscilou em torno de um valor médio de cerca de US\$ 7 bilhões, valor este que foi revertido em 2009. No ano seguinte, contudo, o volume recebido tornou a se elevar, mantendo-se em patamar médio superior ao período da crise internacional.

A região Nordeste acolheu 20,3% do valor acumulado dos investimentos estrangeiros diretos que entraram no país no período (2003-2014). Nesta Região, Pernambuco foi o estado que recebeu o maior percentual nesse mesmo período (43,9%), seguido pela Bahia (23,6%) e pelo Ceará (14,5%) (Gráfico 27).

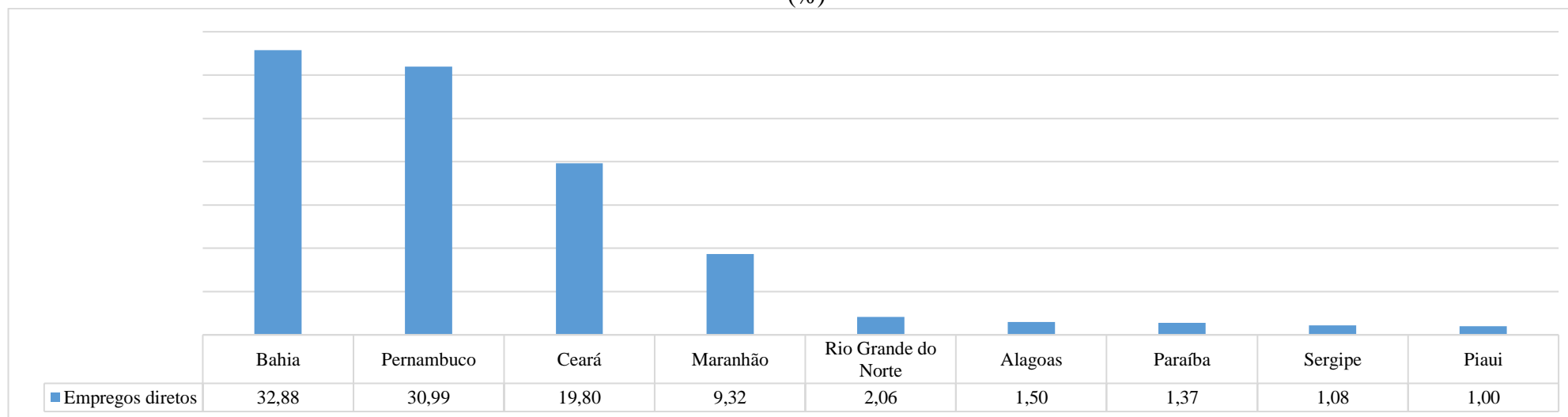
Em relação aos empregos diretos gerados por esses investimentos na região Nordeste no mesmo período, o estado da Bahia inverte a posição com Pernambuco, e desponta como aquele que mais criou empregos diretos, apresentando parcela de 32,9% do total gerado em toda a Região. Pernambuco, por sua vez, aparece como segundo maior gerador de empregos com 31%, seguido pelo Ceará (19,8%) e Maranhão (9,3%) (Gráfico 28).

Gráfico 27: Nordeste – participação do valor do Investimento Externo Direto (IED) segundo Estados da Região (acumulado 2003-2014) (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de FDI Markets ([s.d]) apud Silva Filho, 2015.

Gráfico 28: Nordeste – participação do emprego direto gerado pelo Investimento Externo Direto (IED) segundo Estados da Região (acumulado 2003-2014) (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de FDI Markets ([s.d]) apud Silva Filho, 2015.

Quando se observam os dez principais setores responsáveis pela atração de investimentos estrangeiros diretos nos estados da região nordestina, constata-se que, para o setor de mineração e siderurgia, nos estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia foram os que atraíram mais recursos externos, tomando por base o acumulado no período 2003-2014. Para indústria automobilística, apenas três estados atraíram recursos externos, foram eles: Pernambuco (70,2%), Bahia (25,9%) e Ceará (3,8%). O estado do Ceará também recebeu significativa parcela regional de recursos para os seguintes setores: comunicação, com 29,9% dos recursos externos regionais; alimentos e tabaco, com 12,4%, atrás apenas de Pernambuco (79,6%); e energias renováveis (14,5%) (Tabela 21). Outros setores cearenses receberam, em conjunto, 23,4% dos recursos no acumulado do mesmo intervalo de tempo.

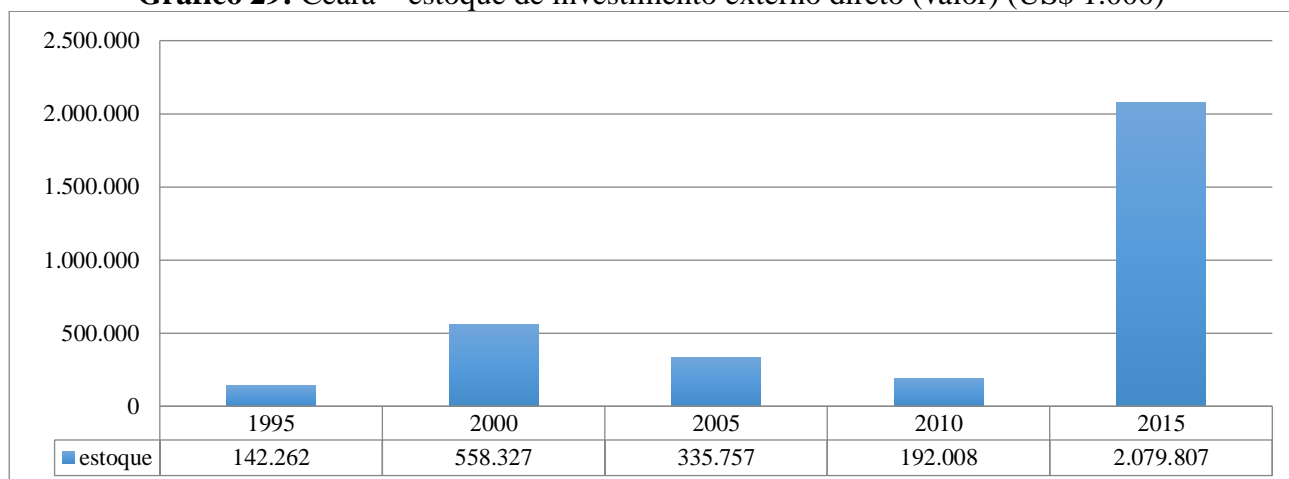
Tabela 21: Nordeste – investimento externo direto segundo principais setores (acumulado 2003-2014) (%)

Estado	Mineração e siderurgia	Indústria automobilística e autopeças	Comunicações	Carvão, petróleo e gás natura	Serviços financeiros	Alimentos e tabaco	Energias renováveis	Química	Máquinas e equipamentos	Celulose, papel e embalagens	Outros setores	Total
AL	0,00	0,00	0,00	0,00	0,46	0,00	0,00	3,61	0,00	0,00	4,00	0,66
BA	11,22	25,92	7,49	2,45	35,75	79,60	36,33	81,06	5,24	40,51	39,11	23,62
CE	31,37	3,84	29,85	0,00	0,90	12,40	14,53	3,61	0,00	0,00	23,41	14,52
MA	37,30	0,00	0,00	2,09	0,00	0,00	0,00	10,28	7,80	0,00	0,62	10,85
PE	12,88	70,24	7,08	93,00	62,35	3,93	20,62	1,44	86,96	0,00	26,41	43,85
PB	0,22	0,00	55,59	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	59,49	2,99	1,92
PI	2,49	0,00	0,00	0,00	0,00	3,80	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,95
RN	2,02	0,00	0,00	0,00	0,54	0,26	28,51	0,00	0,00	0,00	2,17	2,18
SE	2,49	0,00	0,00	2,45	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,30	1,46
NE	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Elaboração própria a partir de FDI Markets ([s.d]) apud Silva Filho, 2015.

Em termos evolutivos, constatou-se que o Ceará, em particular, de 1995 para 2000, registrou crescimento no estoque de IED na ordem de 292%. Contudo, nos dois períodos seguintes, ocorreu queda o qual se recuperou entre os anos de 2010 e 2015, quando incrementou o valor dos recursos externos em mais de 900% (Gráfico 29).

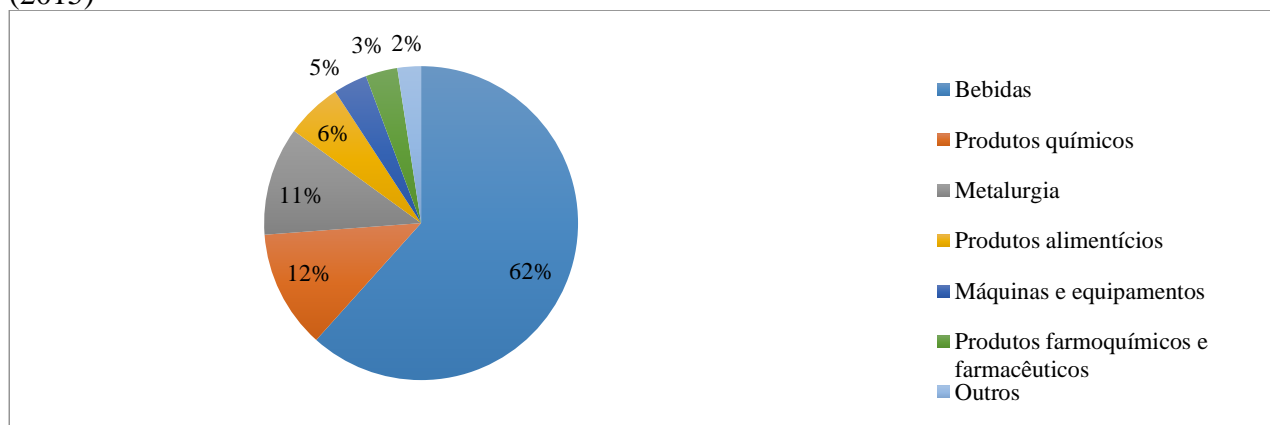
Gráfico 29: Ceará – estoque de investimento externo direto (valor) (US\$ 1.000)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do DECEC/BACEN, 2017.

Em 2015, quando se observa o estoque de investimento estrangeiro direto segundo setores industriais no estado do Ceará, evidencia-se que o setor de bebidas foi o que registrou maior volume de recursos, seguido, por sua vez, pelos setores de produtos químicos, metalurgia e produtos alimentícios (Gráfico 30).

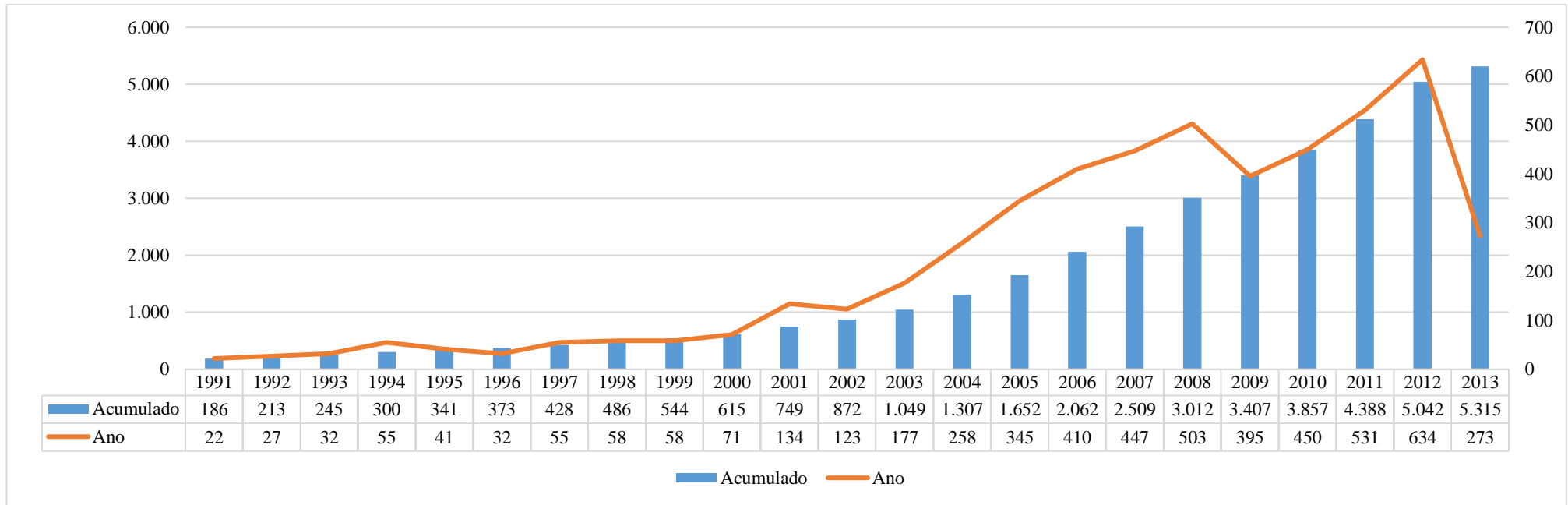
Gráfico 30: Ceará – valor do estoque de Investimento Externo Direto segundo setores industriais (%) (2015)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Desig/BACEN

Entre 1991 e 2013, a quantidade de empresas com Investimento Externo Direto no Ceará aumentou significativamente, saindo de 22 empresas, em 1991, para 273 em 2013. Em termos acumulados, constatou-se crescimento no período citado, pois o acumulado de 186 empresas passou para 5.315 empresas que receberam IED no Ceará (Gráfico 31). De acordo com o relatório da Câmara Brasil-Portugal no estado do Ceará, até 2013, 60% das empresas beneficiadas com recursos externos diretos estavam concentradas na capital cearense, e as demais em outros municípios, tais como: Aracati, Jijoca de Jericoacoara, Eusébio, São Gonçalo do Amarante, Beberibe, Trairi, e Cascavel (DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

Gráfico 31: Ceará – Empresas ativas no estado com capital estrangeiro (número) (1991-2013)



Fonte: Elaborado a partir de Camara Brasil Portugal no estado do Ceará (2013) apud Diário do Nordeste, 2014.

7.1 Investimentos externos no Ceará: perspectivas

A capital cearense ocupa a 8ª posição entre as dez cidades das Américas com população superior a 750 mil habitantes com melhor Custo/Benefício para investimentos estrangeiros, enquanto os municípios de Sobral e Maracanaú ocupam 2º e 5º lugar, respectivamente, entre as “cidades do futuro” de população entre 100 mil e 350 mil habitantes, quando se considera o Custo/Benefício (Tabela 22) (FDI MAGAZINE apud O POVO, 2017f).

Tabela 22: Cidades das Américas com maior Custo Benefício para IED

TOP 10 Small American Cities of The Future 2017-18			
Rank	City	State	Country
1	Guayaquil	Guayas	Equador
2	Guatemala City	Guatemala	Guatemala
3	Santiago	Chile	Chile
4	Quito	Pichincha	Equador
5	Lima	Peru	Peru
6	Belém	Pará	Brasil
7	Barraquilha	Atlântico	Colômbia
8	Fortaleza	Ceará	Brasil
9	Manaus	Amazonas	Brasil
10	Cali	Valle del Cauca	Colômbia
TOP 10 Small American Cities of The Future 2017-18			
1	Potosi	Potosi	Bolívia
2	Sobral	Ceará	Brasil
3	Heredia	Costa Rica	Costa Rica
4	Sete Lagoas	Minas Gerais	Brasil
5	Maracanaú	Ceará	Brasil
6	Neiva	Huila	Colombia
7	Praia Grande	São Paulo	Brasil
8	Taubaté	São Paulo	Brasil
9	Jaragua do Sul	Santa Catarina	Brasil
10	Sumaré	São Paulo	Brasil

Fonte: FDI American Cities of the Future 2017/18. Financial Times apud O POVO, 2017.

Alguns ramos da economia cearense vêm atraindo significativos investimentos estrangeiros para o estado, são eles: imobiliário, serviços, indústria e turismo. Segundo a Câmara Brasil-Portugal (2016) apud O Povo (2017f), no estado do Ceará, até dezembro de 2016, os aportes em empresas cearenses foram de US\$ 2,8 bilhões, contudo, a citada Câmara reforça que o potencial existente é muito maior.

Alguns fatores são apontados como atrativos e competitivos para esse tipo de recurso como, por exemplo: posição geográfica favorável; estruturas, como o Porto do Pecém e sua aproximação com o Porto de Roterdã; Zona Processamento de Exportação (ZPE); concessão do aeroporto para a alemã Fraport e Polo Industrial e Tecnológico da Saúde (PITS) do Eusébio (O POVO, 2017f).

Contudo, o Ceará precisará tomar medidas de médio e longo prazos para potencializar outras variáveis competitivas aos investimentos estrangeiros. A ADECE aparece como um dos atores responsáveis para reforçar a estrutura cearense e assim atrair os investimentos estrangeiros. Dentre as possíveis formas de apoio encontram-se: identificar e atrair investimentos para todos os setores da economia do estado a partir de articulações junto às iniciativas privada e pública (MDIC, 2014).

Desta forma, os pontos fortes dos setores cearenses que poderão se tornar competitivos para atração de novos investimentos estrangeiros encontram-se variáveis naturais, como localização geográfica, disponibilidade de terras a baixo preço fora da RMF, áreas com microclimas diferenciados e variáveis construídas como infraestrutura, credibilidade e capacidade de pagamento, incentivos fiscais adequados, tradição em atrair investidores, boa relação de parceria com a iniciativa privada.

8. OPORTUNIDADES E LIMITES PARA O CRESCIMENTO DO COMÉRCIO EXTERIOR CEARENSE

O estado do Ceará vem apresentando, desde o início da década de 1990, performance particular do comércio exterior comparado ao país como um todo. O comportamento do comércio exterior, com suas peculiaridades, ao mesmo tempo que evidencia janelas de oportunidades no mercado, revela limites existentes na economia estadual (Quadro 4).

Dentre as oportunidades identificadas, ao longo das quase três décadas observadas, abordam-se alguns aspectos que podem sugerir provável reforço do comércio externo do estado. Dentre as janelas disponíveis no mercado externo encontram-se: a) os novos destinos para os produtos cearenses, principalmente China e Turquia, assim como intensificação das transações comerciais parceiros já consolidados, como os Estados Unidos. O ingresso de novos consumidores pode engendrar um ciclo virtuoso de crescimento para o Ceará no médio e longo prazos, na medida em que repercutirá sobre o nível de atividade econômica e, conseqüentemente, sobre as condições de produção interna. Nesse ambiente de diversificação de destinos e de demanda cada vez mais exigente, necessitam-se definir normas que regulem o padrão de respostas das empresas locais em termos de inovação e estratégias de competição.

O aumento das vendas externas cearenses indica ganhos de parcelas importantes do mercado internacional ao longo dos anos analisados. Dentre os setores responsáveis pelo bom desempenho das exportações, encontram-se, recentemente, produtos oriundos da CSP, que começam a redesenhar o perfil do comércio cearense, como, por exemplo: produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado e gás natural liquefeito. No que diz respeito a estes produtos, a região do Pecém possui um projeto de infraestrutura importante para o estado do Ceará, que é o de regaseificação de GNL da Petrobras, considerado importante marco para o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), pois produzirá energia elétrica nas usinas Termoelétricas localizadas na região do CIPP.

O ganho de participação das vendas externas destes dois importantes setores da região do Pecém corrobora com o fato de terem ocorridas modificações importantes no ordenamento dos principais municípios exportadores e importadores nos últimos anos, em especial, do município de São Gonçalo do Amarante onde está localizada a ZPE cearense.

Alguns setores exportadores pelo estado do Ceará aproveitaram, ainda, a janela de oportunidade aberta pela dinâmica da demanda mundial, a saber: gorduras vegetais, calçados, frutas e gás. Outros, ainda, como embarcações, cuja produção estadual, hoje, está voltada, sobretudo, para o mercado externo, podem se aproveitar dessa dinâmica mundial favorável e se inserir de forma mais ativa no mercado internacional.

Há ainda, espaços a serem ocupados no mercado internacional por setores os quais poderão ter suas vendas externas potencializadas quando o Hub Aéreo tiver em funcionamento, pois, nos dias atuais, algumas mercadorias produzidas no estado são exportadas por via aérea. A implantação do citado *hub* para as exportações cearenses pode ter dois efeitos de imediato: a) alcançar novos mercados; e b) exportar mercadorias com maior valor agregado. Tais possibilidades de ganho dependerão do preço do frete que será praticado pela companhia e dos espaços de cargas que serão destinados nas aeronaves. Neste caso, estão os setores exportadores, cujas especificidades estão associados à perecibilidade, serão os que maiores beneficiados com a implantação do citado *hub*.

Entretanto, paralelamente à estas oportunidades, o Ceará depara-se com aspectos limitantes ao desenvolvimento do seu comércio externo. Aspectos estes que precisarão ser contornados no médio e longo prazo. Um fator limitante é o peso das exportações de produtos de baixo valor agregado na pauta. Nesse sentido, embora não seja tarefa simples, é preciso estimular o desenvolvimento de produtos com maior conteúdo tecnológico, sendo este o objetivo para futuras políticas de exportação estadual. Evidencia-se a fragilidade da estrutura produtiva estadual para se direcionar para novos setores produtivos exportadores.

Um aspecto que merece atenção especial dentro desse panorama refere-se às políticas de apoio às micro, pequenas e médias empresas, potencialmente exportadoras cearenses, que desempenham papel importante para o desenvolvimento econômico do estado.

Outro ponto limitante da performance do comércio externo estadual, que merece atenção especial, refere-se à concentração dos principais municípios exportadores na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), Litoral Oeste e Litoral Leste do estado. Outros poucos municípios encontram-se isolados no interior do estado e funcionam como ilhas produtoras que se relacionam, de alguma forma, com o mercado externo.

A economia cearense ainda conserva no comércio externo forte peso nas trocas intersetoriais características da exploração de vantagens comparativas. A concentração setorial das exportações e dos destinos evidenciada deixa o estado em situação de dependência e vulnerabilidade, dificultando políticas públicas efetivas para o comércio externo. A cultura exportadora no estado do Ceará pode ser estimulada por um ambiente institucional que busque reforçar a inserção competitiva das empresas no cenário internacional e que promova a construção de vantagens competitivas.

Empresas de setores exportadores preponderantes na pauta estadual estão atreladas aos Programas de incentivos fiscais do governo estadual o que torna o estado do Ceará refém dessas empresas para a dinâmica de seu comércio externo. Por fim, pode-se apontar, ainda, que o estoque de investimento externo direto concentra-se tanto em setores quanto em regiões específicas no estado do Ceará.

Quadro 4: Ceará – oportunidades e limites identificados

Oportunidades	Limites
a) Diversificação ainda que modesta dos destinos das exportações cearense em direção a países europeus e asiáticos	a) Predominância das exportações de produtos de baixo valor agregado.
b) Estados Unidos forte parceiro comprador dos produtos cearenses.	b) Fragilidade da estrutura produtiva do Estado para dinamizar novos setores exportadores
c) Aumento das vendas externas em valores ao longo das últimas décadas.	c) Concentração geográfica dos principais municípios exportadores
d) Mudanças gradativas na pauta de exportação e importação do Ceará.	d) Concentração do comércio exterior em poucas empresas, poucos setores e poucos produtos.
e) Janela de oportunidade aberta pela dinâmica da demanda mundial a setores cearenses	e) Perda de participação nas vendas externas de produtos tradicionais do Ceará
f) A CSP começa a redesenhar o perfil do comércio exterior do Ceará.	f) Comércio externo com forte peso nas trocas intersetoriais características da exploração de vantagens comparativas
g) A ZPE no Estado vem promovendo mudanças na pauta exportadora.	g) Concentração dos destinos das vendas torna o comércio vulnerável
h) Setores industriais exportadores estimulados pela política industrial do Estado	h) Incentivos fiscais podem gerar dependência para sustentabilidade da dinâmica do modelo exportador
i) Porto do Pecém potencializa a atividade exportadora do Ceará	i) Concentração setorial do Investimento Externo Direto.
j) Hub Aéreo de Fortaleza beneficia setores locais que demandam atenção especial devido à perecibilidade	j) Concentração espacial dos Investimentos Externos Diretos

REFERÊNCIAS

- AMARAL FILHO, J. do; MELO, M.C.P; BRAGA, F.L.P.; LAVOUR, D.C. Impacto dos Grandes Projetos Federais em Estados nordestinos - Ceará. In: **Impacto dos Grandes Projetos Federais sobre os Estados do Nordeste**. Editora UFRN. Apolinário, V. e Da Silva, M.L (org.) Natal, Rio Grande do Norte, 2011, 332p..
- ANDRADE, R.L. Zona de Processamento de Exportação do Pecém/Ceará e a regulamentação sobre subsídios. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano XVI, n. 181, 2016.
- BALASSA, B. Revealed comparative advantage revisited: analysis of relative export share of industrial countries, 1953-1971. **Manchester School of Economic and Social Studies, Manchester, Manchester University Press**. v.45, p. 327-44, 1977.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Boletim do Banco Central, Censo de capitais estrangeiros**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/rex/censoCE/port/censo.asp?idpai=cambio>>. Acesso em: outubro/novembro de 2017.
- BRAGA, F.L.P.; VILHENA, L.G. de; LIMA, B.B. de. Inserção Internacional do Setor Calçadista das Regiões Nordeste e Sul do Brasil: dinâmica das exportações (2005-2015). **Revista Econômica do Nordeste**. V.48, n3, p.129-146, Fortaleza, 2017.
- BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Plataforma aliceweb2**. Disponível em: <<http://www.aliceweb2.gov.br>>. Acesso em: outubro/novembro de 2017.
- CÂMARA BRASIL PORTUGAL NO ESTADO DO CEARÁ (CBPCE). Investimento Estrangeiro no CE triplicou em uma década. in: **Diário do Nordeste**. 2014. Disponível em <<http://diarionordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/investimento-estrangeiro-no-ce-triplicou-em-uma-decada-1.1024243>>. Acesso em 18 outubro de 2017.
- FDI Magazine. FDI American Cities of the Future 2017/18. Financial Times. In: **O Povo**. Fortaleza, Sobral e Maracanaú são destaques em lista de investimento estrangeiro. 2017. Disponível em <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/07/fortaleza-sobral-e-maracanau-sao-destaques-em-lista-de-investimento.html>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.
- FONTENELE, A. M., MELO, M. C. P. de. **Inserção Internacional da Economia Cearense: potencialidades e limites para o crescimento**. Fortaleza, Banco do Nordeste S.A., 2003, 288p.
- FUNDAÇÃO CENTRO DE ESTUDOS DO COMÉRCIO EXTERIOR - FUNCEX. Disponível em: <<http://www.funcexdata.com.br>>. Acesso em: março de 2015.
- GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **Quem já está na ZPE Ceará**. 2013. Disponível em <<http://www.zpeceara.ce.gov.br/index.php/quem-ja-esta-na-zpe>>. Acesso em 5 de novembro de 2017.
- GRUBEL, H. G.; LLOYD, P. J. Intra-industry trade: **the theory and measurement of international trade in differentiated products**. London: MacMillan Press, 1975.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Contas regionais**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=5>. Acesso em: outubro/novembro de 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA-IPEA. **Banco de dados**. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>>. Acesso em: outubro/novembro 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ – IPECE. **Banco de Dados**. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br/index.php/banco-de-dados-cipp>>. Acesso em: outubro/novembro 2017.

_____. (IPECE). **Desenvolvimento Econômico do Ceará: evidências recentes e reflexões**. Fortaleza, 2014, 402p.

_____. (IPECE). Um perfil das empresas atraídas pelo FDI no período 2001-2006. **Texto para discussão**. nº 28, IPECE, Fortaleza, 2006a. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br>>.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional: teoria e política**. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.

MARKWALD, R; PINHEIRO, A.C.; FALCÃO, C, POURCHET, H. Índices de preços e quantum do comércio exterior. **Texto para discussão**. nº 134, Funcex. Rio de Janeiro, 1998.

MELO, M.C.P. Empresas Incentivadas e o perfil exportador do Estado do Ceará em um ambiente globalizado. In: **Trajетórias de desenvolvimento local e regional: uma comparação entre região nordeste do Brasil e Baixa Califórnia (México)**. AMARAL FILHO, J. e CARRILO, J. (coordenadores). Rio de Janeiro, E-papers, 2011.

MICHAELY, M. **Theory of Commercial Policy: Trade and Protection**. Oxford: University of Chicago Press, 1997.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO (MDIC). **Um novo Ceará**. (2014?). Disponível em < <http://investimentos.mdic.gov.br/public/arquivo/arq1400592222.pdf> >. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

ORGANIZATION ECONOMIC FOR COOPERATION AND DEVELOPMENT – OECD. **Science, technology and industry score board 2001 – towards a knowledge – based economy, 2004**. Disponível em: <<http://www.oecd.org.br>>. Acesso em: outubro/novembro de 2017.

O POVO. **Porto do Pecém inaugura nova rota para exportações de frutas para a Europa**. Agosto de 2017. Disponível em < <https://www.opovo.com.br/noticias/economia/2017/08/porto-do-pecem-inaugura-nova-rota-para-exportacoes-de-frutas-para-a-eu.html> >. Acesso em 18 de agosto de 2017.

_____. **Expansão. Rotas ampliam o acesso a mercados**. Outubro de 2017a. Disponível em < <https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/10/expansao-rotas-ampliam-acesso-a-mercados.html> >. Acesso em 1 de outubro de 2017.

_____. **Exportações cearenses. O mundo que se abre**. Outubro de 2017b. Disponível em < <https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/10/exportacoes-cearenses-o-mundo-que-se-abre-com-o-hub.html> >. Acesso em 1 de outubro de 2017.

_____. **Por que só a ZPE do Ceará funciona?** Março de 2017c. Disponível em < <https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/opovoeconomia/2017/03/por-que-so-a-zpe-do-ceara-funciona.html> >. Acesso 5 de novembro de 2017.

_____. **ZPE do Ceará vai ajudar a nortear novo marco regulatório do setor.** Março de 2017d. Disponível em < <https://www.opovo.com.br/noticias/economia/2017/03/zpe-do-ceara-vai-ajudar-a-nortear-novo-marco-regulatorio-do-setor.html> >. Acesso em 05 de novembro de 2017.

_____. **ZPE já tem primeira indústria de granito.** Março de 2017e. Disponível em < <https://www.opovo.com.br/jornal/economia/2017/03/zpe-ja-tem-primeira-industria-de-granito.html> >. Acesso em 5 de novembro de 2017.

O POVO. **Estado se prepara para intensificar internacionalização.** Agosto de 2017f. Disponível em < <https://www.opovo.com.br/jornal/economia/2017/08/estado-se-prepara-para-intensificar-internacionalizacao.html>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

PAIXÃO, M.C.S.; NOGUEIRA, J.M. Investimento Estrangeiro Direto no Nordeste Brasileiro: relação com o meio ambiente, inovações e potencial de *spillovers*. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 48, n. 2, p. 45-60, abr./jun., 2017

SECRETARIA DA INFRAESTRUTURA (SEINFRA). **Porto do Pecém inicia nova rota de exportação de frutas para Europa.** Disponível em < <http://www.ceara.gov.br/2017/08/18/porto-do-pecem-inicia-nova-rota-de-exportacao-de-frutas-para-europa/> >. Acesso em 18 de agosto de 2017.

SILVA FILHO, E.B. Trajetória recente do investimento estrangeiro direto e em carteira no Brasil. **Boletim de Economia e Política Internacional**. Brasília -BEPI. Brasília:IPEA, n.19, janeiro-abril 2015.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT - UNTACD. **Handbook of Statistics 2016**. United Nations, New York, 2017.

VIDAL, M.F. Comportamento Recente da Fruticultura na área de atuação do BNB. **Caderno Setorial ETENE**. Ano 2, n 15, setembro, 2017. Disponível em < https://www.bnb.gov.br/documents/80223/2509338/fruticultura_9_2017%28V2%29.pdf/78355bff-67a5-d1b9-be93-fa2471ef523a >. Acesso em 23 de novembro de 2017.

_____. Panorama da Piscicultura no Nordeste. **Caderno Setorial do ETENE**. Ano 1, n 3, novembro de 2016a. Disponível em < https://www.bnb.gov.br/documents/80223/1218176/4_piscicultura.pdf/a281f37f-5929-ed0-8edc-041cc2f46742 >. Acesso em 23 de novembro de 2017